

Lívia

Maria Rosa, antes de falecer, fez um pedido a Paulo, o agrimensor, para que desse proteção à sua filha Lívia, parálitica e incapaz de prover a própria subsistência. Cumprindo o que prometeu, o jovem adquiriu uma casa simples, mas bem construída, ocupando uma área avantajada, contendo um quintal bem plantado com fruteiras típicas da região. Ali instalou Lívia, aos cuidados de Têê, a quem contratara para a tarefa. Provida a casa com o que era necessário, o moço voltou às suas tarefas, medindo terras e, paralelamente, tocando garimpos de diamante e ouro, alimentando o sonho de um bamburro que o viesse libertar da pobreza. Paulo não sabia guardar o que ganhava, era tido e havido por mão aberta, ganhando na velocidade do vento e gastando como relâmpago, quase sempre doando aos mais necessitados. Só a sorte no garimpo, poderia trazer de uma vez o volume de recursos necessários, para que ele se libertasse daquela vida, voltando aos sonhados estudos na Capital. Ia vivendo assim, ganhando, gastando e sonhando.

Lívia, presa ao leito, apesar de parálitica e entregue aos cuidados de estranhos, era alegre, dando mostras de completo alheamento de sua dor. Falava com desenvoltura, dava conselhos com sabedoria e alegrava a todos com sua voz maviosa, que sabia acompanhar ao bandolim ou violão. Era comum as pessoas virem ao encontro de Lívia, para se

aconselharem ou se deleitarem com seu canto quase mágico. As preocupações desapareciam, os ânimos se acendiam e as decisões eram tomadas, ao embalo das canções ou dos conselhos de Lívia. Têê, de encarregada do zelo e dos cuidados da casa, passou a ser amiga, irmã e admiradora da moça parálitica.

E a vida fluía, permitindo a cada um escrever a própria estória, no livro da existência. Paulo trabalhava e sonhava com a fugaz riqueza dos garimpos; Têê se desdobrava no zelo e Lívia aconselhava, enquanto alegrava com o seu cantar de cotovia.

Certo dia, ao entardecer, Paulo conversava com amigos no alpendre do casarão alugado para sua permanência na cidade, enquanto durasse o seu trabalho como agrimensurador, quando todos tiveram atenção desviada para um caminhão que descia pela rua principal. Era a grande novidade esperada por todos, pois era aquele veículo e o seu condutor o Timbó, o principal veio de comunicação com os centros maiores. Levava e trazia de tudo, mercadorias, pessoas, notícias, esperanças e decepções. Timbó, o motorista, era o santo e o capeta, era o modelo das aspirações dos jovens, a esperança de fugas para as donzelas, o consolo das damas mal casadas e o objeto do ódio dos maridos ciumentos e, talvez, traídos. Era o Timbó, anjo e diabo, cantador e sanfoneiro indispensável para a animação das novenas. Era comum, para desespero dos maridos e rapazes, marcar-se a festa, para o dia da provável chegada do Timbó.

O caminhão, para surpresa de todos, para em frente ao casarão do doutor Paulo. O Timbó desceu rindo e falando alto.

— Tá aí sua encomenda, seu doutor. Os outros encomendam discos, jóias e corte de vestido para agradar mulher e você encomenda cadeira de rodas.

E riu, gargalhando, irreverente, enquanto completava.

— Dá próxima vez você vai encomendar uma cangalha para uso próprio, pois ela é a ferramenta de burro.

Gargalhou mais ainda, no que foi acompanhado pelos demais circunstantes. Paulo, um pouco desajeitado, recebeu a

encomenda colocando-a no alpendre, pagando o frete e o preço. Timbó, barulhento, retomou o volante, dirigindo-se para a pensão, onde se hospedava e era ansiosamente esperado.

Paulo, tão logo escureceu, fez-se rua afora, levando a cadeira de rodas que encomendara para Lívia.

Noite escura, chegou o jovem à nova morada de Lívia, trazendo para perto do leito, o inusitado presente.

Lívia, com esforço sentou-se na cama, olhando boquiaberta o presente que lhe era trazido. Era algo impensável naquele tempo, uma cadeira de rodas, onde mal se falava de outros avanços corriqueiros da tecnologia. A moça sorriu, adoçando o sorriso com lágrimas que não poderia conter. Quase em sussurro falou:

— Doutor, como você pensou nisso? Quer matar-me de alegria?

— Você merece, agora vai passear e poderá até cantar na Igreja.

Têê veio transbordante de alegria, acariciando a amiga.

— Agora vou levá-la a passear, quero vê-la feliz.

— Eu sou feliz, pois aceito com resignação as provas que me são oferecidas.

— Mas a felicidade não tem limites, quero-a ainda mais feliz.

— Você é boa, Têê, tão boa que se alegra com a felicidade alheia, esquecendo-se de si mesma.

Teco, um menino que vagava pelas ruas, olhava admirado aquela máquina incrível, a cadeira de rodas, acariciando-a com as mãos, como se temesse arranha-la. Têê e Lívia contemplavam a cena, sem esconder um toque de doçura no olhar. O menino, embevecido, rodeava, abaixava-se, levantava-se como se fascinado pela novidade.

— É muito bonita, deve ser bom andar nela!

— Não, Teco, bom é correr solto e livre com as próprias pernas e isso você tem, observou Têê.

— É ... Mas ...

O menino encheu os olhos de lágrimas, olhando para as amigas sem poder completar a frase, rodopiou nos calcanhares e saiu correndo, desaparecendo na escuridão. Paulo admirado quis saber sobre o menino.

— Quem é ele Têê?

— É o Teco, um menino que anda solto na rua. Ninguém sabe de onde veio e quem são seus pais. Pede coisas aqui e ali, alguns o atendem, outros o maltratam, supondo que ele possa furtar alguma coisa.

— E o que ele faz aqui?

— Doutor Paulo, o Teco é um menino diferente, ele sempre aparece nos momentos certos, serve com alegria e desaparece. Quando queremos saber alguma coisa sobre seus pais e onde moram, ele baixa a cabeça, dá uma desculpa, esgueira-se vagorosamente pelos cantos e some sem dar respostas.

Têê calou-se por um pouco, voltando a falar logo após.

— O Teco chega bem cedo, antes de levantarmos, enche a caixa d'água com a bomba, varre o terreiro, mantém o quintal limpo, olha tudo como se fosse um homem, faz as compras que necessitamos, sempre com solicitude. O que nos causa espécie é o fato dele não se alimentar em nossa frente, recebe o almoço ou o jantar em uma lata, agradece e se vai com ela. É uma criança esquisita, mas é dócil, obediente e útil.

— Ele não frequenta a escola?

— Não, eu e Livia o estamos ensinando a ler e escrever e ele demonstra inteligência e grande interesse.

O curso da conversa voltou para a cadeira de rodas. Livia mostrava-se radiante com o presente.

— Paulo, eu agradeço este gesto de bondade, estou alegre mas sei que não mereço esta dádiva.

— Esqueça isso, ninguém sabe onde estão os limites do merecimento. Você vai aproveitar, vai passear e ver as coisas

onde elas estão.

— Você é bom, eu desejo que seja feliz.

Na mesma noite, Lívia que não se continha de alegria, foi colocada na cadeira e, pelas mãos de Têê, fez o primeiro passeio. Misturava lágrimas e soluços, com sorrisos, colocando para fora de si, no caldeamento da dor e da alegria, tudo o que lhe ia na alma. A alegria sufocava o sofrimento, a gratidão anulava a dor, ressaltando as virtudes daquela alma singular.

A lua escapava das nuvens, clareando a noite com o dourado luar, como se viesse cortejar a jovem parálitica em seu primeiro passeio.

— Têê, como é bom o dom da locomoção, o andar, o ir, o ser e estar onde desejamos. Eu louvo a Deus, pela bênção de recebê-los em meus caminhos.



A noite avançou, estendendo o seu véu dourado pelo luar, sobre o silêncio das gentes, amavam, na recomposição para um novo dia de lutas, no aprendizado da vida.

Paulo caminhava para o seu casarão, remoendo nos pensamentos os acontecimentos do dia.

— Quem sou eu? Por que estou aqui? Por que só pensamos em ganhos, lucros e a satisfação de interesses imediatos? Será que existo, ou seria um sonho? Neste vale de lutas, sofrimentos, decepções e dores, será que vale a pena viver?

E o agrimensor caminhava, perdido em seus pensamentos, quando teve atenção desviada para um vulto que se aproximava. Era uma senhora idosa, vencida pelos anos, saía comprida escura, blusa de mangas compridas, cabeça recoberta por um lenço, mal deixando transparecer um rosto encarquilhado e desfigurado pelas rugas. Olhos fundos, voz sumida, estendeu a mão súplice ao jovem.

— Meu filho, tenho fome e me fogem as forças para suster meu corpo em pé. Você poderia auxiliar-me?

A morada do agrimensor estava a alguns passos. Tomou a velha senhora pela mão, fazendo-a entrar em casa.

— Venha comigo até à cozinha, lá encontraremos algo para matar a tua fome. Como te chamas?

— Marta.

Paulo serviu leite, bolachas, colocando na mesa, sentando-se em frente à velha.

— Tome leite com bolachas, é bom para refazê-la e leve este pacote para casa. Leve também esse dinheiro para comprar o que deseja.

O jovem colocou um pacote de bolachas e algumas cédulas num canto da mesa e passou a falar com a mulher.

— Tia Marta, onde você mora?

— Na casa do Senhor.

Paulo associou o nome senhor, a apelido de alguma pessoa, o que era usual naqueles tempos.

— O que está fazendo? Não acha perigoso andar à noite?

— Eu desejava encontrá-lo!

— Para quê?

— Para dizer que vale a pena viver, principalmente quando se é capaz de sufocar o mal pelo exercício do bem. Nunca duvides da existência; quem age ou reage, é porque existe. A vida na carne, é uma pausa que o Pai nos oferece, para provarmos o que aprendemos na grande escola da existência.

Paulo ficou boquiaberto com o jorro de sabedoria que efluía daqueles lábios murchos, de onde nada esperava e que respondiam aos seus questionamentos. Aquela velha senhora parecia adivinhar.

— Onde você aprendeu isso, Tia?

— Nas caminhadas do tempo, meu filho; caminha o teu próprio caminho e tu verás que tenho razão.

— Vale a pena viver?

— Vale, pois é no viver que se esconde o aprender.

Paulo deteve-se no rosto enrugado da velha, que embora envelhecido, parecia luzir, os olhos brilhavam como luzes em um túnel. Ela olhou demoradamente para o agrimensor e falou.

— Meu filho, deixe que a fé, de mistura com a razão, vençam a tua descrença; não te esqueças que o Criador é maior que sua obra.

Alguém chamou por Paulo, na porta de entrada. O jovem foi atender a quem chamava, não encontrando pessoa alguma. Ao retornar, a velha senhora não estava na mesa. Paulo procurou-a por todos os lados, sem sucesso. Retornando à mesa verificou que o leite e as bolachas ali estavam, sem serem tocados, apenas as cédulas desapareceram. Paulo estranhou, mas agasalhou o pensamento de que a Tia Marta ficara satisfeita, apenas, com o dinheiro. Talvez fosse uma ilusão o fato de vê-la servir-se do leite e das bolachas. De qualquer forma, o que ouvira de Tia Marta, afinado com os seus pensamentos anteriores, não deixava de ser intrigante. Foi difícil conciliar o sono naquela noite.

No dia seguinte, como era o seu costume, antes do trabalho, foi fazer a visita matinal a Lívia, para prover o que faltasse.

Lívia, aboletada na cadeira de rodas, o recebeu, como se fora uma criança exibindo o presente de natal. Conversaram sobre tudo, enquanto Tê-tê ultimava os preparativos para o café da manhã. No quintal, Teco ia e vinha, limpando, colocando coisas nos lugares, alimentando galinhas e patos.

Quando o menino se deu conta da presença do agrimensor, veio correndo em sua direção, trazendo algo na mão, que lhe entregou.

— Doutor Paulo, a Tia Marta mandou entregar isso ao Senhor.

Paulo recebeu, verificando que eram as cédulas, que na noite anterior, havia ofertado à velha senhora. Quedou-se

espantado com o fato.

— Você conhece a Tia Marta?

— De vez em quando ela aparece, dá conselhos e vai embora.

— Onde ela mora?

— Isso eu não sei.

— Conhece alguém com o apelido de Senhor?

— Não.

Teco voltou para o quintal, ultimando os afazeres a que se propusera. Paulo, dirigindo-se à Têê e Lívia, quis saber sobre a senhora da véspera.

— Vocês conhecem uma senhora idosa, que diz chamar-se Marta?

Lívia tomou a palavra.

— Ela sempre aparece nas horas de dúvidas, aconselha e vai embora. Ela fala muito a teu respeito.

— Como, se eu não a conheço?

— Não sei, mas ela o conhece e parece preocupar-se com o que fazes.

Paulo contou às duas amigas o que ocorrera na noite anterior e a inusitada devolução das cédulas por intermédio do Teco.

— Lívia, cada dia a vida me oferece facetas mais complicadas para entender os “porquês” dos fatos. Eu não gosto de estar metido no meio de tantos acontecimentos, inexplicáveis para o meu entendimento. Gostaria de viver uma existência normal como os outros, preso apenas às necessidades corriqueiras do dia-a-dia. Por que tantos mistérios, complicações e desencontros?

— Paulo, o que falta em você é a fé. Creia em Deus, na existência do mundo espiritual, na lei da ação e reação e na inexorabilidade da evolução e tudo se tornará claro para ti.

— Eu não posso acreditar naquilo que a razão não pode aceitar.

— E o que é razão para você?

— É a convicção que só a comprovação científica pode oferecer.

— Paulo, a comprovação científica é precedida pelo questionamento filosófico, pois nenhuma tese pode ser erigida, sem a base do pensamento filosófico. Antes da ciência e da pesquisa que ela impõe, existe a verdade, o conhecimento, de onde ela deriva. A fé é a crença nessa verdade, que precede a sua comprovação pela pesquisa científica. E essa verdade, meu caro doutor, é Deus, manifesto na existência.

— Lívia, de onde você retira esses conceitos, uma vez que você não frequentou escolas e não tem contatos com pessoas instruídas?

— Paulo, nada de novo existe no Universo; o conhecimento está aí, inserido no Livro da Existência; basta que você tenha a percepção para absorvê-lo.

Teco aproximou-se de Lívia, dirigindo-lhe um olhar doce e cativante como se fora do cão para o dono.

— Tia, enchi a caixa d'água, limpei o quintal, dei milho às galinhas. Você quer que eu faça mais alguma coisa?

— Não, Teco, Deus te pague por tudo.

— Deus já pagou, tia, colocando vocês em meu caminho. Tchau, tia, tchau Têê.

O menino ia saindo, quando Paulo o chamou.

— Teco, fique com esse dinheiro para você.

— Não, doutor, é muito dinheiro, vão pensar que eu furtei.

— Leve o dinheiro, compre coisas, se alguém duvidar, mande falar comigo.

Teco saiu correndo, como se perseguisse o vento. Paulo observou para as amigas:

— Essa criança guarda algum mistério em sua vida e, eu estou tomado de curiosidade.

— Paulo, a vida guarda em cada encruzilhada, um

infinito de ensinamentos, para quem tem olhos para ver. Você está numa dessas encruzilhadas, basta abrir os olhos para perceber.



O tempo fluía, o agrimensor se apegava ao trabalho de medição de terras, quase como desculpa para abstrair-se dos fatos que ocorriam à sua volta.

Chico Berro, fazendeiro de muitos alqueires e milhares de cabeças de gado, era o homem tido e havido como o mais rico da região. Era atrabiliário e bufão, fazendo prevalecer sua vontade pelo grito e pela força. Era um homem grande, ativo e trabalhador; vestia-se à moda dos boiadeiros, com botas de cano longo e o inseparável chicote à mão e o trinta e oito à cinta. Era uma ameaça constante a quem estivesse por perto, pois gostava de ser obedecido e não tolerava teimosias. O apelido provinha do berro das vacas em suas inúmeras fazendas. Chico Berro, além da pecuária, explorava um garimpo, de onde jorrava diamantes e ouro em abundância, o que fazia aumentar sua fortuna, ambição e brutalidade.

Certo dia, Chico Berro, sem se anunciar, entrou na casa onde residia o agrimensor, arrastando as esporas, indo direto para a cozinha, onde o dono se encontrava, na hora do desjejum. Falava aos gritos, como era seu costume.

— Cadê o café, seu doutor?

Paulo, um pouco assustado veio ao seu encontro.

— O que deseja, seu Chico?

O estranho visitante, sem ser convidado, puxou uma cadeira sentando-se nela, irreverentemente, de forma invertida.

— Quero que você vá comigo hoje, avientar a minha divisa com a fazenda do Acácio, pois ele quer entrar em minhas terras. Além disso, eu quero nivelar um rego d'água, para as batidas de meu garimpo.

— Nesta semana eu não posso, tenho compromissos já firmados.

— Deixa os compromissos pra lá! Gritou o fazendeiro.

— Eu dei minha palavra!

— Palavra é dinheiro, é grana, é tutu!

— Pode ser para você, mas não para mim!

— Eu pago bem e adiantado!

— Não adianta Chico, eu só posso ir na próxima semana.

— Pois então vá pro inferno com tua medição, eu vou procurar outro.

O fazendeiro saiu como um furacão, soltando farpas, ameaças e palavrões, o que despertou a curiosidade da vizinhança. Paulo deixou que o mal educado se fosse, consciente de que despertara a ojeriza do mesmo contra sua pessoa. Não demorou nada e um fiscal da Prefeitura veio intimar o agrimensor para o pagamento de impostos referentes ao exercício da profissão. Logo mais, um contrato de serviços já firmado com um outro aparentado de Chico Berro, foi rompido sem explicações. Paulo começou a sentir o peso da influência do poderoso fazendeiro.

Passados alguns dias, andando pela rua principal, o agrimensor teve a atenção desviada por palavrões e pancadas de um homem e gritos e choro de criança. O moço correu rápido, tomando ciência do que acontecia. Chico Berro surrava uma criança que apanhava mangas maduras dos galhos de uma mangueira, que caíam por sobre o muro alto da casa do fazendeiro, que ocupava todo o quarteirão. O jovem não suportou o que via, aproximando-se e tomando o menino das mãos do agressor.

— Você está maluco, Chico, espancando uma criança por causa de mangas que vão apodrecer?

O fazendeiro raivoso, somando o fato à mágoa que guardava contra o agrimensor, esboçou uma reação pronta.

— O que você tem com isso, seu doutorzinho de merda?

— Você não pode espancar ninguém; se pensa que é dono do mundo, está enganado!

— Eu estou ensinando esse moleque a não ser ladrão!

— Ele não é ladrão, além disso os galhos da mangueira estão sobre a rua e ela não é tua.

O povo iniciou uma aglomeração, com maior número de pessoas que temiam ou detestavam o Chico Berro. O menino agredido era o Teco, conhecido do doutor Paulo. O fazendeiro, exasperado, ameaçava aos gritos.

— Na minha propriedade quem manda sou eu, quem se meter apanha e, se você não soltar esse moleque eu vou surrar os dois.

— Pois venha experimentar, seu Chico Bôrra.

O fazendeiro, ao ouvir o deboche do moço com o seu apelido, sacou de uma arma e veio como uma fera esfaimada para cima dele. O povo entre o susto e a comicidade do novo apelido que surgia, ria disfarçado, pois no fundo todos odiavam o fanfarrão. Algumas pessoas graúdas da cidade, comerciantes, fazendeiros, e outros se meteram na questão, tentando evitar um mal maior. Foi aí que apareceu uma freira, completamente desconhecida; aproximou-se do Paulo, tomando sua mão e a do Teco, convidando-os a saírem dali.

— Paulo, vamos embora, não vale a pena conflitar-se com ninguém.

Paulo não teve como resistir ao convite da religiosa, que nunca vira, saindo com ela, que caminhava entre ele e o Teco, tomando o veio da rua principal. Falavam.

— Quem é a senhora?

— Madre Angélica.

— Chegou a pouco tempo? Eu nunca a vi na cidade!

— É, cheguei a pouco tempo, mas já vi você algumas vezes.

A freira, enquanto caminhavam, demonstrou conhecimentos sobre a vida de Paulo, que o deixou intrigado.

— Paulo, você já recebeu provas suficientes, para tomar uma posição de aceitação das verdades eternas. A relutância contra a fé, é fruto do orgulho intelectual que você deve vencer.

— A senhora acha que eu devo tornar-me católico?

— Não, eu suponho que te basta acreditar em Deus e na sobrevivência do espírito e sua caminhada evolutiva, com as pausas da reencarnação.

— Eu fico admirado de encontrar uma freira falando em reencarnação!

— Eu também, mas creia, a reencarnação é uma verdade e necessária ao avanço do espírito para Deus.

— Teu bispo sabe que você pensa assim?

— Ele também acredita e propaga a verdade da reencarnação.

Paulo estava admirado! O povo boquiaberto, via uma freira, de mãos dadas com o agrimensor e o moleque Teco, caminhando rua acima, até desaparecerem na sinuosidade da via pública. A freira continuou sua fala.

— Paulo, eu acho que você deve ultimar o que está fazendo; voltar para a capital, retomar seus estudos, pois a verdadeira tarefa que você e um grupo de amigos tem pela frente, está prestes a se iniciar alí.

Voltando-se para o Teco, a freira observou:

— Filho, seja honesto, continue a fazer o que está fazendo, seja bondoso e obediente para Lívia e Têê, e Jesus abençoará os teus passos.

Teco olhou para a freira e balbuciou:

— Madre, eu prometo que não vou furtar mangas.

Paulo interferiu

— Teco, você não estava furtando mangas, aqueles galhos estão na rua, as mangas são de todos.

— Pode ser, mas eu não vou mais gostar de mangas.

A freira sorriu, como se fosse uma flor abrindo as pétalas. E falou com a suavidade de uma flauta doce.

— Paulo, estamos perto da casa de Lívia, vá até lá, pois ela precisa de você. Eu vou andar um pouco mais com o Teco.

O moço tomou o rumo da casa da amiga, observando a religiosa que desapareceu na curva, levando o menino pela mão. O agrimensor mergulhou em seus pensamentos, nas suas inquietações e dúvidas. Quem seria aquela freira doce, conselheira, que nunca vira? De onde ela retirou as informações a seu respeito? Sem respostas, passo a passo, chegou à casa de Lívia. Foi recebido pela jovem já instalada na cadeira de rodas, como se fora uma rainha no trono, tal era a alegria que demonstrava. Paulo a contemplava admirado com a beleza do rosto e um “quê” indefinível, de magia e força que efluía de sua personalidade mágica.

— Como está passando, minha boa Lívia?

— Estou cada vez melhor, principalmente pela alegria que você, a Têê e o Teco me trazem.

— Como você pode se julgar feliz, presa a uma cadeira de rodas?

— Essa cadeira, meu amigo, não é prisão, pelo contrário, são pernas que me dão a liberdade da locomoção. Lembra-te que há poucos dias eu estava jungida ao leito, enquanto que, agora, eu posso me locomover. Sou feliz!

— Mesmo assim, você tem limites e eu não sei como pode sorrir e esparrizar tanta alegria e otimismo.

— Paulo, todos temos alguma forma de limitação; alguns têm limites físicos, outros os têm no espírito ou no intelecto e, alguns, sem o saberem são limitados, mesmo em pleno viço, no poder e no fausto. A verdadeira liberdade só nos é atribuída pela fé, pela consciência da imanência do poder de Deus em nós. É o que te falta meu amigo, o despertar da fé, da certeza de que o Poder Maior jaz dentro de ti mesmo.

— Lívia, eu não sei de onde você retira tanto saber.

— Do livro da vida, meu amigo.

— Onde posso encontrar esse precioso livro?

— No alfarrábio do tempo.

Têê entrou trazendo uma bandeja com café e biscoitos para os amigos. Servia, enquanto falava.

— Paulo, eu fiquei sabendo que você teve uma alteração com o Chico Berro. Afaste-se dos caminhos dele, deixe-o ir para onde quiser e fazer o que desejar. Tome outros caminhos, é melhor para você.

Paulo, sem defender-se narrou o que acontecera e, lembrando-se da freira, indagou:

— Vocês conhecem a Madre Angélica?

— Por quê? Inquiriu Lívia.

O agrimensor narrou o episódio da interferência da religiosa na hora do conflito com o Chico Berro. Lívia abriu um leve sorriso, como se escondesse alguma coisa. Têê olhou significativamente para a companheira, sorriu e se foi para seus afazeres.

— Lívia, alguma coisa vocês estão escondendo de mim.

— Não escondemos nada, apenas estamos perplexas, como você. Essa bondosa religiosa, já nos visitou algumas vezes e, da mesma forma que a Marta que já vistes, ela aconselha, conforta e se vai, deixando um aroma no ar e muita paz no coração. São seres excepcionais, aceite-as como são e esqueça.

— Lívia, minha vida é uma colcha de retalhos de fatos contraditórios e intrigantes, que me colocam sempre em guarda e em dúvidas. Talvez fosse melhor que os fatos se escancarassem para mim de uma vez.

— Paulo, a ninguém é dado penetrar os desígnios de Deus; se é assim, é porque deve ser o melhor para você.

— Lívia, o que é a vida para você?

— A grande escola do espírito.

— E o que é o sofrimento?

— O sofrimento é o momento da advertência, para a reflexão e o retorno aos caminhos do bem.

— Ao teu entender, o que são as dificuldades?

— São as pausas para a comprovação do aprendizado. Se

as lições foram aprendidas, as soluções serão sempre possíveis e mais fáceis.

Teco chegou, veio ter com Livia, beijando-lhe a mão. Logo a seguir foi entregar-se a alguma tarefa no quintal. A conversa entre o agrimensor e as amigas continuava, como sempre, em nível edificante. Passado algum tempo, o menino aproximou-se do agrimensor, entregando-lhe algo que trazia com muito cuidado.

— Doutor, a Madre Angélica mandou entregar-lhe isto.

Paulo recebeu um pequeno encarte quadrado, onde se lia “Agnus Dei”. Não sabia o que era. Livia examinando o presente afirmou que era uma relíquia de um santo da Igreja Católica, geralmente usado como amuleto. O menino completou a ordem recebida, dizendo que a freira recomendara que usasse aquilo perto de si, para lembrar-se de Deus.

— Você conhece a Madre? Perguntou ao Teco.

— Não, doutor, não sei onde mora, mas sempre que estou chorando, ela aparece.

— Onde você mora, Teco?

O menino olhou surpreso para o Paulo e saiu correndo, desaparecendo na primeira esquina.

— Menino esquisito, parece que não quer que saibamos onde mora. Alguma coisa ele está escondendo.

— Seja lá o que for, o certo é que ele é um menino bom, um espírito refinado. Disso não tenho dúvidas, afirmou Têê.

Livia, como sempre, abriu um sorriso, assemelhado a um impulso luminoso.

— Eu vou descobrir quem é e onde mora, resmungou o agrimensor.

— Paulo, não force ninguém, deixe a cada um o direito de ser o que é. Auxilie, mas deixe que cada um caminhe o seu caminho.

— É, mas eu quero saber quem é ele.



Paulo voltou para o seu trabalho, olhado com curiosidade pelo povo, onde passava, motivado pelo confronto com o Chico Berro. Ao passar em frente ao quarteirão de propriedade do fazendeiro, olhou para o cenário do conflito. As mangas estavam lá. No outro dia, elas apodreciam. Mais dois ou três dias, elas estavam podres, inúteis, sujando a terra. O jovem removeu os pensamentos: Por que sonegar frutas a uma criança faminta? Por que a ambição não tem limites? Por que o poder não tem coração? Se existe Deus, pensava o jovem, só Ele sabe porque fez o mundo assim.



O tempo fluía, os fatos caíam no esquecimento, só o Chico Berro continuava o mesmo, cada dia mais rico e mais truculento. Todos o temiam e evitavam, só os ávidos de ganhos fáceis e desonestos, se aproximavam dele. A Tia Izabel e seu marido, o Malaquias, que foram expulsos de suas terras, abocanhadas pelo fazendeiro, praguejavam:

— Deus cuida dele meu véio, a Justiça Divina tarda mas não farta.

— Nada muié, se ele é rico é porque Deus qué. Pobre nasceu pra sê pisado. "A vaca do pobre aborta e o boi do rico pare". Deus gosta só de rico!

— Num diga isso, Malaca, Deus te castiga.

— Num duvido, muié, eu sô pobre.

Era uma conversa danada, cheia de mágoas e ressentimentos, mas o velho Malaca tinha lá as suas razões. Pobre, espoliado pelo poderoso, doente, sem recursos. Onde está a autoridade, a justiça, ou o Deus dos pobres e humilhados?

A vida continuava. Paulo queria saber onde morava o Teco. Contratou um moleque esperto para descobrir o que desejava. Não tardou a receber a informação desejada, ele morava em um casebre tosco e miserável escondido por um capão de mato nas encostas da serra.

Paulo decidiu ir ver quem era e como vivia o Teco. O sol se punha, escondendo-se na imponência da formação serrana. O agrimensor seguiu a trilha indicada pelo moleque vigia, saltando grotas, contornando elevações e pedras gigantes, até vislumbrar um rancho coberto de capim, sustentado por esteios de madeira roliça, paredes de taipa. Um cão vira-lata latiu, denunciando a presença do intruso. Paulo continuou aproximando-se, quando alguém, com voz sumida ralhou com o cachorro.

— Vai deitar chibiu.

O agrimensor colocou-se de pé na entrada.

— Ô de casa!

— Quem está aí?

— Sou um amigo.

— Se for de paz, entre.

— Eu sou de paz.

O jovem deu os primeiros passos para dentro do casebre. Era de chão batido, mas estava exageradamente limpo. Uma prateleira de madeira lavrada a um canto, sustendo latas e algumas vasilhas velhas, um fogão de barro ao lado, frutas silvestres em uma cuia. No terreiro limpo e bem cuidado, varais sustinham trapos e algumas peças de roupas, limpas, secando.

O agrimensor correu os olhos pelo único cômodo do casebre e defrontou-se com uma senhora, estendida em uma tarimba forrada com amarrados de capim, que o observava sem demonstrar medo. Os dois se olharam com evidente espanto. A mulher tinha olhos grandes e brilhantes, os cabelos compridos, que se jogavam teimosos sobre as dobras do capim que servia como travesseiro. Fez-se um alongado silêncio, rompido pela mulher.

— Quem é você?

— Não tema, eu sou Paulo, um amigo do Teco.

— Eu não temo nada, de mais a mais, já o esperava.

— Como você sabia que eu viria, se não falei com ninguém?

— Tia Marta e Madre Angélica me avisaram. O que você deseja?

— O Teco é um menino interessante, de quem eu gosto muito, por isso quis saber onde morava e quem é ele.

— Ele fala muito do senhor e contou-me o caso das mangas.

— Por que ele esconde a senhora, tornando difícil qualquer auxílio?

— A estória é longa e dói revivê-la, mas o Teco tem razão.

— Ele cuida sozinho da senhora?

— Ele é bom, corajoso e cuida com desvelo de mim. A nossa pobreza é compensada pela dedicação e amor do meu filho.

— Você conhece a Tia Marta e a Madre Angélica?

— Elas vêm aqui, confortam-me, dão conselhos e se vão. É uma bênção e eu aguardo com ansiedade o retorno delas.

— Onde elas moram?

— Não sei.

— E o Teco, também não sabe?

— Ele já procurou muito e não encontrou.

— Como é teu nome?

— Lia.

— Você pode contar o que aconteceu, para estarem aqui escondidos? Talvez possa ajudá-los.

— Tia Marta disse que você é bom, por isso confio e vou contar o que aconteceu.

Lia começou a sua estória. Ela era filha de um homem rico, de família tradicional de Ouro Preto, de boa índole, mas que se envolvera em questões de terras e, por consequência, nas lutas políticas pelo poder.

Lia fora educada em bons colégios, estudara música, artes e línguas, chegando a falar o francês, que era a língua da moda.

Veio o casamento, com um moço bom, da sociedade local. A vida parecia prometer oceanos de felicidade. As lutas entre famílias adversárias, aquecidas pelos interesses políticos, se avolumaram, tornando a vida dos dois clãs um tormento e uma ameaça constante. O marido, muito jovem, envolveu-se numa discussão com jovens adversários, resultando por ser morto a tiros na praça da Matriz. Vingança de parte a parte, transformou a vida num inferno. O seu pai tomou a decisão de mudar-se dali, levando consigo todos os familiares que desejassem acompanhá-lo. Com os recursos que sobejaram, vieram para o longínquo sertão de Goiás, onde compraram fazendas, gado e pensavam recomeçar a vida.

Lia, viúva jovem, bonita e sem filhos, vivia sua amargura, saudades e solidão, sendo acolitada e protegida pelo primo Joaquim, que levava consigo o apelido de Quito. A presença constante, a delicadeza natural de Quito, fizera nascer uma amizade profunda, que o tempo transformou em amor. O romance começou, as reações também. Os familiares não admitiam um relacionamento amoroso à margem das bênçãos da Igreja. Para enegrecer ainda mais os passos de sua existência, o pai veio a falecer, iniciando-se uma disputa ferrenha pela herança deixada.

Foi aí, que ela e Quito, com poucos recursos que dispunham à mão, resolveram partir em busca de um outro lugar, onde pudessem reiniciar a vida em paz.

Tudo ia bem nas novas terras. O Teco nasceu trazendo alegrias e cimentando o amor do casal. Descobriram-se garimpo de diamantes e ouro nas proximidades. A ambição se mostrou avassaladora. Os veios de minério, indicavam a propriedade de Quito, como a nova messe de riqueza. As propostas vieram velozes, para a garimpagem associada. Quito resistiu. Aqui ou ali, uma invasão de garimpeiros, sempre repelida pela negociação. Foi quando apareceu o Chico Berro, acompanhado de alguns capangas. Entrou na sala sem ser convidado, puxou

uma cadeira, sentou-se, enrolou um cigarro de palha, que acendeu com uma binga de prata. Puxava a fumaça, soltando-a vagarosamente, com os olhos fechados, como se ruminasse um pensamento tenebroso. Quito tomou a iniciativa.

— O que deseja, senhor Francisco?

— Eu não desejo, estou aqui para fazer um negócio com você.

— Que negócio?

— Estas terras que você ocupa, são minhas, você é um simples posseiro.

— Eu as comprei de teus parentes, as escrituras estão aqui.

— Não, as terras que você comprou são do outro lado da serra e, assim mesmo, os documentos são falsos.

O Chico Berro, diante da estupefação causada, aproveitou-se para continuar.

— Eu proponho a você uma sociedade. Vamos abrir as terras para o garimpo, o que produzir nós dividiremos ao meio.

— Eu não quero esse negócio, não gosto de garimpo, quero continuar minha vida como está.

— Eu não estou pedindo nada, gritou o fazendeiro, eu estou dando ordens. Você aceita, ou deixa as terras até o final da semana.

Chico Berro havia forjado documentos, com a participação ativa do tabelião, para assenhorear-se da gleba.

O fazendeiro levantou-se, deu uma baforada na cara do Quito e gritou:

— Segunda-feira, quero as terras limpas, sem ninguém aqui, se teimar não fica nada vivo, nem as galinhas.

E saiu arrastando as esporas, como um búfalo enraivecido.

Quito, refeito do susto, esboçou uma reação verbal.

— Vou procurar a Justiça.

Chico Berro voltou-se, soltou uma gargalhada que ecoou na serra, respondendo aos gritos.

— A Justiça, seu sacana, é para quem tem dinheiro e prestígio político, eu tenho os dois de sobra.

Saiu, rindo, bufando e praguejando.

Quito foi para a cidade em busca de socorro da Justiça. Procurou o delegado.

— Senhor delegado, eu peço proteção contra essa barbaridade.

— Nada posso fazer, senão perco o emprego.

Desalentado, foi ter com o juiz. O velho magistrado o aconselhou.

— Só posso fazer alguma coisa, num processo, que se inicia com uma petição feita por advogado. Aqui, nenhum advogado aceitaria a tua causa. Aconselho a deixar as terras enquanto é tempo.

Desanimado, Quito retornou, comunicando o insucesso a Lia. Preparavam-se para mudar-se no domingo. No sábado, a sede da fazenda foi sitiada, depois invadida. Quito ordenou a esposa que saísse com o filho Teco, pelos fundos. Os capangas entraram atirando, ateando fogo nas casas e currais. Quito foi morto com uma saraivada de tiros. Lia, no afã de proteger o filho, escondeu-se no mato, mesmo ferida por um bala que se alojou na região da bacia.

Chico Berro ainda ordenou a perseguição de Lia e do filho, para que não restasse resistência. Lia, passados anos de sofrimento sem recursos para extrair a bala, arrimou-se no pequeno filho para sobreviver. O ferimento a levava à paralisia completa das pernas.

Lia, após a narrativa, olhou para o Paulo e completou:

— É essa, doutor, a minha trajetória, das luzes, da alegria e dos sonhos, às brumas da miséria, do sofrimento e da dor.

— Você não sente indignação com tanta injustiça?

— Não, doutor, a Madre Angélica me ensinou que, tudo no mundo tem uma razão de ser. Deus é justo, por isso o que aconteceu, é consequência de algum ato nosso.

— Mas você nunca fez mal a ninguém.

— Nós só conhecemos um ato da encenação da vida. Outros foram vividos em encarnações que escapam à nossa percepção atual. O certo é que Deus é justo e sábio, sendo impossível que pratique injustiças.

Já anoitecia, quando Paulo decidiu retirar-se.

— Não diga ao Teco que eu estive aqui.

— Doutor, eu não minto, só não digo, se ele não perguntar.

Paulo beijou a testa de Lia, despediu-se e se foi para as suas dúvidas. Pelo menos, agora, sabia quem era o Teco.



Veio a noite como promessa de calma às paixões, arroubos e incoseqüências do homem, alguns sorrindo, outros sonhando, alguns amando, a escuridão da noite é indiferente, iguala a todos no ódio e no amor. Só o agrimensor permanecia acordado, sem odiar, sonhar ou amar. Seus pensamentos se perdiam num emaranhado de dúvidas, contradições e questionamentos.

Pensava, por que os homens se matam, se despojam mutuamente, por que tantos desencontros na esteira da vida? Por que Lívia e Lia se encontram atreladas ao leito sem beber o néctar da vida, enquanto tantos maus saltitam livres e soltos? Por que o Teco não tem direito à infância, por que lhe sonham mangas enquanto o Chico Berro tripudia sobre gentes e fortunas? Onde está o Deus, que alguns dizem ser de misericórdia e justiça, no mundo que Ele criou, onde impera tanta dor, carência e injustiça? O agrimensor arrematou seus pensamentos, como se fosse vítima de ablatação da fé, concluindo: “Se Deus é sabedoria, amor e justiça, por que permite a guerra, a fome? Por que fez o Inferno e o Demônio?”

O agrimensor, já ao amanhecer, foi traído por um cochilo. Entre o sono e a vigília, sentiu que alguém se aproximava, sem

ruídos, como se fora uma pluma. Viu desenhar-se a sua frente a figura doce de Madre Angélica. Ela sorriu e balbuciou: Paulo, Deus não fez a guerra e nem o Demônio, foram os homens quem os criaram. O mal, o sofrimento e a dor, resultam do comportamento dos homens. Mesmo assim o Creador* nos oferece a benção da oportunidade para a retomada ao caminho do bem.

O jovem despertou com o chilrear dos passarinhos e o barulho dos primeiros passos no cascalho da rua. A vida retomava o seu curso na esperança de cada dia.

Paulo, como fazia todos os dias, encaminhou-se para a casa de Lívia, onde Têê o aguardava para o café da manhã. Durante o café, o moço contou às duas amigas, tudo quanto acontecera na véspera, inclusive a visão da madrugada. As moças ouviram em silêncio toda a narrativa. Lívia, depois de algum tempo, tomou a palavra.

— Paulo, você já tem o acervo de conhecimentos capazes de convencer-te da verdade. Afinal, pelos fatos narrados por minha mãe, você já viveu experiências com o poder de convencer um bloco de granito. Não posso compreender tua teimosia em descrever da verdade que te é colocada diante dos olhos.

O agrimensor continuava calado, como se ancorado nos idos do passado. Teco, ia e vinha procurando ser útil na medida do possível. Limpeza da casa e do quintal, ninho de galinhas descobertos nas moitas, água nas caixas, pequenas compras na cidade e, entre um afazer e outro, os ouvidos atentos para as intermináveis estórias de Lívia. O menino ouvia, ela contava, ele fascinado, enquanto ela se deleitava com a presença e oitiva do pequeno amigo, o que lhe ajudava a vencer a mó do tempo e as cadeias reparadoras da paralisia.

O passeio pela cidade, na cadeira de rodas era um momento repleto de alegria para Lívia e de prazer para o menino

* Creador, aquele que dá origem, segundo Rohden

que a impulsionava. Tornaram-se figurantes conhecidos nas ruas; visitavam pessoas e freqüentavam as igrejas, protestantes e católicas, mas era no centro espírita que encontravam o alento para o espírito.

A voz de Lívia era melodiosa e extremamente afinada, tornando-se ainda mais agradável com o concurso de Têê e do Teco. Chamava atenção, prendia, emocionava.

Assim passou a viver aquela jovem singular, esparzindo alegria, numa redoma de expiação e dor.

Após o relato de Paulo, Lívia, de comum acordo com Têê, propôs que Lia, a mãe de Teco fosse trazida para sua casa, onde poderia receber o mesmo tratamento. Paulo quis ouvir o menino.

— Teco, vamos trazer tua mãe para esta casa; aqui ela terá companhia e poderá ser melhor tratada. Enquanto isso você poderá freqüentar o grupo escolar.

Teco baixou a cabeça e começou a chorar, reprimindo o soluço que teimava. Quase engasgado ele falou:

— Doutor Paulo, eu não quero repartir meu sofrimento com ninguém.

— Teco, você reparte a alegria, pode repartir o sofrimento.

Lívia interferiu na conversa tentando expungir a emoção que se avolumava no menino homem e no homem menino.

— Teco, você é mais forte que todos nós aqui, por isso vamos transformar esse sofrimento em alegria e canção. Vamos debochar do sofrimento que ele acaba ou se muda.

Teco sorriu. Têê deixou rolar uma lágrima. O agrimensor escondeu as suas na desculpa do suor. Teco aceitou.

— Vamos ser alegres, Tia, vamos fazer o sofrimento sorrir.

Lia foi trazida e alojada num quarto limpo. Ela olhava espantada. Era um palácio, ou um pedaço do paraíso?



Paulo continuou sua vida, sempre sonhando em ir para a cidade grande. A cidadezinha continuava agasalhando as gentes sem pressa, acostumadas à modorra cinzenta do entardecer sem fim, para o mergulho no esquecimento da noite.

Foguetes estouravam, espantando o silêncio, denunciando que em algum lugar, pessoas teimavam em afogar a tristeza e a desesperança, na fé e na dança que se misturavam nas novenas interesseiras, que pagam promessas feitas, renovam pedidos no beija fitas dos oratórios. O tema era sempre o mesmo, casamento, dinheiro ou saúde. Mas fosse qual fosse, a sanfona gemia, a viola acompanhava e o pandeiro marcava o ritmo do rela bucho. A cachaça, branca e malvada, embaçava o entendimento e os olhos dos pais, exaltava o propósito casamenteiro das mães, enquanto o rela-rela acendia o fogo dos dançarinos. Aqui ou ali, um casal escapava para a proteção do escuro, as moitas balançavam, as gerações aumentavam. Foi, é e será sempre assim, os afoitos se aproveitando e os que não sabem ou não podem, erigindo-se em moralistas, condenando. Não é possível negar o que todo mundo faz, só não faz aquele que não pode.

A festança era na casa da Maria Fogueteira, mulher fornida, animada, festeira e abusada. Era presença certa em qualquer movimento, fosse casamento, batizado ou velório. Cantava, tocava viola, bebia de tudo sem dar confiança para tonteiras. Diziam as más línguas, que a garrafa é que ficava bêbada em sua frente. O marido, coitado, olhava, obedecia e aturava. Não era raro, diziam, dava o lugar na cama para o amante eventual.

Nesse cenário danado, acontecia a novena, cuja cantoria e reza já dera lugar ao forrobodó.

Paulo, insone, sem ter o que fazer ou para onde ir, passo a passo foi parar na casa da Fogueteira, que veio recebê-lo esvoaçante.

— Ah! seu doutor, venha pra cá, vamos tomar um gole

pra animá.

— Eu não bebo, Maria, vou só ficar olhando.

— Não senhor, se não bebe, come biscoito e café, pois é o que não falta.

E foi empurrando o agrimensor casa a dentro, como se fora uma presa abatida. Todos olhavam admirados. Paulo resistia sem convicção, afinal, chega de tanta austeridade, tanto não pode, tanta proibição. Passado o susto, veio o licor de jenipapo e, com ele, a coragem e animação.

Maria Fogueteira puxou o agrimensor pelo braço.

— Vem cá doutor, vem dá um conselho pro Chico meu cunhado, ele quer se matar.

O cunhado da mulher, conhecido por Chico Unha, por ser um pão duro insuperável, estava sentado num canto da sala, absorto como se estivesse em outro mundo. Não dava atenção ao entra e sai das pessoas, no azáfama da festa.

— Que bicho mordeu você, Chico?

— Ah! seu doutor, perdi o cabresto e a égua.

— Arranja outros!

— Aí é que tá o nó da peia, cabresto eu posso até arranjar, mas égua igual é difícil.

— O jeito é meter uma bala na cabeça.

— Que diabo te aconteceu Chico?

— A Siana ...

O Chico, fazendeiro sovina, casara-se com uma moça da cidade, letrada, ligeira no conto e no ponto. Chico gostava dela, bem mais jovem, exibindo-a como prova de sua capacidade de conquista. Mas não dava nada, tudo era regrado, trancado, medido. Um dia, Chico vendeu uma boiada e foi obrigado a receber um cheque, depois de muito esforço do comprador, pois aquilo era novidade na região. O banco tinha agência numa cidade maior, demandando uma viagem até lá para o desconto. Chico não gostava de cidade grande, poucas vezes fora lá. Mas agora, tinha uma mulher sabida, que poderia ir em seu lugar.

Tudo combinado, Siana levada por um motorista, foi descontar o cheque. Desapareceu com o dinheiro, o motorista e o fordeco. Chico, sem o denço da Siana, queria morrer.

— Chico, arranja outro cabresto e outra égua. Boi você tem, vende outra boiada, mulher é o que não falta para homem rico.

— É doutor, mas Siana só tem uma. Bem que ela podia ser como a Maria Fogueteira, que agrada os amigos, mas deixa uma sobrinha pro marido.

— Chico, o que prende mulher é agrado e dinheiro, você só deu agrado para a Siana, ela deu no pé com o teu dinheiro e com os agrados dos outros. Arranja outra e aprende que mulher se prende com ilusão e milhão.

— Você tem razão. E se eu for atrás da Siana e der o que ela quer, será que ela volta?

— Não sei, Chico, mas o que não falta no mundo é Sianas, procura uma e recomece a vida.

Algum tempo depois, o Chico estava com outra Siana, cheia de ilusões e milhões. Ela satisfeita e ele feliz.



Paulo, alimentado o desejo de ganhar dinheiro para libertar-se daquela vida, foi para a região dos garimpos, contratado que fora para nivelar regos d'água.

Antes de partir, foi despedir-se de Livia e suas companheiras. A moça cantava em coro com Teco e Têê. Era bela e comvente a cena.

Gosto da noite,
Da brisa, do luar,
Gosto da vida,
De viver e amar.

O Garimpo

Os amigos que o destino juntara sob o mesmo teto, Lívía, Têê, Lia e seu filho Teco, iniciaram felizes uma nova etapa da vida, mesmo com as restrições que lhes eram impostas, pelos inexplicáveis labirintos da existência. O agrimensor que provia a casa do necessário, se preparava para ir aos garimpos de ouro e diamantes, para onde todos se deslocavam em busca de riquezas sonhadas. Teco seria o virtual homem da casa. Ele continuaria cuidando do quintal, das compras e de atender as mulheres em suas solicitações. O agrimensor, alimentando seus sonhos, se foi para a aventura garimpeira. Teco continuou ali, fazendo o seu trabalho, armando arapucas e colhendo frutas silvestres, para agradar e suprir a alimentação.



O garimpo materializava o sonho de riqueza para uns poucos, enquanto afundava muitos na desilusão, aumentando a miséria crônica em que viviam atirados. Era um amontoado amorfo de ranchos grosseiros, construídos com o descuido da pressa, que se escoravam uns nos outros, quase suplicando o direito de permanecerem de pé. As ruas, eram caminhos ou trilhas circundando barrancos e buracos abertos para o desmonte do cascalho. O povo, amontoado, policrônico, se agasalhava em

ajuntamentos circundando as catas, como se vigiasse as riquezas escondidas na sovínice da terra. Aqui ou ali, um rancho grande, escoteiro, coberto com palhas, paredes de taipa, denunciava um dos locais importantes do amontoado, que eram o cabaré ou o comércio do carcamano esperto. Em segundo plano vinham a capelinha singular lá no alto e a pensão da Doca.

No rancho do João Turco, o carcamano, como era conhecido, comprava-se e vendia-se tudo, até a honra e a vida. Para as gavetas do carcamano, escorria quase tudo o que era produzido no garimpo. Ele trocava quinquilharias, tecidos e calçados vagabundos, armas, munição e cachaça, por ouro ou diamante, que avaliava no "olhômetro". O quilo do carcamano tinha oitocentos gramas, o metro, oitenta centímetros, a dúzia, onze peças e assim por diante. Na hora de fazer as contas, se fosse para pagar, as centenas se transformavam em dezenas e estas em unidades, se fosse para receber, o raciocínio se invertia. Ele financiava, fornecia, estimulava a abertura de frentes de serviços, mas na hora do acerto, atolava o ferro na presa ignorante e fácil. Alguns mais afoitos, estrilavam, sem sucesso; hoje ou amanhã viriam dar o beijo para sovela do desalmado carcamano.

O cabaré, outra instituição importante naquela sociedade alvoroçada e aventureira, não era diferente das demais. Lá cruzavam-se todas as paixões, valentias e molecagens. Lá vibravam e se confundiam, o amor, a vida e a morte.

No ranchão imenso, de chão batido e taipa, dividido ao meio por um imenso corredor, que mais se assemelhava a uma estrada, os quartos ou cubículos ficavam ao longo, como verdadeiros alçapões do amor comprado. Na frente, um espaço largo, com um botequim ao lado onde eram vendidas a cachaça, a bala e a vez de amar. Bancos compridos, de madeira roliça, permitia que os fregueses aguardassem a sua vez sentados. A sanfona fanhosa e desafinada, o cantador rouco e o pandeiro surrado, convidavam para a dança mal ajambrada de homem

com homem. As mulheres não podiam, estavam na ponta da fila do amor, fingindo agradar em camas de varas ou redes.

Naquele ambiente macabro, as mulheres se vendiam e os homens se matavam. A cafetina e o rufião lucravam.

A pensão da Doca, outro ponto importante para aquela comunidade, era o lugar onde os chegantes podiam fazer a pausa para o mergulho naquele labirinto de paixões, ilusões e ambições desmedidas.

Doca, uma paraibana trintona, roliça, azeitada e esperta, de certa forma era a voz mais respeitada daquele amontoado humano. Era sabida, razoavelmente letrada, lia e escrevia cartas para os garimpeiros analfabetos. Dava comida e mantinha uma prateleira de remédios para socorrer os adoentados, vendendo-os por uma exorbitância a quem podia pagar e dando de graça aos garimpeiros lesos e escabriados. A botica da Doca, como era conhecida a prateleira de remédios da paraibana, além dos remédios conhecidos, tinha três que ela usava para quase tudo, aguardente alemã, para as "doenças de dentro", como ela dizia, o permanganato de potássio, para as "doenças de fora" e as caixas com raízes, que diziam servir para tudo, até perna quebrada, saudade e falta de dinheiro. O certo é que a Doca, era a palavra mais pronunciada, no prazer, na dor, na vida e na morte, naquele fervilhar de paixões.

Foi esse o cenário que o agrimensor encontrou ao chegar ao garimpo. Ele havia contratado serviços de nivelamento de águas, para construção de barragens e regos, alimentadores do que era conhecido por "batidas d'água", para o desmonte de manchões e a lavagem do cascalho. Era a alma dos garimpos mais ricos e, só os mais espertos e fortes podiam dominar uma "batida d'água".

Paulo arranjou-se como pode, na pensão da Doca. Ela veio pronta e prestimosa, desconfiada mas interesseira, o que era da sua alma.

— Como é doutor, é o senhor que vai arrumar a água do

Córrego Fundo para o carcamano?

— É, Doca, eu fui contratado para isso.

— Olha seu doutor, se o João Turco puxar a água só para ele, vai dar forrobodó no terreiro.

— Mas o Córrego Fundo não está dentro das terras dele?

— Não, ele nasce fora, entra nas terras dele e sai, ele não pode usar as águas só para si. E tem mais, garimpo é de todo mundo, garimpeiro só é dono da sua cata ou de sua batida d'água.

Paulo sentiu que não seria diferente dos outros lugares, ali também o homem cavalgava o corcel da ambição. Percebeu o agrimensor, que seria colocado na linha de fogo de mais uma disputa.

O agrimensor informou-se de tudo, da vida, das lutas, das rixas, pela boca da Doca. Gostou da paraibana, era inteligente, esperta, decidida. Quis saber mais.

— Doca, como é que você se agüenta no meio dessa massa desenfreada e sem limites?

— Doutor, o homem só é dominado pelo cabresto das conveniências, sejam elas da boca, do sexo, do bolso ou da força. Ninguém escapa disso, por isso eu sou respeitada. Tenho o dinheiro, a comida, o remédio, sustento o cabaré longe de mim e carrego comigo uma pistola "Walther" para convencer os teimosos. Ninguém se atreve, todos concordam ou me obedecem e eu vou vivendo.

— E o marido?

— Não tenho, não aceito cabresto.

— Mas você é nova, sadia, não tem necessidade de um companheiro?

— Homem para mim é como bala, a gente usa quando precisa, depois joga o cartucho fora.

— E qual é o revólver e a bala do momento?

— Nenhum. Eu só vou pra cama com homem limpo, sadio e desimpedido. Estou aqui é pra ganhar dinheiro.

— Já ganhou muito?

— Nem tanto, nem tão pouco, espero ganhar mais pra dar no pé.

A conversa ia bem, a Doca tinha a língua solta. Era a hora do jantar, o arremedo de mesa foi posto, o agrimensor e seus companheiros convidados. Os pratos esmaltados amontoados, as panelas colocadas na mesa. Quibebe, costela mindinha, arroz com guariroba e pequi. Era um banquete para quem guardava uma fome de dois dias.

Barriga cheia, café tomado, o agrimensor se preparou para encontrar o João Turco. Doca o advertiu.

— Cuidado, quem anda à noite aqui, só sabe que vai, nunca sabe se volta.

— Por que?

— Tiro solto, bala doida, mata mais que maleita.

Mesmo assim o agrimensor foi ao encontro do homem que o contratara.

João Turco o recebeu com calculada gentileza. Mandou servir um vinho de seu uso exclusivo, pedacinhos de queijo do sertão, carne de sol assada, como tira gosto. A conversa se iniciou franca, solta, quase amiga.

— Paulo, eu quero jogar a água do Córrego Fundo, bem no espigão, começando no Malhador, para aproveitar todo o mançã. Devem ser mais de duzentas batidas d'água. E quero isso logo, para aproveitar o período da estiagem.

— Isso tudo vai depender de duas coisas, o desnível do terreno e o teu direito de propriedade sobre as terras.

— O desnível você estuda com os teus aparelhos, quanto ao direito de propriedade, deixe por minha conta.

— Não, meu amigo, eu não vou invadir propriedade alheia, só trabalho com a concordância dos proprietários.

— A maior parte das terras são minhas, parte delas, dizem pertencer aos herdeiros dos Rodrigues.

— João, eu vou te dar um conselho, pois já vi isso muitas

vezes, nestes casos é melhor a esperteza que a força.

— O que você acha que devo fazer?

— Você tem dinheiro, financia tudo, depois cobra um percentual diferenciado. Quem for dono da terra, você cobra menos, quem não for, paga mais. No fim você vai comprar e vender para todos e, por isso, vai ficar com quase tudo, e sem brigar, que é melhor.

— Bem pensado, doutor, vamos fazer assim.

O trabalho começou, as expectativas iam às alturas, seria trabalho certo para mais de mil homens. O diamante estava ali esperando, não havia dúvidas, o dinheiro ia correr solto.

Após alguns dias de trabalho, piqueteamento pronto, abertura do rego iniciada, ao entardecer de um sábado, o agrimensor regressou para o seu rancho, fatigado pelo trabalho duro. Descansava na rede, quando a Doca, sem nenhuma cerimônia entrou, colocou um banco em frente ao jovem e desatrelou a língua. Falou de Deus e do Diabo. Contou de suas quizilas e negaças com o carcamano. Paulo percebeu que havia uma disputa entre ela e o Turco, pela maior fatia do trabalho dos garimpeiros. Inegavelmente o povaréu preferia a Doca, era ela que alimentava, curava e servia de mãe e mulher. O carcamano só explorava, só pensava na percentagem.

A Doca botou para fora o que pensava.

— Doutor Paulo, eu tenho aqui uma cessão de herança da maioria dos herdeiros do Coronel Rodrigues. Quero a metade das batidas d'água, do contrário ninguém vai ter nada.

A mulher entregou ao agrimensor um calhamaço de papéis, procurações, recibos, escrituras públicas e mapas, que provavam a sua expectativa de direito. Paulo percebeu que a coisa iria feder. O seu trabalho corria o risco de ser perdido.

— Doca, só há um jeito de se resolver isso, é conversando com o João Turco e procurando uma saída.

— Não tem saída, doutor, ou me dá a metade, ou eu bagunço tudo.

— Onde você vai arranjar forças para obrigar o carcamano?

— Aqui trabalham por volta de três mil garimpeiros, no mínimo dois mil a dois mil e quinhentos querem o que eu quero. Não tem saída, ou cede ou vai piar em outro terreiro.

— Então vamos falar com o João Turco amanhã.

— Está certo, bem cedo.

Foi uma noite danada, aquela, não havia jeito de dormir. Um bule de café se foi. O galo cantou amiudado, anunciando o dia. O sol saiu, iluminando o cenário de esperanças e sonhos, sempre distantes e irrealizados, que é o garimpo.

O povoado garimpeiro fervilhava de pessoas indo e vindo, numa azáfama febril, cada um correndo para os seus afazeres, sua cata, suas esperanças. Na ruela tortuosa, que era o caminho principal entre os amontoados de cascalho lavado e a rancharia que teimava em ser casa, descia um cortejo formado por pessoas que conduziam dois defuntos em redes armados em varáus, sustentados nos ombros de carregadores que se revezavam. Paulo quis saber.

— Doca, o que é isso, morre muita gente aqui?

— Hoje morreram poucos, só três, um empachado e esses dois aí que brigaram por mulher, se mataram e vão pro inferno, na garupa um do outro.

— Doca, vocês aqui não respeitam os mortos?

— Nem os vivos, seu doutor, aqui quem tem a goela maior engole o outro.

— Você tem a goela larga?

— Não, mas faço força e vou engolindo o que posso.

— Você não tem religião, não reza? Só pensa em ganhar?

— Aqui quem fica rezando é engolido pelo sabido.

— Mas e a alma e a salvação dela?

— Quem tem grana, paga, o padre reza pra gente.

- E o céu ou o inferno?
- Quem tem tutú, vai pro céu, quem não tem , já tá no inferno.
- Quem mata aqui nestas bandas, o que acontece com ele?
- Vai preso, paga a carceragem e volta pra matar outro.
- E quem rouba ou furta?
- Já morreu, ninguém perdoa ladrão.

Estranha concepção de Justiça aquela, mas era um ordenamento natural que os próprios fatos impunham. A autoridade, pouco diferente, estava longe dali, fazendo-se presente, apenas, na pessoa do coletor, para cobrar tributos e sumir uma parte na corrupção e o soldado, cuja farda impunha respeito e admiração, o qual prendia, julgava sumariamente, soltando quem pagasse a cara carceragem, espancando e matando os que não possuíssem nada, para acalmar aquele estranho juízo de justiça.

Doca sabia disso, daí porque juntava dinheiro e diamantes com sofreguidão, prometendo sair dali, tão logo alcançasse recursos para iniciar uma vida nova bem longe, onde, segundo dizia, gente fosse gente.

Tomaram o café, quase um almoço e foram os dois ao encontro do João Turco.

O carcamano os recebeu com desconfiança. Sabia quem era a Doca e pressentiu que algo de estranho pairava no ar.

- Como é doutor, tá perto de terminar o serviço?
- Não, João, falta muita coisa, mas apareceu um problema para você resolver.
- Problema quem resolve é o doutor e não eu!
- Esse não é problema técnico, é coisa que só você pode decidir.
- Que diabo de problema é essa?

O Turco, quando queria, falava um português razoavelmente correto, mas quando não queria, ninguém seria

capaz de entender o que falava. Paulo contou tudo, mostrou os documentos da Doca, que a tudo ouvia e observava com mil olhos e outros tantos ouvidos. O Turco subiu nas paredes. Ficou quase maluco de raiva.

— Esse nega Doca tá doida, eu comprou tudo, pagou com dinheira honesta, toda fazenda é meu.

Doca não esperou ser chamada a falar, soltou logo os cachorros no carcamano.

— Turco sem vergonha, você não comprou nada, você não tem dinheiro honesto, tudo teu é tomado dos outros. Essas terras você comprou uma parte tapeando alguns herdeiros. Eu sim, comprei e paguei e os documentos estão aqui.

— Documento nada, isso é papel vagabunda que você falsificou.

— Quem falsificou foi tua mãe, pois para parir uma coisa que nem você, só falsificando gente.

— Eu bota você pra fora.

— Se tocar a mão em mim, vai feder sangue no terreiro.

Quando os dois estavam para se agarrarem, Paulo chamou o João Turco para os fundos da casa, quase o arrastando para seguí-lo. Doca ficou ameaçando Deus e o mundo, prometendo inclusive incendiar o armazém do Turco. Sentados na mesa da cozinha, servido um chá pela trêmula esposa do carcamano, Paulo tomou a palavra.

— João, onde estão teus documentos comprovando a compra dos herdeiros do Coronel Rodrigues?

— Olha, eu comprou, tuda de palavra. Eu pagou, eu confia neles. Documenta é papel, é besteira, depois assina.

— Não, João, documento não é besteira, é com eles que você prova que comprou. A Doca tem os dela, todos na forma da lei.

— Aqui não tem lei, manda quem tem dinheira e eu tem muita.

— Não é só o dinheiro, manda quem tem poder e a Doca

tem mais de mil homens para invadir a área, além dos documentos em mãos.

— Ela tem mil homens, doutor?

— Tem e tem dinheiro também.

— Então eu tá desgraçada.

— Não, João, é só fazer um acordo com ela, você fica com uma parte e faz o que quiser e ela fica com a outra.

— Mas tudo no documento, no preto e no branco?

— Uai, turco, agora documento vale?

— Mas eu é honesta, e ele não, é brecisa documento boa.

— Tá bem, tudo no documento.

— Eu aceita, você vai e faz acordo com essa cadela.

Paulo voltou para a sala onde estava a Doca, bufando de raiva, para contar o ocorrido. Ela limpou o rosto, abriu um sorriso largo, deixando à mostra os dentes de ouro que enfeitavam a boca.

— Então ele aceita?

— Aceita, mas manera o teu jeito pra não entornar o caldo.

Paulo foi lá dentro, bebeu água, tomou fôlego e voltou com o carcamano pelo braço. O turco viu a Doca, abriu um sorriso safado e mentiroso.

— Doca, amigo, não liga pra besteira que eu falou, eu sou besta, não entende de documento. Agora doutor me explicou eu fica sabendo você é meu sócio. Vamos ganhar muita dinheiro junta, vamos ser mais amiga, eu gosta muito de você.

— Tá bem João, eu não tenho raiva, só quero o que é meu. Mas não tem sociedade nenhuma, você fica com sua parte e eu fico com a minha.

— Tudo no documento?

— Tudo, tudo assinado na frente de testemunhas.

Aquela encrenca parecia terminar ali. Paulo, após formalizar o acordo singular, voltou com a Doca para a pensão,

já na hora do almoço.

— Doca, por que você foi tão grosseira com o turco?

— Doutor Paulo, gente daquela espécie, só recua ou cede, com medo de prejuízo. Ele não tem documento e ninguém gosta dele. Ele sabe que se me enfrentasse ia levar pancada na cabeça, com prejuízo certo.

— Você é um capeta, mas tome cuidado, um dia a casa cai.

— A minha está bem armada.

— Doca, como é que você concilia a pensão, o garimpo e o bordel para ganhar dinheiro?

— Eu não vejo diferença no ganhar dinheiro com os braços, com a boca ou com o sexo, desde que sejam dos outros, a única coisa que deve ser nossa é a cabeça para pensar.

— Você é desbocada demais, Doca!

— Não, doutor, eu apenas sou o que sou, eu não sei fingir. Quando eu ganhar dinheiro, vou sair daqui e vou fingir lá na cidade. Vou bater palmas, aplaudir, sorrir, vou fingir que confio na Justiça, que respeito a lei, vou até para a igreja, fingir que acredito, tudo para viver bem e me safar do Inferno.

E riu solto, a danada, parecendo debochar da vida e do atônito agrimensor.



O movimento no garimpo ia intenso. Garimpeiro bamburrando, desacorçoando, morrendo, matando. O cabo prendendo, extorquindo e soltando. O coletor cobrando, escondendo uma parte e multando. O padre, rezando, casando, absolvendo e cobrando. A Doca e o carcamano lucrando.

O Teco-Teco esvoaçava balançando as asas sobre a buraqueira do garimpo, procurando ajeitar-se na tortuosa pista, para descer, numa verdadeira acrobacia e perícia de pilotos formados na escola da vida. O capangueiro descia, importante,

invejado, avaliava a mercadoria pelo preço que queria, pagava do jeito que desejava e se mandava, sumindo no céu cinzento de fumaça. Só a Doca e o carcamano não vendiam suas mercadorias.

A Doca amealhava diamantes e algum dinheiro, pela comida que fornecia aos garimpeiros na pensão, pelo aluguel das prostitutas no bordel e pela meia-praça dos garimpeiros nas batidas d'água e catas que fornecia e financiava. O carcamano juntava o que podia, trocando bugingangas, tecidos baratos e quinquilharias, por diamantes, sub-avaliados pelo olhar de cobiça e rapina.

A vida continuava, os sonhos, as esperanças, o trabalho duro, tudo desaguando no desalento, na desilusão ou na morte. Poucos bamburravam, sorvendo uma alegria fugaz, que não ultrapassa o sono mal dormido de uma noite.

Paulo sentia-se um estranho naquele caleidoscópio de ódios, sonhos e paixões. Caminhava para o seu rancho, quando ouviu um barulho, onde se misturavam gritos, impropérios e gargalhadas desrespeitosas.

— O que é isso? Perguntou a alguém que passava.

— É um louco que amarraram numa árvore. Uns dizem que é doido, outros, que tem espírito no couro. Tem quem diga que é o Diabo que tá na pele dele.

Paulo continuou no seu caminho, até frontear a árvore onde o homem se debatia preso por cordas e correntes, rodeado por curiosos. Aproximou-se do local, atraído por uma força irresistível.

— Por que o tratam assim?

— Ele é louco, é varrido da cuca, se ficar solto, começa a fazer besteira. Xinga, joga pedras, agride, fala palavrão e não respeita ninguém.

— Mas ele vai ficar aí, amarrado a vida toda?

— Vai, o que vamos fazer? Não tem lugar para trancar ele! Rosnou o cabo, comandante do destacamento policial.

— Deve haver uma solução, ele é doente, mas é gente, não pode ficar amarrado até morrer.

— Eu acho que é melhor matar logo ele. A gente mata ladrão e valente que perturba, por que não fazer o mesmo com ele? Gritou o cabo, acolitado pelo soldado alcunhado por Pássaro Preto, um notório matador.

— Então mata logo, não judia dele, gritaram alguns.

Naquele momento, a Doca, a dona da pensão, tomou o cacete da mão do cabo e gritou firme.

— Ninguém vai matar ninguém, se quer matar, vá matar sua mãe.

O cabo, rilhando os dentes rugiu.

— Sai daí senão te meto na cadeia e te meto o pau, pra você aprender a respeitar autoridade.

— Autoridade nada, você é um safado que se vale da farda, para tomar dinheiro e pisar no pescoço dos fracos. Comigo, você vai se estrepar, seu milico filho da puta.

A coisa ia nesse tom, dois ou três soldados cercados pela multidão de garimpeiros, que apoiavam a mulher, valentona. Todos tinham medo e raiva dos policiais. Começaram a gritar em cântico. Dá na cara dele, Doca, vamos linchar os milicos. Lincha, lincha, lincha. Eram mais de duzentos homens cercando o pequeno contingente policial. Paulo foi tomado por uma coragem, que em verdade não tinha, subiu num cupim e gritou para o povo. Todos admirados pela intervenção do jovem, pois acreditavam ser ele uma autoridade, pelo simples fato de medir terras, dividí-las e apaziguar questões, pelo que era conhecido como “doutor”, calaram-se e ouviram.

— Ninguém vai matar ninguém, o cabo e seus soldados vão voltar para a delegacia, pois são autoridades aqui. Nós vamos encontrar uma solução para este homem.

O cabo sorriu largo, satisfeito por ver sua “otoridade” respeitada. O povo, inclusive a Doca, obedeceram o comando do agrimensor. O louco ouvia tudo rindo. Depois de um breve

silêncio, o homem acorrentado falou:

— E ainda dizem que eu sou louco. Quem seria verdadeiramente maluco, eu que discordo deles, ou eles que me acorrentam e tentam matar-me? Quem é bandido, aquele que foge para não morrer, ou os que perseguem para extinguir a vida? Quem é errado, aquele que reage ao mal ou os que agem na sua prática? Quem é melhor, quem reprova a agressão à natureza, ou os que agridem e esburacam a terra, envenenam a água, corrompem ou matam, pela aquisição dos tais de diamantes? Por isso eu acho que eu sou sano e eles insanos.

Paulo ouviu, surpreso, aquele discurso revoltado. O homem falava bem, demonstrava inteligência e uma boa dose de conhecimentos.

— Então você não é louco?

— Não, eu sou perfeito, a única loucura minha, é discordar da loucura dos que se dizem sãos.

— Como é teu nome?

— Eu não tenho nome, família, identidade, eu não existo, eles, os que se dizem sanos, tiraram tudo de mim.

Paulo sentiu que aquele homem, bem ou mal, era preso de uma revolta oceânica contra a sociedade, a família e, talvez, contra a própria existência. Era inteligente, culto, algo o macerava por dentro.

— Você está com fome?

— A fome, o frio, as agressões, são o lugar comum de minha vida. Eu sou um pária no caudal da riqueza, um solitário no borburinho da multidão e um injustiçado, no altar da justiça. Eu sou um dos excluídos da experiência da vida.

Paulo sentiu que ele não era um louco, ou, pelo menos, não era um louco comum.

— Eu vou desamarrá-lo, você promete não agredir ninguém e não fazer besteiras?

— Eu não agrido ninguém, apenas reajo às agressões; não faço besteiras, apenas tento viver.

Paulo desatou os nós, cortando cordas, desembaraçando correntes. Tomou o homem pelo braço, a Doca do outro lado, tomaram o rumo da pensão, sob os olhares atônitos da turba. O cabo, ainda assustado, observou:

— Seu doutor, se ele fizer alguma bramura, não venha se queixar.

— Cabo, vá cuidar dos bêbados e dos brigões, deixe que eu cuido dele.

O louco, caminhando com esforço, vencendo as contusões recebidas, seguia com o agrimensor e a Doca. Começou a falar, ao compasso das passadas.

— Apesar de tudo, eu não tenho raiva deles, são ignorantes, incapazes de alcançar os limites do bem e do mal. Mas, não posso concordar com seus exageros, suas agressões gratuitas.

— Está bem, mas qual é o teu nome?

— O pária não tem nome, não tem identidade, é apenas um ponto geométrico, na grande reta da existência.

— O ponto é a única concepção geométrica, que não prescinde de limites, pois é, apenas, a intersecção de retas. No meu caso, eu resulto da intersecção das retas do ser e do existir.

— Mas ninguém impede que se convençione uma designação para esse ponto, para destacá-lo dos demais. Como podemos designá-lo?

— Ninguém pode dar limites para o ser e o existir.

Calou-se um pouco. Passado algum tempo, recomeçou, com inegável inspiração:

Revivendo os caminhos,
Os atalhos que trilhei,
Retornando aos escaninhos,
Da existência, eu não sei,
Quem fui, sou ou serei.

Sorriu e completou;

— Se insiste, pode me chamar Belchior.



Belchior, o novo problema ou solução do agrimensor, foi instalado num quarto dos fundos da pensão. Recebeu roupa nova e limpa, barba e cabelo feitos, higiene completada, alimentação adequada.

Todos foram advertidos para tratar o Belchior como uma pessoa normal. A vida continuou, a rotina era a mesma. Paulo, com receios, convidou Belchior para acompanhá-lo ao trabalho, o que foi aceito com rara demonstração de alegria. Assimilou com facilidade o manuseio dos instrumentos de topografia, auxiliava na feitura dos cálculos, caderneta do campo, elaboração da planta, demonstrando conhecimentos seguros de geometria, física e matemática.

Quem seria aquela criatura, que diabo estaria fazendo ali? Era o questionamento de si para si, constante na mente do agrimensor.

Uma noite, após o trabalho estafante do dia, Belchior confidenciou ao novo amigo Paulo.

— Eu não sou louco, como dizem, mas em alguns momentos, sinto impulsos que não posso dominar, guardando a impressão de que uma ou múltiplas personalidades, se apossam de meu campo consciencial. Aí eu me perco, o controle da vontade se desatrela levando-me a falar coisas que desconheço e a praticar atos contrários aos meus desejos. Quando esse processo se demora, algumas vezes eu mergulho no esquecimento, por dias ou meses, para ressurgir depois, em outras situações ou lugares, sem saber como ou por quê, o que aumenta o meu desespero e a intolerância das pessoas. Eu sou acompanhado por seres ou duendes, bons e maus, quando os maus predominam, eu caio no lodaçal, quando os bons predominam, como agora, os espinhos são afastados de meus

caminhos. Não sei o que é isso, só sei que não é uma patologia, mas um estado, um influxo que vem de fora.

— Você foi sempre assim? Como foi possível estudar e aprender o que sabe?

— Quando criança, eu me lembro, sentia presenças incômodas, alucinações, recheadas de seres disformes, aqui ou ali, aliviadas pela presença de seres bondosos, belos e suavizantes. Os meus pais, muito rígidos, ralhavam, debitando ao medo de crianças, os fatos que eu denunciava. Na puberdade, os fenômenos se agravaram com o despertar da sexualidade. Fui levado aos médicos, às clínicas, aos remédios hipnóticos e anticonvulsivos. Nas clínicas encontrei o que se poderia catalogar como câmaras de terror. Os choques elétricos, as agressões sexuais por parte de serviçais despreparados. Afundei no poço escuro da perda da personalidade. Cansados de minhas fugas das clínicas psiquiátricas, meus familiares abandonaram-me à minha própria sorte. Hoje vivo assim, entre a luz e as trevas, o ser e o não ser, sem saber o que sou e para o que sou.

— E onde você conseguiu apreender o que sabe, pois não me parece inculto?

— Fiz até o terceiro ano ginásial, com bom aproveitamento. Gostava e gosto de ler. Mas muito do que falo, vem de fora por mecanismos que não compreendo.

— Você já leu sobre o Espiritismo?

— Já, mas não gosto, aprendi a não gostar com meus familiares, que eram protestantes e muito ligados à Bíblia.

— Você leu a Bíblia?

— Pouco, muito pouco.

— Eu o considero inteligente e bem letrado, com personalidade agradável, perfeitamente capaz de superar tudo isso e viver uma vida normal. Só não sei como fazê-lo.

— Doutor Paulo, eu percebo quando essas forças que me abatem e me precipitam no fosso, começam a superar minhas forças. Elas iniciam sua ação nefasta, por uma irritação contra

tudo, de um simples ruído, uma gargalhada a uma música. Segue-se uma excitação incontrolável para caminhadas, discursos, contestações e uma capacidade atilada de ver os defeitos e falências, de pessoas, fatos e coisas. Daí a mais um passo eu me sinto desdobrado em várias personalidades, vejo as pessoas e seus passados, passando a agredí-las com fúria. Vejo cenas remotas, de outros tempos, sentindo-me inserido nelas como participante, com reflexos desagradáveis ou, agradáveis conforme as circunstâncias.

Calou-se por um pouco, levantou-se, foi até o pote d'água, serviu-se e voltou, recomeçando sua confissão. Paulo ouvia, ciente de que aquela enxurrada de confidências, poderia aliviar a mente do louco. Ele continuou.

— Uma cena teima em permanecer gravada em minha mente. Eu me vejo como guardião de uma bela e rica senhora, que exercia verdadeiro fascínio sobre mim. Em dado momento, vejo claramente o momento em que, por ciúme, assassinei um seu galanteador. As feridas que produzi naquele homem, laceram minha própria carne. Aquela cena se apaga e é substituída por outra, na qual me vejo, em outro local, agora como feitor obediente à mesma e bela senhora, auxiliando-a a enjaular uma escrava formosa e inocente, por simples ciúme da bela dama. Essa jovem e atraente escrava, pereceu enjaulada, escondida, com a minha participação direta, o que fazia como tributo a um amor louco e impossível àquela dama, a tudo alheia e distante. Esse pesadelo me leva a ver aquela bela mulher acorrentada, servida diligentemente por uma criança, que guarda as feições de seu esposo. É difícil libertar-me do impacto dessa cena por algumas semanas, sendo o meu maior receio o seu retorno ao campo de minha imaginação.

— Olha, Belchior, eu não sei como ajudá-lo, não sou letrado em psicologia. Entretanto, estou convicto que você não é louco, o que falta é uma ponte para que você atravesse o fosso do desequilíbrio, vindo do irreal para o campo da realidade

fática. Se você concorda, vou tentar fazê-lo.

— Como?

— Quando você começar a sentir a presença do duende do mal, me avise e eu irei esforçar-me para trazê-lo à realidade. Só preciso de uma coisa, que você cultive a idéia de obedecer-me. Se você me obedecer, eu te auxiliarei a atravessar a ponte.

— Vou fazer o possível, doutor, eu prometo.

A vida continuou o seu curso, com a agitação própria do entrechoque de interesses, ambições, ódios e sonhos desfeitos. Um novo elemento veio agregar-se ao já conflituoso cenário de disputas. Chegava o Chico Berro, fazendeiro rico e ambicioso, nosso conhecido, agora travestido de tocador de garimpos e comprador de diamantes. Ele se dizia proprietário de parte das terras, onde o garimpo explodira. Fez construir ranchos grandes, suprindo-os de mercadorias e provimentos necessários, ao abastecimento; abriu catas e aliciou meias-praças para o trabalho aventureiro e quase escravo. Como consequência do grande volume de cascalho retirado e lavado, o diamante apareceu em abundância. Chico Berro, financiava tudo, comprava tudo, sempre pagando o preço que queria. Vivia sempre rodeado de jagunços e pistoleiros.

A disputa foi inevitável entre o fazendeiro, misto de capangueiro e garimpeiro e os compradores de diamantes e comerciantes já estabelecidos. Além de ser um elemento novo naquela comunidade polimórfica, o Chico era prepotente, desrepeitoso e supinamente desonesto. Era de seu costume pagar menos do que valia, além de ludibriar seus sócios de garimpo, os meia-praças, no peso e na quantidade.

Um garimpeiro esperto, o Zé Baiano, que trabalhava nas batidas d'água do Chico Berro, iniciou um movimento de reação contra o seu patrão, dando origem a um movimento de quase todos os seus companheiros. Para agravar a situação, saíram algumas pedras grandes na frente de serviço, onde trabalhava o Zé Baiano. Ele alertou seus companheiros.

— Olha, nós somos explorados pelo Chico Berro, que furta no peso e no valor dos diamantes que nós achamos, além de aumentar o preço do que nos fornece. Dessa forma, nós vamos morrer escravos desse desalmado.

— O que vamos fazer? Questionou alguém

— Vamos avaliar a mercadoria por outros compradores e, depois, fincamos o pé, só vendemos pelo preço da praça.

— Ele não vai aceitar.

— Nós vamos reagir, só aceitaremos desse jeito.

— E os jagunços?

— Eles são homens como nós, o perigo que corre a caça, corre o caçador.

Um dos cabras do Chico Berro percebeu o que se passava, levando a notícia quentinha ao patrão. A reação foi imediata; Chico, possesso de raiva chegou na beira da cata dos insubordinados, com a velocidade e barulho de um furacão. Gritou autoritário, para ser ouvido e obedecido, acompanhado por meia dúzia de jagunços.

— Zé Baiano, pula fora da cata, seu filho da égua, trazendo os diamantes que tem no piquá.

Zé Baiano, era um nordestino forte, caldeado nas lutas e no sofrimento, bom conhecedor dos coronéis e valentões. Era trabalhador, letrado e liderava um grupo de parentes e companheiros. Aos gritos e xingamentos do Chico, sabendo que ele não gostava do apelido, respondeu no mesmo tom.

— Olha seu Chico Berro, vá gritar com sua mãe que não soube parir coisa que presta. Aqui nesta cata não tem moleque e nem ladrão como você. Aqui só tem homem honesto e macho.

Chico Berro, que não era acostumado a ser desobedecido, ficou surpreso com a reação.

— Seu atrevido, você diz que é honesto, mas está escondendo as pedras que saíram e, eu fiquei sabendo que são grandes e muitas.

— Ninguém aqui está escondendo nada. Só não vamos é

entregar a você, pois não queremos ser furtados no preço e no peso.

Os garimpeiros da cata vizinha, diante dos gritos e impropérios, foram se agregando ao grupo, fazendo sumir no meio deles os jagunços que protegiam o Chico. O fazendeiro percebeu que não levaria a melhor naquele mar de garimpeiros brutos e insatisfeitos. As manifestações começaram.

— Ele é ladrão, não presta conta dos diamantes que recebe.

— A balança dele é viciada, tem dois pesos, um pra ele e outro pra nós.

— Ninguém entrega nada, vamos vender fora e entregar a metade dele.

E a coisa ia esquentando. Um gole de cachaça aqui, uma cuspidada ali e um palavirão acolá, os ânimos iam azedando, quando um dos jagunços, homem duro e acostumado com aquilo, gritou:

— Respeita seu Chico, quem não respeitar, vai emendar o bigode comigo.

— Cala a boca, cobra de aluguel, se não, vamos te amarrar aqui.

— É mesmo, vamos descer o pau nesses cabras, gritou outro.

Chico percebeu que não podia reagir. Mudou o tom de voz, tornando-se conciliador.

— Está bem, o que vocês querem?

Zé Baiano pulou fora da cata, colocou-se em frente ao fazendeiro e falou de forma menos agressiva, mas com voz firme, que não deixava esconder sua decisão.

— Chico, nós não confiamos em você, por isso queremos que outra pessoa faça a avaliação da mercadoria e, aí, ou você paga a nossa parte, ou nós venderemos fora e entregamos o que é teu.

— Onde estão as pedras que vocês encontraram?

— Estão aqui, cada um com o que encontrou, mas ninguém vai entregar a você.

Zé Baiano retirou da bolsa de couro de onça, um piquá, abriu e despejou na palma da mão, meia dúzia de pedras grandes, reluzentes como estrelas. Chico olhou, faiscando os olhos de ambição.

— Mas eu tenho direito nessas pedras, eu sou o fornecedor e dono das batidas d'água. Vocês vão me roubar!

— Ninguém é igual a você, Chico, o que é teu será entregue, mas antes vamos avaliar e ver se alguém dá melhor preço que você.

— Muito bem, gritaram os garimpeiros, é assim que vamos fazer.

— E quem vai avaliar a mercadoria? Questionou o fazendeiro.

— Pode ser o João Turco, propôs alguém.

— Ele não, além de não gostar de mim ele é um rato.

— Então pode ser a Doca, ela entende disso como ninguém.

— Você tá doido, aquela besta sabe lá o que é avaliar e fazer conta?

— Besta é tua mãe, seu cachorro, respeita a Doca, ela sabe das coisas e não é desonesta como você, seu Berro.

Chico engoliu seco, estava para explodir, mas, com esforço fez sua proposta.

— Vamos chamar o sargento, ele é a autoridade aqui.

— O sargento? Você tá doido? Ele não é autoridade coisa nenhuma, ele é pau mandado seu, vai fazer o que você quiser.

A coisa estava para pegar fogo quando alguém aventou o nome do doutor Paulo, para remediar a questão.

— Muito bem, aprovou o Zé Baiano, o doutor sabe fazer conta e não tem nada a ver com garimpo.

— Eu não confio naquele comunista medidor de terras!

Rosnou o Chico.

— Você não confia em ninguém, porque não merece confiança.

— Vamos chamar o doutor Paulo, gritaram em coro os garimpeiros.



Enquanto os interesses ferviam e se chocavam no amontoado de catas, o agrimensor, completamente alheio aos fatos, conversava com a Doca, na pensão, quando lhe era servido um cafezinho, quente e cheiroso. Café torrado na panela e socado no pilão, era diferente, tinha o sabor da natureza, das coisas puras, sem artifícios. O agrimensor saboreava, gole a gole, como se sorvesse um néctar capaz de reanimá-lo, libertando-o da estafa resultante do trabalho duro e corrido. Queria terminar aquela tarefa esquisita, no redemoinho do garimpo. A Doca falava, satisfeita com os elogios ao café que preparara.

— Doutor, por que você não se casa? Você parece um homem solitário. Não gosta de mulher?

— Gosto, Doca, gosto muito, mas a mulher é como o diamante, ninguém sabe o que é antes de lapidar, pode ser gema pura ou pode ser só fenda e defeito. Como o diamante, a mulher pode adornar e enriquecer a vida, como pode dar causa e aviltar a morte.

— Isso é verdade, você tem razão. Você fala bonito, parece que tem uma paixão recolhida!

— Não, Doca, eu sou, apenas, reflexivo, não gosto de conflitos.

— Conflito, doutor, a gente não gosta e nem desgosta, eles são como o vento, vem e açoitam a gente, sem serem chamados.

— É verdade, eu sempre estou no meio de conflitos, que

não me dizem respeito.

— Falando nisso, o Belchior, o maluco, já esteve aqui duas ou três vezes à tua procura. Diz ele que a coisa, o duende ou sei lá o que, tá rodeando ele pra pegar. Como é que você vai fazer?

— Sei lá, vou procurar animá-lo para reagir.

— Por que você não leva ele, para Maria Fiandeira ver, ela é entendida nestas coisas do outro lado, da cabeça, do espírito.

— Eu não acredito nisso, mas como aprendi no sertão, quem está perdido não escolhe caminho, toma o que está na frente. Vamos lá, ver o que acontece.

Falavam, quando o amplo galpão foi tomado pelos garimpeiros. Paulo e Doca, ficam aturdidos pelo inopinado da visita não esperada.

— Que diabo é isso, o que vocês querem aqui? Interpelou a dona da pensão.

O Zé Baiano adiantou-se comunicando a decisão de pedirem a intervenção do agrimensor, na avaliação das pedras encontradas.

— Doutor Paulo, nós precisamos de uma pessoa de confiança, para avaliar essas pedras. Foi o senhor a pessoa escolhida, pois merece a confiança de todos nós.

O agrimensor, não escondendo o espanto, respondeu de pronto:

— Vocês estão loucos, eu não entendo nada de diamantes e não quero meter-me nessa encrenca.

Paulo sabia que não era apreciado pelo fazendeiro ambicioso e conhecia muito bem a fogueira da ambição que o diamante é capaz de acender. Queria distância daquela estória. Pensou consigo mesmo: Bem que a Doca falou, que conflitos são como o vento, sopram sobre nós à nossa revelia.

Zé Baiano voltou à carga.

— O senhor sabe fazer contas e pesar as pedras. É o

senhor que tem de fazer isso para nós.

— Por que não procuram o João Turco, ele entende desse negócio.

— Deus nos livre, ninguém aqui confia nele.

— Procurem, então, um faisqueiro, eles conhecem o valor da mercadoria que compram e vendem todo o dia.

— O faisqueiro é cobra de duas cabeças, ou puxa para um lado ou para o outro.

Chico Berro aproximou-se do agrimensor e, com tom quase amistoso, falou:

— Doutor, é o senhor mesmo que tem de acabar com essa encrenca. Receba as pedras, proceda a avaliação delas, para que eu pague a parte dos garimpeiros. Cada um vai pagar o seu serviço.

Doca, a dona da pensão, pessoa respeitada pelos garimpeiros, interferiu na conversa.

— Doutor Paulo, é você mesmo que tem de acabar com essa bagunça. Não existe dificuldade em avaliar diamantes. Classifica, pesa, chama um faisqueiro e ele dá o valor, tudo às claras, sem nenhum perigo de erro.

— Está bem, eu vou fazer o que for possível.

O agrimensor mandou chamar um faisqueiro, tipo comum nos garimpos, que vai diretamente às frentes de serviço comprando as pequenas pedras ou intermediando a venda das grandes para os capangueiros, que são os grandes compradores e que nem sempre estão presentes. À vista de todos, iniciou aquela tarefa singular em sua vida. Após a avaliação o Chico Berro começou a armar as suas costumeiras negaças, oferecendo pelo lote de cada garimpeiro, menos da metade da avaliação. O parceiro não aceitava e lá vinha o Chico com sua proposta desonesta, prometendo vender sua parte por aquele preço, pois bem sabia que os garimpeiros não dispunham de dinheiro limpo, em espécie, nas mãos. O Zé Baiano engrossou:

— Você faz essa proposta, porque sabe que não temos o

dinheiro para pagar a tua parte. Mas nós não vamos vender. Se quiser as pedras tem que pagar o preço justo.

— Preço justo é aquele que a gente encontra pela mercadoria, não é o que a gente quer.

— Mas isso é quando a oferta vem de pessoa honesta.

— Mas eu sou honesto! Você é que é desonesto, açulando os garimpeiros contra mim.

— Quem toma terra de viúva, compra trabalhador de gato e esconde diamante dos meia-praças, não é honesto, é ladrão.

A garimpeirada explodiu em gargalhada.

— Muito bem Zé Baiano, gritou alguém, no que foi acompanhado por grande parte dos circunstantes.

— Ladrão é sua mãe, me respeita seu moleque, gritou o fazendeiro.

A coisa começava a engrossar, obrigando o dr. Paulo a interferir.

— Ouçam todos. Eu fui convidado para intermediar uma solução e, não, para alimentar uma briga. Já que vocês não se entendem, eu vou pesar as pedras e dividí-las ao meio, cada um ficará com a sua parte e pronto.

— Muito bem, gritaram os garimpeiros, faça assim e estamos satisfeitos.

— Eu não concordo, ninguém é capaz de fazer essa partilha a olho, gritou o Chico.

Quando tudo parecia derivar para um conflito, com a chegada de alguns capangas do fazendeiro, a Doca cochichou aos ouvidos do agrimensor.

— Doutor, eu tenho o dinheiro para pagar a parte do Chico Berro, com os garimpeiros eu me acerto depois.

Paulo pediu silêncio e falou:

— Chico, se os garimpeiros pagarem a tua parte você vende?

Chico, alimentando a certeza de que os garimpeiros não

podiam reunir aquela quantia, foi pronto.

— Se colocarem o dinheiro na mesa, eu vendo.

Doca entregou uma bolsa de lona, estufada de notas emaçadas, de todos os valores. Paulo despejou a dinheirama na mesa e convidou o fazendeiro, para juntos contarem e retirarem o valor das pedras.

Chico, ao constatar a existência do dinheiro, quis escapar do negócio.

— Eu disse que venderia, para os garimpeiros e, não, para essa puta.

Foi uma gritaria danada, insultos e palavrões de parte à parte. Doca tomou a palavra.

— Está bem seu Berro, eu sou puta mesmo, igual a sua mãe, mas o negócio aqui é dinheiro e ele está aqui. Se você for o homem que diz, não vai engolir a palavra, venha apanhar a grana e está tudo acabado, ninguém vai recuar e ceder nada para você.

Paulo aproximou-se do fazendeiro procurando convencê-lo.

— Chico, vamos acabar com isso, paga o preço justo ou pega o dinheiro. Não há outra alternativa.

— Está bem, eu pago o que vocês querem e fico com os diamantes.

Foi um sururú danado, um fala-fala sem fim, a disputa terminou com a compra das pedras pelo preço avaliado. O fazendeiro sentiu-se vencido e ferido em seu orgulho, debitando tudo ao agrimensor e à Doca, passando a alimentar um azedo rancor pelos dois.

Chico Berro juntou avidamente as pedras, pagou o preço, aproximou-se do agrimensor e da Doca e rosnou:

— Vocês me pagam seus desgraçados!

Doca respondeu na bucha:

— Nada te devo, você é que tem a pagar ao Doutor, pelo serviço dele.

— Eu não pago nada, quem vende é quem paga.

Os garimpeiros ouviram e, como o pacto foi público, começaram a gritar, paga, paga, paga. Paulo, novamente pediu silêncio e falou:

— Ninguém me deve nada.

Chico e seus capangas saíram apressados, como a se livrarem de uma armadilha. Os garimpeiros, obedecendo ao comando de Doca, se cotizaram e ofereceram uma polpuda paga ao agrimensor, que mesmo relutando a recebeu. A dona da pensão tomou o agrimensor pelo braço, arrastando-o para os fundos da casa.

— Doutor Paulo, você é um besta, a gente tira do poço o que ele tem. Do couro se tira correia, do pau se tira a lasca, do amor se tira amor e do dinheiro se tira dinheiro. Você para viver, não pode ser diferente dos outros, tem que garimpar a grana e guardar, senão vai pastar no fim da vida.

— Você tem razão, Doca, mas eu não sei ser diferente. Agora me explique como você pode juntar tanto dinheiro? É fruto do trabalho?

— Doutor, se trabalho desse dinheiro, quebrador de pedra e boi de carro eram milionários. O que dá dinheiro, para quem sabe explorar, é mulher "da vida", jogo e o próprio dinheiro. Por isso, explorador de bordel, explorador de jogo e emprestador de dinheiro, ficam ricos de dinheiro.

— Por que você diz “rico de dinheiro”?

— Porque existem outras riquezas, como a saúde, o saber e o amor.

— Então por que você se mata só pelo dinheiro?

— Não doutor, eu não me mato só pelo dinheiro. Enquanto eu junto dinheiro, pela forma que ele vem fácil, eu procuro a saúde, a amizade e o amor.

— Doca, você explora as mulheres lá no cabaré, isso é correto?

— Não fui eu quem jogou aquelas meninas na vida. Eu

ganho com elas, mas dou alimento que elas não tinham, dou remédio e o que elas ganham eu guardo para que elas tenham alguma coisa para recomeçar a vida. Veja isso aqui.

A Doca abriu um armário improvisado com táboas rústicas, onde guardava várias sacolas de lona.

— Olhe bem, cada sacola pertence a uma das mulheres e guardam o dinheiro e diamantes que ganharem, para que elas possam refazer a vida. Nenhuma delas tem menos de cinqüenta contos. Tem duas sacolas, estas amarelas que estão no fundo, que pertenciam a duas mulheres que morreram de maleita, que eu vou entregar às famílias delas, quando essa aventura acabar.

— Você não acha errado a vida dessas mulheres?

— Dos males o menor. De toda a forma, elas seriam exploradas nesse mundo maluco que você conhece, ou seria o rufião, o patrão ou o marido.

— O marido também explora?

— Ele é o pior, pois escraviza a mulher. É raro o marido que trata a mulher como gente, companheira e amiga. Quase sempre ele a transforma em parideira de filhos que não cuida, cozinheira e lavadeira. E ele, o marido, na rua, no boteco, na gandaia. Quando chega em casa, bêbado, infarado de sexo, desce o pau na coitada que está lá esperando amor. Olhe Doutor, não tem jeito, “na terra de sapo, de cócoras com eles”.

Veio um cafezinho, acompanhado de pamonha. O agrimensor deliciou-se, despediu-se e se foi para o seu barraco. Agasalhou-se na rede, fazendo-a balançar, ao compasso de seus pensamentos. Que mundo danado, contraditório, esquisito. Quanto mais via e vivia, mais se dava conta de que pouco vira e vivera. Por que estaria metido naquele novelo de acontecimentos, estranhos e inquietantes, alheios à sua pessoa, sua formação e desejos? Deveria estar na cidade longe daquilo tudo, de garimpos, garimpeiros, diamantes e disputas que não lhe diziam respeito. Por que cruzar os caminhos com o Chico Berro, a Doca, o Belchior, o carcamano e outros? Não gostava

daquilo, como e por que estaria ali? Pensando e remoendo os pensamentos decidiu. Agora tinha dinheiro, iria embora, deixando tudo para trás.

Quase adormecendo, foi despertado por alguém que se aproximava.

— Doutor, o Brechó, o maluco, está furioso, jogando pedras nas pessoas e disse que só obedece ao senhor.

Paulo, impulsionado por uma força maior que sua vontade, levantou-se e seguiu o mensageiro ao encontro do Louco.

Belchior estava acuado num canto de paredes, na parte externa de um barracão. Um monte de pedras à frente, ameaçando atirá-las nos curiosos. Um cabo de enxada, de guatambú, à mão, como ameaça a quem se aproximasse. Paulo aproximou-se temerariamente do louco.

— Belchior, vamos embora, larga esse pau aí.

— Não, eu só saio daqui quando os soldados romanos forem embora. E só vou com o Doutor Paulo.

— Mas eu sou o Paulo.

— Não, você não é o Paulo, você é o feitor do Visconde, eu te conheço, você não me engana.

— Está bem, vamos comigo, lá você encontrará o Paulo.

— Então manda os soldados de Roma saírem daí.

Paulo pediu aos curiosos que se fossem, deixando-os só.

— Vamos agora.

— Agora eu vou, você é o Doutor Paulo. Por que você muda de roupa tão ligeiro?

— Depois eu explico, mas deixa esse pau aí e vamos comigo.

Seguiram os dois, Belchior falando alto, rogando pragas a todo mundo, chorando aqui, cantando ali, numa mistura amalucada de reações impossíveis de serem compreendidas. Chegaram ao alojamento do agrimensor. Logo após, chegou a Doca, trazendo bolo de arroz e um litro de leite, verdadeira preciosidade naquela região. Estendendo a mão para o louco, o

convidou:

— Vamos comer Brechó, você está com fome.

— Doca, você é puta, mas é mais pura do que as madames dos palácios. Não se avexe, Maria, aquela de Magdala, também era mulher livre, mas nem Jesus a condenou. Como aquele povo, desafiado pelo Rabi não teve coragem de apedrejar a Madalena, eu também não tenho coragem de atirar uma pedra em você. Você é boa, você é a única coisa que presta nesse monturo humano.

— Está bem, então coma.

O louco tomou o leite e o bolo, colocou-os sobre a mesa, como se fosse conviva de um banquete. Comeu e bebeu à farta, parecendo acalmar-se diante dos amigos e da comida.

Naquela parafernália desconcertante de acontecimentos, o dia se foi, dando lugar a uma noite enluarada. Belchior, agora um pouco mais calmo, falava sobre fatos, pessoas e coisas, de forma desconexa. A certa altura do falatório, afirmou:

— Paulo, eu só vou descansar quando encontrar Ana Tereza e a escrava Tuta.

— Quem são essas pessoas?

— Ah! Meu amigo essa é uma estória antiga que eu vou te contar um dia. Eu só sei que elas estão por aqui e eu vou encontrá-las.

Doca convidou os amigos, que aceitaram, seguindo-a para a casa de Maria Fiandeira, mulher simples, que vivia nos arredores do garimpo, retirando o sustento da roda de fiar. Era conhecida como espírita, benzedeira, a quem muitos recorriam na hora de sofrimentos.

O luar auxiliava, iluminando o caminho, que serpenteava entre catas ativas ou abandonadas, subindo e descendo montes de cascalho lavado ou por lavar. Os regos que alimentavam as batidas d'água fluíam soltos como múltiplas vertentes de esperança, capazes de embalar os sonhos de riqueza e libertação dos garimpeiros.

O grupo, formado pelo agrimensor, a Doca e Belchior, caminhava, como se impelido por uma força irresistível, perseguindo algo que desconheciam. Em dado momento, Belchior que caminhava à frente, estacou de sopino, voltou-se para os companheiros, indagando:

— Quem é louco, eu que jogo pedras em quem me acusa, ou vocês que correm atrás de um maluco?

Falou e caiu na gargalhada. Paulo, desperto pela observação de Belchior, pensou com seus botões: O Belchior tem razão, nós somos mais loucos do que ele. Qual o limite entre a loucura e a sanidade? O que vem a ser a sanidade ou a insanidade? Para início de conversa, eu mesmo não sei o que estou fazendo aqui! O agrimensor continuava suas reflexões, quando se viu diante de um ranchinho humilde, onde se percebia o clarão de uma chama brochuleante, tentando libertar-se das pedras de uma trempe. Era o casebre da Maria Fiandeira. Foram recebidos na porta pela dona da palhoça, mulher morena, quase negra, cabelos lisos em coque, preso por uma presilha cravejada por pedras brilhantes, que reluziam de forma atrevida e acintosa, como se pretendessem destaque na escuridão e na pobreza da residência. Ela, sorrindo, deixando visível a arcada dentária amarfinada, falou em tom suave e amistoso.

— Entrem meus amigos, eu já os aguardava. Vamos tomar um cafezinho quente que eu coei para vocês.

Entraram, sentaram-se em bancos rústicos, enquanto a fiandeira servia o café em copos de lata, brilhantes como prata. Paulo curioso olhava tudo. O chão batido, a prateleira de talos de buriti, guarnecida por pratos esmaltados, panelas de ferro e latas, muitas latas vazias aproveitadas como vasilhame. A um canto do cômodo alongado, estava a roda de fiar e o pequeno tear manual, o balaio de algodão cardado, que davam nome e sustento àquela senhora. Como poderia sorrir uma criatura solitária e perdida em tanta pobreza? O agrimensor perdia-se em reflexões. Doca, encorajada falou:

— Maria, você disse que já nos aguardava, quem te avisou anunciando a nossa vinda?

— Duas amigas que nunca me abandonam. E vocês, o que desejam?

— Nós trouxemos o Belchior; de vez em quando, ele fica excitado, perde as estribeiras e começa a fazer besteiras. Talvez você possa fazer alguma coisa, uma reza, um passe, um remédio, que o ajude.

Depois de algum tempo e boa prosa, Maria colocou a todos em volta de uma mesa tosca, leu um trecho de um livro claramente espírita, fez uma prece, pedindo o amparo do Alto. Tomou feições novas e fala com entonação diferente. Falou muito, aconselhou outro tanto, colocou as mãos na cabeça de Belchior e ordenou a seres invisíveis para os circunstantes, que deixassem aquele homem em paz. Voltando-se para Doca, falou:

— Minha irmã, ponha um ponto final no que está fazendo aqui. Venda o que for possível e vá embora recomeçar uma vida decente, cuidando de algo que possa edificar o teu espírito. Na cidade já se encontram companheiros teus, de outras vidas, iniciando o trabalho ao qual você deve se integrar.

— Que trabalho é esse?

— Vá, a própria vida te apontará o rumo.

Voltando-se para o agrimensor, falou de forma incisiva:

— Quanto a você, não perca tempo. Saia logo daqui, amanhã mesmo, para livrar-se da mão do ambicioso. Leve o Belchior e a Doca, complete a tarefa que iniciou com as irmãs Livia e Têê e volte para a Capital.

— Quem é você e como conhece a existência daquelas moças?

— Olha Paulo, você finge que não crê, mas continua com o pensamento preso no que descrê. Eu sou a Maria Rosa que você conheceu nesta existência pelas mãos de Arcana, lá na montanha, mãe de Livia a quem das proteção. Na esteira do tempo já me vistes como Hiclos, o hierofante apolíneo, na

caminhada que fizeste com Milca, Naim e Diva; não duvides, não perca o tempo, afogando a oportunidade na descrença.

Paulo ouvia, sentindo o corpo gelar como se estivesse dentro de um bloco de gelo. Viu duas senhoras chegarem, colocando-se, cada uma, ao lado da fiandeira. O agrimensor atônito, percebeu que eram a velha Marta e a Madre Angélica. Quis falar, mas obedece o sinal de silêncio feito pela freira. A fiandeira concluiu:

— Paulo, as pessoas que você está vendo, recomendam que saia daqui amanhã, para livrar-se das mãos do Chico Berro.

Aquela cerimônia esquisita terminou, Maria Fiandeira voltou ao normal e a conversa recomeçou açulada pela curiosidade do agrimensor.

— Maria, vale a pena viver tão solitária?

— Eu não sou solitária, meu ranchinho é muito visitado por amigos que me servem e oferecem oportunidade para que eu os sirva. É muito gratificante ser útil.

— Pelo que vejo você vive com dificuldades, na cidade, não seria menos sacrificante para você?

— Ninguém vive sem dificuldades, seja na roça ou na cidade. As dificuldades são as lições oferecidas pela escola da vida. Cada pessoa, em cada lugar em que se encontre, tem os seus problemas. Eu aqui tenho os meus, pelos quais agradeço a Deus a quem peço sabedoria para solucioná-los e perseverança para vencê-los.

O agrimensor quedava-se boquiaberto com tanta sabedoria.

— Mesmo com tanta carência, você parece satisfeita!

— Eu não estou, apenas, satisfeita, eu sou feliz. Não me falta o necessário e nem estou sujeita ao peso do supérfluo.

— O que vem a ser a felicidade?

— Para mim, ser feliz é contentar-se com o **ter** e o **ser** atual, sem frear o labor pela melhora. Para isso, meu amigo, é imperioso que se dome o corcel da ambição e se cultive a

virtude da paciência.

— Você não me parece uma fiandeira, tem palavras e sabedoria, de causar inveja a literatos e filósofos. De onde veio isso?

— Da escola da vida. O pássaro canoro, canta onde se encontra, na gaiola ou nas asas da liberdade. Assim, também, é o espírito, que se manifesta com o que **tem** e **é**, no lugar em que **está**. Não te esqueças que você tem um espírito, que **tem** e **é**, mas não **está** no lugar devido, urgindo que o faça, logo, tal como falou Maria Rosa, a mãe de Lívia. Vá embora, antes que a mão pesada do mal te impeça de fazê-lo.

— Maria, no meio de tanta pobreza, como você pode ostentar pedras tão brilhantes e raras, encravadas em simples presilha, adornando teus cabelos?

— Você olha e não vê a essência, só anota a forma. Eu não vivo em pobreza, pois não me falta nenhum valor essencial à vida. Vejo nas pedras, o brilho que a natureza lhes deu. Não sinto nelas o valor material que lhes atribui os olhos da cobiça.

— E se um malfeitor vier a te abordar para tomá-las?

— Eu as entrego sorrindo, desejando que ele vá e se faça feliz.

— Eu gostaria de ser como você!

— E você é, apenas teima em não ser.

Enquanto falavam, não se deram conta de que o Belchior calara-se. Ao procurá-lo, Paulo percebeu que ele dormia sobre fardos de algodão. Quis despertá-lo, a fiandeira o impediu de fazê-lo.

— Deixe-o dormindo, será bom para ele.

— Mas nós temos que ir.

— Deixe-o, ele dormirá até amanhã e sairá daqui refeito.

Paulo convidou a amiga Doca, para retornarem, preparando-se para saírem. Maria, a fiandeira, retirou a presilha dos cabelos, entregou-a ao agrimensor e, mais, uma caixinha com algo dentro.

— Esta presilha, entregue-a a Lívía. Dentro desta caixa estão alguns diamantes que você deve usar para promover o retorno à Capital.

— Como você adquiriu tudo isso?

— Os garimpeiros me presenteiam por pura bondade.

— Maria, estes diamantes são teus e você vai precisar deles para prover tua subsistência no futuro.

— As coisas só servem na proporção em que são utilizadas. Para mim elas são inertes, pois não posso utilizá-los, enquanto para você, serão muito úteis na cidade.

Maria demonstrava saber, não sabemos por qual meio, que o agrimensor deveria voltar para iniciar o seu trabalho, o que ela não poderia perceber era que, aqueles diamantes seriam o vetor do reacender da ambição, aparentemente sufocada no recesso de sua alma. Seria, em verdade, a grande prova para aquele espírito recalcitrante e teimoso.

Paulo agradeceu, retomando o caminho de volta, com a amiga Doca. Após alguns momentos de silêncio quase reflexivo, retomaram o diálogo.

— Doca, a cada momento a vida me reserva um fato ou lição, cada qual mais intrigante ou contraditório. Eu não posso compreender, por que estou sempre no meio de acontecimentos, com os quais não guardo nenhum liame aparente. Estou sempre nos garimpos ou nas glebas, sem que eu tenha interesse por pedras, ouro ou terras. Aqui ou ali eu me encontro metido em sessões espíritas, quando eu não sou espírita. Não é raro eu me encontrar no meio de disputas e confrontos, cujos objetivos e pessoas não me interessam. Por que isso ocorre comigo?

— Eu não sei, mas deve ter uma razão e o melhor que você faz, é ouvir os conselhos que recebeu, sair daqui e voltar para a Capital.

— E você, Doca, eu acho que já é tempo de sair daqui.

— Estou pensando nisso.

No dia seguinte, Paulo amanheceu com maior disposição,

o dia lhe parecia mais alegre. As nuvens corriam no céu azul, transformando-se a cada instante, formando e disformando figuras, ao sabor dos ventos, tal como os sonhos e anseios do homem no veio de seu destino, cujos cordéis não pode comandar. O agrimensor sentiu bater forte a decisão de retornar para o seu próprio caminho.

Enquanto divagava, seguia pelo arremedo de ruas, que serpenteavam entre catas, entulhos de cascalho e ranchos erguidos às pressas, que se equilibravam sobre esteios mal apumados, de madeira roliça, cobertos de palha. Tudo ali parecia fugaz, transitório e impalpável, tal como os sonhos de miseráveis, enxotados de um lado para o outro, de garimpo em garimpo, parasitados pelos exploradores de sempre e de todos os lugares, o Senhor da Terra, o Senhor da Doutrina, o Senhor da Ideologia e o mais impiedoso de todos, o Senhor da Cobiça.

O senhor da Terra, cobrando o direito de uso da gleba, o Senhor da Doutrina, perdoando pecados, prometendo a salvação, cobrando dízimos e vendendo o Cristo a grosso e a retalho. O Senhor da Ideologia, aliciando seguidores, para suste-se e aproveitar-se do poder. E, por fim, o Senhor da Cobiça, sorrindo, procurando, envolvendo a todos para levá-los como presas ao sacrifício, no altar do lucro.

Ia o agrimensor pensando, contornando buracos, regos d'água, contemplando a massa escrava, removendo cascalho para a batida d'água ou para a bateia, na esperança do bamburro.

O garimpeiro é um escravo da esperança e do sonho. Trabalha como um boi de carro, para que outros lucrem, chora para que outros se alegrem, esvaiem-se nas carências para que os espertos se refestelem na fartura malandra e perdulária. Tudo aquilo corroborava para que o jovem cimentasse sua decisão.

Enquanto andava, ouviu um borburrinho, que se alastrava num ajuntamento de garimpeiros. Alguém informou aos brados:

— É o Zé Baiano!

— O que aconteceu com ele?

— Foi morto na tocaia. Todo mundo tá falando que foi a mando do Chico Berro.

Dali em diante, a notícia alastrou-se como fogo em palha seca. Os comentários eram acrescidos e coloridos pela imaginação de cada um que o passava à frente. Os garimpeiros visivelmente açulados pelo desejo de vingar o companheiro, decidiram avançar sobre o rancho do fazendeiro, prometendo uma tragédia. À frente do grupo vingador ia um garimpeiro forte, queimado pelo sol, falastrão e metido a valente, conhecido por Traira. Ele gritava e a turba o seguia.

— Vamos acabar com esse fazendeiro metido a garimpeiro!

— Pau nele! Respondiam em coro.

Chico Berro, rodeado por alguns jagunços e poucos garimpeiros que o seguiam, estava encurralado no galpão, enquanto a multidão o cercava.

— Sai para morrer, seu desgraçado, senão vamos botar fogo em tudo.

Naquele momento, Doca, a pensionista e dona do cabaré, chegou-se junto ao agrimensor, puxando-o pelo braço, no que era seguida por Maria Dea, a prostituta mais bonita e disputada pelos garimpeiros.

— Vamos, doutor, vamos fazer alguma coisa, senão vai ser uma desgraça.

Sem pensar, os três romperam a massa humana que se comprimia diante do barracão do fazendeiro, colocando-se na porta de entrada. Doca e Maria Dea subiram nas grades que serviam à guisa de muro, levantaram os braços pedindo calma. Maria Dea, desembaraçada e bem falante, tomou a palavra:

— Meus amigos, eu peço calma, não é matando que vamos resolver a questão. Todo mundo sabe que morte puxa morte.

— Mas ele matou nosso companheiro! Gritou o Traira.

— Ninguém viu, ninguém tem provas de que foi ele

mesmo.

— Só ele tinha interesse em matar o Zé Baiano, pois ele o impedia de tomar todo o manchão.

— Se nós o matarmos, nem ele, nem nós vamos ficar com o garimpo. Vamos descobrir quem matou e entregá-lo à Justiça, mas vamos ficar com a banda de cá do garimpo, pois ela é nossa, nós chegamos primeiro, o Chico Berro, fica com o lado de lá, se quiser. Agora, meus amigos, tem uma coisa, nunca mais ele vai entrar no cabaré.

Os garimpeiros, com a perspectiva de tomarem para si a melhor parte do garimpo e de punirem o Chico Berro com a proibição de freqüentar o lugar mais importante do lugarejo, tomaram o partido da loquaz articulista.

— Muito bem, a Dea tem razão, ninguém sabe se foi ele quem mandou matar e, depois, vamos tirá-lo de nossa banda.

— Mas quem garante que ele vai cumprir?

— A nossa força, se ele meter a cara, nós vamos botar pra quebrar.

Traira, o que liderava os garimpeiros, gritou, impondo o que pensava.

— Ele tem que nos garantir que deixará os trabalhadores do lado de cá em paz.

Dea falou um pouco mais, pediu calma e um pouco de tempo, convidou o agrimensor e entraram no galpão ao encontro do Chico Berro. O fazendeiro estava visivelmente nervoso, nos limites da explosão. Paulo aproximou-se dele, falando em tom conciliador.

— Chico, não importa se foi você ou não, quem mandou matar o Zé Baiano, o certo é que, para acalmar os garimpeiros, você deve sair lá fora e prometer que não vai perturbar quem está na margem direita do ribeirão.

— Mas o Manchão é todo meu!

— Olha Chico, morto não possui nada. É melhor você ficar vivo com a metade, do que morrer querendo tudo.

— E quem vai me garantir que esses pestes não vão atravessar o córrego?

O cabo, que estava ali com três ou quatro soldados, vestiu-se de valente e falou:

— Eu, seu Chico, eu garanto.

Chico Berro olhou para ele, chispando raiva pelos olhos.

— Você é um mole, não garante nada. Se você fosse autoridade não deixaria esses moleques cercando minha casa.

O cabo levantou-se, fuzilou os olhos no fazendeiro quase aos gritos.

— Se eu fosse frouxo, não estaria aqui, com quatro homens, arriscando minha vida, para defender fazendeiro ladrão. Se você disser mais um palavra, eu vou levar você preso, amarrado e entrego aos garimpeiros.

O fazendeiro acuado, percebeu que estava entre dois fogos, mudando completamente de atitude.

— Cabo, eu estou caçoando com você, eu sou teu amigo e vou pedir tua promoção a sargento, por ato de bravura.

O cabo abriu o bigode e a barbaça, num sorriso denunciador de vitória. O fazendeiro continuou.

— Pode garantir por mim aos garimpeiros que eu aceito o acordo, mas com uma condição. Eu deixo o lado de cá livre só para eles, mas eles não pisam do lado de lá. E tem mais, eu não deixo de freqüentar o cabaré.

Paulo comunicou a proposta do Chico Berro. Acordo aceito, a turba foi se dispersando, voltando todos às suas catas, aos seus afazeres. Dea retornou vitoriosa ao cabaré, consolidando a condição de “prima dona” do garimpo. Doca foi para sua pensão, tida e havida por voz mais influente daquele amontoado de gente. Paulo foi para o seu rancho, agora completamente decidido a deixar aquela vida, para retornar aos seus estudos. Caminhava perdido em pensamentos, quando percebeu que alguém caminhava ao seu lado. Era Belchior, o louco.

— Ora Belchior, é você? Como passou a noite?

— Doutor, eu dormi como se fora uma pedra. Acordei refeito e bem disposto. Sonhei com o senhor metido nessa confusão e com a Tia Marta o tirando de lá. Sonhei também com Ana Tereza, uma moça que povoa meus sonhos, que se apresentava, agora, paralítica, conduzida numa cadeira de rodas por um menino. O curioso é que esse menino, a Ana Tereza, outra moça chamada Rosa Elina, aparecem comigo, junto a uma jaula onde está presa uma bela escrava que atende pelo nome de Tuta. Quando este sonho se repete e eu passo a ver as mesmas cenas durante o dia, mergulho numa escuridão mental, da qual desperto sempre amarrado ou preso em algum lugar, sob os olhares e deboche do povo. Eu gosto do sonho, das personagens do mesmo, mas temo pelo despertar. Hoje, foi a primeira vez que despertei alegre, refeito e bem disposto. Mas, já acordei no meio da confusão que você estava metido. Foi a Tia Marta que te arrancou de lá.

— Que Tia Marta, eu não a vi lá!

Paulo entendeu e calou-se. Deveria ser mais uma para suas dúvidas. Chegaram no rancho, Paulo sentou-se em um banco e pediu um café ao cozinheiro. Belchior sentou-se ao seu lado e destrambelhou a língua.

— Como é doutor, sou eu ou vocês que são loucos? Alguém morre, a turba se agita para vingar. A dona do bordel e a prostituta mais bonita do elenco intermediam com acordo econômico. A justiça se faz, estabelecendo a paz. Os despojos são partilhados, a disputa termina. A prostituta se erige em mediadora, pacificadora, fazendo prevalecer a primazia do sexo sobre o poder da força e da razão. O morto foi esquecido, pois defuntos não pleiteiam, não reivindicam. Quem é louco, eu ou o mundo que se comporta assim?

— Eu acho, Belchior, que cada um é louco ao seu modo. Vale o adágio que diz: “De santo, demônio e louco, todo mundo tem um pouco”.

— É verdade, mas além disso eu acho que o conceito de loucura está atrelado à ignorância das múltiplas facetas da vida. Eu vejo o que outros não vêem, percebo a existência de um mundo interpenetrante com o cenário que vocês percebem. Qual o verdadeiro, qual o falso? Onde está o ponto de equilíbrio? O que é ser louco? Quem é louco? Certamente o louco, é o outro.

— Pensando bem, você tem alguma razão, mas é imperioso que vivamos afinados com o meio em que vivemos, para sermos tidos por normais.

— Mas eu vivo na linha limítrofe entre dois mundos. Você pode crer e eu afirmo porque vejo, que existe um universo paralelo a esse. Todos os valores e figuras são correspondentes e interativos, nos dois universos. A matéria que existe neste universo, existe de forma correspondente, no universo paralelo, como anti-matéria de valor correspondente. As figuras e projeções deste se repetem, no universo paralelo, prevalecendo a figura ou projeção no universo onde vibra a essência ou espírito. Creia que não é raro valores se projetarem de um ao outro universo, pelo simples desvio vibracional do campo magnético, comandado pelo princípio inteligente, ou espírito, que está adstrito às leis que regem o Equilíbrio Universal. O equilíbrio entre esse universo se faz, pela transfusão de valores, tal como ocorre no princípio dos vasos comunicantes. Por isso, meu caro doutor, muitas pessoas, mais do que você pensa, desaparecem, caindo no Universo paralelo.

— Bem meu amigo, não posso negar-lhe criatividade e uma certa inteligência, mas para este universo, você é anormal e, por isso, pode ser catalogado como louco.

— Paulo, você é uma das poucas pessoas que tiveram a paciência de me ouvir nessa vida. Por isso, um dia, eu quero falar-te sobre o louco e a loucura. Agora, vou continuar a minha busca, para reencontrar Ana Tereza, Rosa Elina e a escrava Tuta, para que eu possa recomeçar a minha caminhada de libertação.

— A loucura já começou a dominar tua mente, como você pode encontrar sonhos, pessoas que não existem?

— É, meu amigo, engano seu, essas pessoas existiram e se encontram reencarnadas e eu vou reencontrá-las.

Paulo percebeu que o Belchior começava um processo de excitação, por isso mudou o rumo da conversa.

— Volte à casa de Maria Fiandeira, os passes dela te fizeram bem. Quanto a mim, vou preparar o meu retorno à sede da comarca.

— Está bem, cada um caminha o seu caminho, mas não te esqueças meu caro doutor, que as águas encontram-se no mar. Hoje ou amanhã, de um jeito ou de outro, nós nos encontraremos no insondável oceano da vida.

Belchior terminou a sua estranha e singular profecia, despediu-se e saiu pela rua que serpenteava entre os amontoados de cascalho e aquele arremedo bagunçado de vila. Os barracos se erguiam escorando-se uns nos outros, numa engenharia duvidosa do equilíbrio, como a se pedirem, mutuamente socorro para susterm-se de pé. As portas de entrada de uns misturando-se com as cozinhas dos outros, os aposentos de dormir devassados pelas aberturas do pau à pique, a intimidade anulada pela promiscuidade, o amor e o corpo à vista, denunciando o abandono dos valores, sistematizado pelos costumes impostos pela volúpia passageira, por uma fortuna escorregadia, difusa como a fumaça que se dissipa no ar.

Paulo anotava tudo, enquanto caminhava, sem saber ao certo para onde ia, apenas caminhava. Num dos contornos do caminho que volteava o barranco marginal do córrego, um amontoado quase agigantado de cristais leitosos, descartados para o uso comercial, chamou atenção do pensativo andante. Certamente a natureza na sua teimosia transformadora, havia laborado por milhões de anos para talhar aquelas pirâmides cristalizadas de quartzo, ali rejeitadas por ausência de perfeição na hialineidade, cuja transparência, para ser alcançada,

demandaria, ainda, outros tantos milhões de anos. Para que tanta demora na elaboração das formas, no aperfeiçoamento dos conjuntos aglomerados, na transformação dos elementos? Para o que e para quem tanto labor? Qual a métrica de mensuração dos valores da natureza? O agrimensor se questionava. Quais as leis que orquestram a sinfonia do ser e do existir? Por que a desordem da explosão, antecedendo os esforços milenares da reassociação dos elementos, para a formação de novos aglomerados? Por que a devastação dos terremotos, vendavais, maremotos, para um novo reordenamento das formas? Por que a desordem anulando a ordem, para ao depois entregar-se ao imperativo do reordenamento? Por que o contraditório quase impositivo no ordenamento universal? O agrimensor não podia compreender o nascer para morrer, a perdição quase imposta, para o milagre da salvação.

Enquanto encontrava-se emaranhado nessas conjecturas desconcertantes, percebeu que alguém se colocava em seu caminho impedindo-o de prosseguir. Era a Madre Angélica. A freira colocou o indicador sobre os lábios em sinal de silêncio, enquanto falou claro, como se fosse dentro dos ouvidos do jovem.

— Paulo, não existem contradições na obra da criação. A contradição está dentro de você, por não aceitar a evidência. No teu juízo de valor é necessário que você anote, que “a métrica Divina não pode ser aferida pela métrica humana”. Aí está a causa da incompreensão que te conduz à descrença. Agora que encontrastes o Belchior, deixe tudo isso e volte para o teu caminho.

— Madre, quem é você, onde mora?

— Isso não importa, volte, eu repito, para o teu caminho.

Paulo, atônito, viu a Tia Marta aproximar-se, sorrir e, sem nenhuma palavra, tomar a mão de Madre Angélica e desaparecerem como se fosse um relâmpago. O agrimensor questionou consigo mesmo.

— Por que esses fatos ocorrem comigo? Que diabo fiz eu para viver nos meandros de tantos fatos desconcertantes? Será que a Madre Angélica existe de parilha com a Tia Marta, ou tudo não passa de uma exaltação mental? Ou serei eu um louco e o Belchior o são?

Paulo retornou ao cenário de suas andanças. Lá embaixo, o ribeirão, antes cristalino e puro, agora se mostrava turvo, entulhado, quase afogado na lama. Os espaços disputados pelos garimpeiros, para a lavagem do cascalho, no ato quase mecânico de sacudir e bater a peneira, na esperança sempre adiada de ver surgir a gema, o diamante, a riqueza, a libertação da pobreza. O agrimensor, reflexivamente, era trazido de volta ao emaranhado de seus pensamentos.

Aqui, pensou ele, o homem mata a natureza perseguindo o sonho, enquanto a natureza afoga o sonho na desilusão, no cansaço ou na exploração do próprio homem. A água está morta, poluída, o homem também vai morrer, explorado ou desiludido.

Um pouco acima, um fio de água pura e cristalina, descia do nascedouro nas encostas, jogava-se de quebrada em quebrada, até aquietar-se no leito da corrente maior, teimando em conservar-se pura, de mistura à água turva pela ação predadora dos garimpeiros. O esforço era inútil, logo o fio d'água límpido, se igualava no lodo e na lama. É assim com tudo na vida, concluía o jovem. O bem será sempre tragado pelo mal, o justo anulado pelo injusto, na ação predadora do homem. Alguém que falava dentro de seus ouvidos, o chamou novamente de volta à razão. A voz era de Madre Angélica, que embora falasse, não se fazia visível.

— Não, meu amigo, o bem jamais será tragado pelo mal, pois a sua prevalência, afinal, triunfará, basta saber avaliar os resultados. Olhe para tua direita, lá no alto e tu verás a água pura da nascente, trazendo a vida, neste cenário de aparentes contradições. O jovem voltou-se para o local indicado e constatou que, na nascente que brotava no alto da elevação

várias pessoas enchiam vasilhas, predominantemente latas e cabaças para o consumo doméstico. Os homens levavam duas latas grandes penduradas num cabo de madeira equilibrado aos ombros, como pratos de uma balança de braços. As mulheres equilibravam latas ou cabaças na cabeça, colocadas sobre trouxas, num equilíbrio digno dos melhores circos. O agrimensor permaneceu por algum tempo avaliando aquele leva e traz de formigueiro, conduzindo o precioso líquido. Por fim, restou uma jovem com duas cabaças médias, já cheias, colocadas de lado, enquanto ela parecia descansar, desatenta, sentada numa pedra. Paulo aproximou-se da moça, até colocar-se a poucos passos. Ela era bela, embora desse mostras de maltrato. Os cabelos castanhos, trançados, enfeitados por uma presilha barata, saia de chita, presa por um nó à meia coxa, blusa de setim branco, decotada, deixando bem à mostra o atrevimento dos seios que teimavam em se por à mostra. O cenário a tornava mais bela e atraente. A água caindo, salpicando nas pedras, gargalhando soltas ao veio da corrente, a quaresmeira em flor realçando o contorno das quebradas, o sol teimoso, rompendo as nuvens para refratar seus raios no espelho d'água. A bela, mais bela e o jovem a contemplá-la. Será que o mundo está perdido? Lá embaixo, na água toldada, a garimpeirada grita palavrões, gargalha, pragueja, bebe cachaça para animar e deita no cascalho para descansar. O contraste é gritante. A água limpa, potável, debochando da lama suja lá em baixo, até misturar-se com ela na igualdade da sujeira. A menina moça sonhando pura, lá no alto, afrontada pela massa humana brutalizada pela ambição, igualada na ilusão da riqueza fácil.

O agrimensor, a tudo mensurando, se perguntava, valerá a pena a beleza do lírio alçando-se sobre as emanções do charco? Quando a haste do lírio o levar, após o frescor da manhã, a curvar-se sobre a lama, perdendo a brancura e o aroma, tismado pelo lodo, ainda valeria a pena haver existido? Se na vida e na morte, tudo é levado ao nada, vale a pena viver?

Diante da torrente límpida e do charco, da flor e da lama, da donzela e dos abutres humanos, os contrastes levaram o jovem aturdido a lembrar o Tito da Viola, sorrindo e cantando, acolitado pela família multicolorida por três mulheres, todas acordes e felizes e pela filharada de origem polimaternal, quando ensinava cantando:

Enquanto houver uma flor;
Uma viola, um bem querer;
Um sorriso de mulher;
Vale a pena o meu viver

Enquanto houver uma flor,
Na haste balançando;

Enquanto existir a mulher,
Sorrindo, alegre, gingando,
Disfarçando o meu sofrer;

Mesmo no campo queimado,
Na cobiça, no ódio aumentado;
Mesmo no suor e na dor,
Vale a pena o meu viver.

Enquanto houver uma flor,
Um sorriso de mulher,
No perfume e no amor,
Vale a pena viver.

O jovem despertou de suas lembranças. O charco estava lá embaixo. A nascente pura, pouco acima. O bruto, lá no lodo, a bela, ali, à sua frente. O contraste a tornava mais bela e a beleza a fazia mais perigosa e atrevida. O jovem extasiado e a menina quase em deboche o chamou à realidade.

— O que foi, você tá vendo bicho?

— Não, eu estou vendo uma bela. Qual é teu nome?

— Pra que? Aqui não faz diferença, aqui só conta a carne e o dinheiro ou a força bruta. Eu não tenho dinheiro, não tenho força e não vendo a carne, por isso, pra que nome?

— Eu acho que você tem mais que isso, você é inteligente e bela, você é mulher. Por isso quero saber teu nome.

A jovem sorriu, misturando um certo deboche com a vaidade açulada pelo elogio. Levantou-se, tomou as cabaças nas mãos, olhou firme e resoluta para o agrimensor.

— Eu me chamo Marlene, mas se você é caçador, não se bote para o meu lado, pois eu não sou caça.

— Não Marlene, eu não sou caçador, sou apenas mais um passando por esta aventura danada do garimpo.

— Eu já sei quem você é, o Paulo, o esperto da cidade. Ninguém me enrola, eu sei que todos querem é se aproveitar.

— Você está enganada, eu não quero me aproveitar de nada.

Paulo quis auxiliá-la a levar as cabaças d'água; ela se esquivou e saiu ligeira como uma gazela, deixando-o surpreso na poeira da estrada.

Aquela jovem bela e esquivada, não se desfez mais da imaginação do agrimensor, que inutilmente a procurou no povoado por alguns dias. A rápida visão, o desprezo e a fuga inexplicável, fizeram acender a imaginação do agrimensor, que passou a vê-la em sonhos fugazes. Os caminhos da vida vieram a trazer aquela moça, já mulher, aos olhos do jovem, também já maduro, em momentos que se desenrolaram no futuro, marcando sua vida e seu destino.



Paulo preparava-se para o retorno à sede da comarca, depois de terminado o seu trabalho. Maria Dea veio procurá-lo

na pensão da Doca.

Dea, como era conhecida, era a mulher mais bonita e disputada do cabaré explorado por Doca, a dona da pensão, que enriquecia explorando a barriga e o sexo. Dea, além de atraente, não escondia um certo traquejo da vida. Era alegre, comunicativa, expressando-se com desembaraço, dando mostras de algum conhecimento. Sem nenhuma cerimônia ela abriu a porta do quarto do agrimensor, entrando sem pedir licença.

— Posso entrar?

— Você já entrou!

Ela deu uma gargalhada cheia de malícia e deboche, como se nada no mundo a fizesse corar.

— No garimpo, meu caro doutor, todo mundo é solteiro.

— Mas eu sou solteiro de verdade.

— É por que quer.

Doca, que também entrou no quarto, meteu a colher na conversa:

— É solteiro porque não é besta, pois o casamento é peia para o homem e grade para a mulher.

— É, mas todo mundo quer estar na peia ou na grade, replicou a Dea.

— Afinal, Dea, o que você deseja?

— Paulo, eu já arranjei alguns trocados nesta vida maluca que vivo, quero tirar daqui, colocar em um banco, para ficar seguro.

— E o que tenho eu com isso?

— Eu preciso de um favor seu. Peça que leve esse dinheiro e deposite onde você achar melhor, até eu decidir a sair daqui.

A mulher abriu uma sacola grande, estufada de notas graúdas.

— Aqui estão duzentos e vinte e cinco contos.

— Você está doida, mulher, eu não vou sair por aí, a cavalo, conduzindo tanto dinheiro dos outros.

Doca, a dona da pensão, por sua vez, colocou na mesa outra sacola, ainda maior, desafiando o agrimensor.

— E vai levar a minha, também, para fazer a mesma coisa.

— Vocês estão doidas, eu não vou meter a mão nessa cumbuca. Tirem essas sacolas daqui; se eu puder ser útil de outra forma, estou às ordens.

Doca voltou à carga.

— Doutor, você não pode nos deixar sem amparo. Todos aqui sabem que guardamos muito dinheiro, o que é perigoso para nós. Aqui não existe uma pessoa confiável capaz de nos prestar esse favor.

— Vocês não me conhecem direito!

— Eu sei quem você é, a Têê já me contou o que você está fazendo com ela, a Lívia e outras pessoas. Para que você fique sabendo, a Têê é minha prima.

Conversaram por mais tempo. O agrimensor quis conhecer melhor aquelas mulheres.

— Dea, você é esperta, cativante e demonstra ter estudado. De onde você veio, onde estudou e por que está aqui nessa bagunça sem lei e sem limites?

— Minha família é de Minas. Estudei em colégio de freiras, chegando ao diploma do clássico. Meu pai faleceu, a vida rodou e eu tive que trabalhar. Aí começou tudo, os patrões, os chefes, os protetores, as cantadas. Se fosse para a cama, havia emprego, se não fosse, tomava o olho da rua. Quanto mais engravatado o chefe, quanto mais importante o patrão, mais salafório ele é. Quer tudo na surdina, no silêncio; o escândalo poderia destruí-lo. No fim da estória, o emprego tem o ônus da cama sem amor, e a certeza do desprezo, tão logo apareça outra candidata, de preferência virgem. No meio dessa desgraça toda, entre ser puta por nada e ser prostituta por dinheiro, eu optei pelo dinheiro e deu certo. O dinheiro está aqui, o que falta é saber segurá-lo. Isto é o que estou pedindo.

— E o amor, Dea, você nunca pensou num companheiro para repartir a vida?

— Já, doutor, mas a vida me ensinou que não existe paz com a barriga vazia e, que ninguém enche estômago com necessidade. Aprendi, também, na dureza da vida, que o amor é transitório, só perdura enquanto existe o viço da carne e o conforto do dinheiro, o resto o tempo dá e tira. Eu tenho agora, o dinheiro e o viço das formas, só me resta confiar no tempo.

— Olha, você é dura demais, só pensa no imediato, esquecendo-se de que a felicidade deve efluir do âmago de cada um e, não, ser absorvida de fora. Você pode ter beleza e dinheiro e ser extremamente infeliz e, por outro lado, pode ser feliz e viver em paz sem nada disso. A Têê, tua prima, é um bom exemplo do que digo.

— Você é um sonhador, não aprende as lições da vida. A beleza, a natureza dá aos poucos para depois tomar de uma vez na exaustão da velhice, com os juro da doença, sem nos pedir permissão. Já o dinheiro, só nos deixa com a nossa permissão, ele não se vai por si só. O que a beleza atrai, é transitório como ela, desaparece na proporção que ela esmaece, sem depender de tua vontade. Já o valor que o dinheiro compra permanece porque é dependente dele.

— Quer dizer que você acha que o dinheiro compra o amor?

— A vida diz que sim. Se você quiser sonhar com o amor, continue a viver nas nuvens, mas a crueza dos exemplos da vida ensinam que o amor não resiste ao martelar da miséria.

— Eu acho que você é vítima da ausência do amor; quando ele bater na sua porta, você vai jogar tudo para cima e mergulhar de cabeça nos anseios do coração. Mulher foi, é e será sempre assim, ou dá ou bate.

Voltando-se para Doca, que ouvia tudo em silêncio, interpelou:

— O que você acha disso?

— Parece duro, mas a vida diz que a Dea tem razão. Eu prefiro fazer do dinheiro o alicerce e ter o amor como acessório, porque nunca vou chorar desilusão. Quem dá tudo pelo amor, certamente ficará na esquina da vida, sem amor e sem andor. O amor vai embora com a beleza, enquanto o dinheiro compra a beleza e a companhia.

Doca calou-se, pensou um pouco e recomeçou:

— Vamos ao que interessa. Você vai tirar nosso dinheiro dessa fogueira e depositá-lo em um banco ou guardá-lo em um cofre. Para não levá-lo na comitiva, em dias de viagem, vamos pagar o avião para levá-lo.

Ficou tudo ajustado, o agrimensor levaria o dinheiro até a cidade mais próxima da sede da comarca, onde havia agência bancária; faria o depósito e devolveria o comprovante pelo mesmo piloto.

O agrimensor, enquanto aguardava o avião, preparava a comitiva para levar de volta sua tralha de trabalho à sede da comarca.

O garimpo fervia no aloucado vai e vem das pessoas, na agitação provocada pela busca do desconhecido. Gente que chegava impulsionada por sonhos e esperanças e gente que saía, libertando-se de ilusões estioladas pelo insucesso. Todos tinham uma estória, de grandeza no bamburro, ou de fracasso no atoleiro da cata ou no calor da malária. Uns chegavam ricos, esperançosos, à cavalo e, ao fim, regressavam à pé para suas terras, enquanto outros chegavam à pé e regressavam de tecoteco. É a vida, é o destino de quem se aventura no garimpo. Só o carcamano, o turco da esquina, o coletor de impostos, o capangueiro e a dona do bordel, não fracassam, saem sempre ganhando.

O agrimensor queria comprar algumas redes e cortes de panos tecidos no tear manual, para levar como curiosidades e presentear amigos na Capital. Doca apontou a casa de Fortunata, uma tecelã, em cujas terras herdadas de ancestrais, florescia o

garimpo.

— A Fortunata tece e faz redes, lá você vai encontrar o que deseja.

O agrimensor levado pela Doca, foi à fazenda de Fortunata, última fronteira de resistência à marcha predadora dos garimpeiros. A mulher veio recebê-los com alegria, como se fossem velhos conhecidos. Era uma mulata forte, sapecada pelo sol, endurecida pela vida bruta que vivia. A moradia era composta de dois ranchões cobertos com palhas, separados por um terceiro que servia como sala, cozinha, depósito, onde se misturavam galinhas, patos, porcos e cachorros, numa disputa ferrenha por migalhas e rejeitos das panelas. Era um visual danado, diferente, colorido pelos contrastes.

— Bom dia Fortunata, este é o doutor Paulo.

— Bom dia, vamos entrar. Então o senhor é que é o dotô medidô de terra? Já ouvi falar do senhô. Foi bom vim inté aqui, eu preciso falar com gente letrada.

O agrimensor sentou-se num banco armado sobre forquilhas fincadas no chão. Na parede, cabaças, balaios e cestas penduradas davam mostras do vasilhame, tudo feito ali mesmo. A mulher falou de seus bisavós, das heranças, das terras transmitidas de pais a filhos, por gerações seguidas, sem a providência legal dos inventários. Tudo era fruto respeitado da tradição. Agora, reclamava ela, surge um tal de Chico Berro, com papel na mão e diz que é herdeiro de seu avô.

— Dotô, onde o Chico arranjou esse papé? Meu pai já morreu, meus irmãos também, eu num assinei nada, quem deu a ele esse direito?

— Fortunata, é preciso olhar nos cartórios para saber o que aconteceu.

— Então olha para mim, ancê sabe lê.

— Você é casada? É preciso procuração do marido e da esposa.

— Ah! Eu tenho dois maridos, um casado no padre e

outro casado no juiz. Preciso dos dois?

— Só precisa da assinatura do que é casada no civil. Ele mora longe?

— Dotô, o sinhô num entendeu, eu sô casada com o Joca e com o Mané, um na lei de Deus e o outro na lei dos home. O Joca mora nesse lado de cá e o Mané no lado de lá.

— Todos nesse ranchão?

— Tudo aqui.

— Você tá doida Fortunata, como é que pode juntar dois maridos na mesma casa?

— Uai dotô, os home num faz isso? Pru que diabo a muié num pode fazê?

— E na cama, quem é que manda?

— Aqui eu mando em tudo.

— E como é que você faz para repartir o amor?

— Eu pego o que tá mais descansado do serviço. Quando eu tô azoretada ou de boi, eu boto os dois na espera.

— E eles não reclamam, não acham ruim?

— Quem achar ruim dá no pé. Eles tão quietos é porque tão gostando.

— Você acha isso correto?

— O que é correto neste mundo? O Chico Berro que toma herança, o Turcão que furta no peso, o gunverno que só aparece pra cobrar imposto, ou o delegado que bate e toma o que você tem?

— E religião, você não tem?

— Sei lá, dotô. O padre só aparece na festa do santo, batiza, casa, reza missa, cobra, recebe e se dana no mundo. O pastor crente, canta, canta, também cobra e ainda ameaça com o tal de inferno.

— E Deus?

— Eu num sei, mas acredito nele, mas Ele nunca falou com ninguém.

— Então o que você acha que é errado ou certo?

— Pra mim, certo é você fazer o que gosta, errado é prejudicar os outros.

— Fortunata, só tem uma coisinha que você não me explicou. O que você gosta, pode prejudicar os outros. E daí?

— Dotô é aí que tá o nó, pra ter paz, vancê tem que saber cercar o que vancê gosta, para não prejudicar os outros. Vancê num cerca tua vaca pra ela num entrá na roça do vizinho? Assim, também vancê deve botar cabresto no que gosta, pra num dá prejuízo aos outros. Só assim vancê vai ser feliz.

O agrimensor estava boquiaberto com o tamanho da lição, no veio da aparente ignorância da roceira. Doca, ria, deliciando-se com o espanto do amigo.

De toda a lição recebida, o agrimensor aprendera, em síntese, que **“o certo é viver como nos agrade, sem prejudicar o nosso semelhante”**.

Paulo, enquanto caminhava de volta, percebeu que a melhor e maior escola é a própria vida, para os que sabem ler e sentir os seus ensinamentos.

— Doca, você sabia que a Fortunata era assim?

— Sabia, só queria que você também aprendesse que existem grandes lições nas coisas simples, que o orgulho do homem os leva a desprezar. Meu amigo, quem vê o corpo não vê o espírito, quem vê a cabeça não vê a inteligência.

— Chega, Doca, por hoje chega.

Pouco mais chegaram à pensão, com as redes e as lições.



Um barulho danado chamou atenção do agrimensor. Foguetes, tiros e gritaria. O que seria? Doca que preparava o almoço, veio pronta, olhou e informou.

— Alguém deve ter feito um bamburro de verdade.

A notícia correu célere como um rastilho de pólvora. Um

novo mancão havia sido encontrado nas frentes de garimpagem do Chico Berro, onde os garimpeiros encontraram farto veio de diamantes, graúdos e de boa qualidade. Mais de duzentas pedras acima de dois quilates, já estavam nas mãos do Chico Berro, segundo o comentário do povo, embalado pela inveja. Numa roda de fuchiqueiros que se formou em frente à pensão, o disse que disse fervia solto.

— Você já sabe? O Chico Berro recebeu dos meia-praças, mais de quilo de pedras tipo exportação!

— É assim mesmo, diamante só corre atrás de gente ruim.

— É não meu fio, o negócio é qui água pequena corre para água maior. É sempre assim, dinheiro puxa dinheiro, poder puxa poder e conversa puxa conversa, cada qual com seu igual. Sentenciou o Serafim, nego velho filho de escravos, que vivia oferecendo raízes e garrafadas para tudo, até para feiura.

No barracão do Chico Berro a alegria era total. Falavam mundos e fundos da produção do dia. Era um quilo, dois, dez, já se falando em arrobas de pedras puras, onde não faltava a existência de uma pedra gigantesca do tamanho de um ovo de pata. Quanto mais falavam, mais aumentavam.

— Eu quero ver é na hora da partilha, o garimpeiro bobo de um lado e o Berro esperto, do outro!

— O Chico fica com o que é bom e os garimpeiros vão ficar chupando o dedo.

— O pior é que as terras são da Fortunata e seus parentes.

— Não, o Chico Berro comprou dos herdeiros, eu vi os papeis!

— Comprou nada, os papéis foram feitos pelo Aníbal do Cartório.

E o fala-fala continuava, malhando o Chico e aumentando a sua riqueza e colocando os garimpeiros como espoliados.

Paulo, completamente desinteressado por tudo aquilo, acelerou os preparativos para o retorno à sede da comarca,

visando a mudança definitiva para a Capital. Desejava completar os estudos, impelido por uma força indefinível para um cenário de fatos que não sabia precisar.



Uma Visão do Passado

O agrimensor de retorno à sede da comarca, ultimava seus compromissos, alimentando o desejo ardente de mudar-se para a Capital. Dispunha de recurso suficiente em dinheiro vivo e diamantes, para iniciar uma vida nova. Só lhe faltava providenciar a segurança de Lívia e suas companheiras, bem como do menino Teco.

Após a viagem de retorno, a noite mal dormida, o dia amanheceu como sempre. Os raios do sol pareciam mais dourados, ressaltando a torre da igreja, onde os pássaros disputavam lugar, numa mistura de pios e gorjeios que se combinavam numa sinfonia composta pela natureza. Ao fundo, a formação serrana, parecia impor limites ao horizonte desconhecido, com a beleza agressiva da montanha, seus recortes e regatos lançando-se do alto, pulverizando-se no vazio, para reencontrarem-se na firmeza do leito pétreo. Tudo era belo, visto de longe, o azul, o verde e a espuma branca, o alto, o baixo, o distante e o próximo, numa inexplicável harmonia de contrastes. É sempre assim, ruminava o jovem; o belo resulta do confronto contraditório com o feio, o próximo com o distante, o bem com o mal. Parece que os contrários se afirmam.

O agrimensor caminhava pensativo, dirigindo-se à casa de Lívia.

Foi grande a alegria de Lívia e Têê, com o retorno do

agrimensor. Tudo estava em ordem, casa limpa, quintal zelado, dispensa abastecida, dando a impressão de que não fizera falta ali. Lívia bem disposta em sua cadeira de rodas, Lia; a mãe do Teco, deixava transparecer alguma melhora; Têê parecia exultante, entregue às tarefas da casa. No quintal, além dos patos e galinhas bem tratados, vicejava uma horta farta e bem cuidada. Tudo era bem limpo, ordenado e meticulosamente bem cuidado.

— Pelo que vejo, minha ausência fez muito bem à casa e a vocês, comentou Paulo, completando, onde está o Teco?

— Hoje é Sábado, não há aulas e ele aproveita para pescar e armar arapucas nas capoeiras. Nunca vem de mãos abanando; sempre traz consigo peixes, jaós, jacus e outras aves silvestres que apanha nas armadilhas, provendo alimentos para a semana toda.

— É um menino extraordinário esse Teco, nos dá impressão de ser um homem feito, tal o seu senso de responsabilidade.

— É, Paulo, ele toma a si a responsabilidade da casa, faz compras, arruma tudo, cuida de detalhes e está sempre por perto para servir. Para mim é mais que um homem, é um amigo e protetor perfeito, asseverou Têê.

Lívia, que acompanhava a conversa, não perdeu a oportunidade para tecer elogios ao menino.

— O que impressiona no Teco, é o senso de responsabilidade e a alegria que deixa transparecer. Está sempre assobiando ou cantarolando uma canção. Para mim é uma dádiva ter o privilégio de conviver com o Teco.

As atenções agora estavam voltadas para a Lia, que dava mostras evidentes de recuperação física. Estava mais corada e movimentava-se com mais facilidade na cama, chegando, mesmo, a sentar-se sozinha.

— O que está acontecendo com Lia, para que ela alcance tanta melhora?

— Paulo, um grupo de médiuns do Centro Espírita,

fazem uma reunião semanal aqui em casa; quando a Tia Marta aparece, aconselha remédios, faz passes e o resultado é esse que você está vendo.

— Eu não sei porque estou sempre metido no meio de pessoas e fatos espíritas, logo eu que não creio em espíritos.

— Paulo, você tenta mentir para si mesmo, pois eu sei que você acredita. O orgulho intelectual é que te impede de confessar essa certeza.

— Não, eu não acredito, mas como não me fazem nenhum mal, não os repilo. Aliás, os espíritas Kardecistas, são afáveis, nada impõem, sendo fácil e até prazeroso conviver com eles.

— Pois é, meu amigo, creia ou não, a Lia está em franca recuperação, graças aos espíritos, cuja existência você nega.

Têê trouxe o café, servindo a todos, com a presteza de sempre. Logo a seguir passou a relatar ao amigo o que se passava. Contou que numa das reuniões de preces que faziam costumeiramente em casa, apareceu totalmente materializado, o espírito de Arcana, velho conhecido do agrimensor, anunciando que o grupo seria auxiliado por Madre Angélica, o que de fato começou a acontecer, com o aparecimento habitual da religiosa, logo após a prece de abertura. A melhora de Lia se tornou evidente, iniciando um clima de alegria que empolga a todos. Hoje Lia já se movimenta, chegando mesmo a ensaiar os primeiros passos.

O agrimensor conversou com todos, demonstrando surpresa com o que via naquele lar, aparentemente empolgado por sofrimentos. Ao contrário, todos demonstravam alegria e convicta resignação diante dos fatos que eram levados a vivenciarem.

— Lívia, questionou o moço, eu admiro a resignação dos espíritas. Vocês nos dão um exemplo vigoroso disso. O único ponto negativo dessa aceitação sem resistência é a conformação que pode levar à inércia, deixando que os fatos aconteçam, o que

pode levar a uma contemporização passiva com o mal.

— Aí, meu bom amigo, é onde você labora em equívoco. A resignação não importa em inércia, mas tão somente em evitar o revide. A Doutrina Espírita, que é a revivência prática da mensagem evangélica, nos ensina a não revidar, mas nos induz a transformar o erro e seu agente, pelo ensinamento e pela força imperativa e constante do exemplo.

— Como é possível agir contra o erro sem o esforço da reação?

— O remédio não está na reação, mas, sim, na interação.

— Não percebo diferença entre agir, reagir ou interagir, para mudar o curso de um comportamento, pois de qualquer forma deve ser despendido um esforço para contê-lo e modificá-lo.

— Quando você age ou reage, transforma-se em sujeito ativo ou passivo da ação. Quando você interage, participa como força, negativa ou positiva, para agravar ou atenuar os efeitos do ato. Aqui está o ponto de equilíbrio, onde o agente pode interferir positivamente, sem as conseqüências explosivas do revide. Isso é o que nos ensina a mensagem evangélica, novamente revelada pelo Espiritismo.

— Lívia, você fala com certa convicção, mas sem anular contradições. A interação, resulta sempre, por se equiparar a uma ação, seja ela negativa ou positiva.

— Não, meu amigo, quem interage, apenas influi no direcionamento do esforço, sem provocar confrontos, o que se alcança pela ação suasória do convencimento. Por outro lado, a reação ou revide, resulta da imposição raivosa de quem reage ou revida. Por isso, repito, a interação pode ser negativa ou positiva, tal seja o intento do agente, para o bem ou para o mal.

— O Espiritismo, como toda religião, me parece cheio de formalismos, mistérios e quizandas, o que o torna multiface, pois todo adivinho, cartomante, curador ou milagreiro que se espalham por aí aos milhares, se dizem médiuns espíritas. Agora

mesmo, um folheto foi distribuído na cidade, dando notícia da chegada de uma certa “Mãe Olga”, que faz, desfaz, conserta a vida e os destinos das pessoas, dando consultas e cobrando, dizendo-se médium vidente espírita.

— Paulo, você não pode ser enganado por essas malandragens interesseiras. Onde está o homem, aí também estão os seus defeitos. Cristo, como Buda, Maomé e outros espíritos rutilantes, ensinaram a concórdia, a prática da tolerância e o exercício do amor, entretanto, os homens, dizendo-se seus seguidores, digladiam-se, destroem e comerciam na sombra de seus ensinamentos. O médium e a mediunidade, não são propriedades do Espiritismo, apenas não os negamos, por serem fatos incontestes, já comprovados pela ciência. O uso maléfico ou interesseiro dessas faculdades, depende do homem, seja ele espírita ou não e, nunca, do Espiritismo. A medicina não pode ser objurgada pelo comportamento do médico mercenário; o avanço da ciência, não pode ser condenado pelo mau uso da tecnologia; o Cristianismo não pode ser avaliado pela Inquisição, também o Espiritismo não pode ser maculado, por quem se diz espírita e explora a credulidade alheia.

— Sendo assim, qual é o âmago da Doutrina Espírita?

— Quanto à essência, o Espiritismo arrima-se no Sermão da Montanha, ou seja, a prática do bem. Quanto à forma, o parâmetro a ser aceito e seguido, é a Verdade, cujo conceito pode ser alterado, quanto ao tempo e espaço, de acordo com os avanços do conhecimento, resultante da análise e da síntese científica.

— O que isso significa sinteticamente?

— Que o homem deve nortear-se pela prática do bem e aceitar as verdades cientificamente comprovadas, mesmo que, para isso tenha que rever conceitos anteriores.

— Então a Doutrina Espírita é transitória, como todas as religiões?

— Não, meu amigo, na essência ela é imutável, pois se afina com o desiderato da Sabedoria Infinita, que é a prevalência do bem. Quanto à forma, ela difere das demais, por aceitar os avanços do conhecimento, que leva à verdade, sem nenhum receio de rever seus conceitos, pois assenta-se na evolução, no aperfeiçoamento constante até alcançar o Oceano Infinito da Verdade. Por isso não tem dogmas imutáveis, não tem liturgias, ou fórmulas mágicas e nem se arroga a senhora de conceitos e da Verdade. Por isso, meu bom amigo, dizer-se Espírita, não equivale a ser Espírita.

— Lívia, quanto à norma ou regra de conduta, qual a diferença do Espiritismo das religiões dogmáticas?

— O Espiritismo não impõe, não condena, não promete; Ele apenas aconselha a prática do bem. Cada um é artífice e juiz de seu destino, dentro dos limites das Leis Secundárias, onde impera o livre-arbítrio. Por isso nega o Céu e o Inferno, enquanto acentua a paz ou o sofrimento, como consequência de nossos próprios atos.

O agrimensor, depois de uma demorada reflexão, voltou a tecer algumas considerações sobre o tema.

— Lívia, você fala com descortino e convicção, mas eu ainda reluto em aceitar o espírito e seu mundo como realidade. Penso que a nossa mente é o grande laboratório de toda essa fenomenologia desconcertante.

— Paulo, como nossa Doutrina não impõe, eu não vejo nada de mal nisso, desde que você caminhe pelas trilhas do bem. O tempo é o grande mestre e artesão dos destinos, hoje ou amanhã você encontrará a verdade.

Paulo falou de seus planos de mudança, do desejo de sair daquele teatro de lutas e confrontos, onde a cobiça avilta o caráter e inverte valores.



Depois de certos preparativos, o agrimensor se deslocou para a Capital, com o propósito de promover sua tão adiada

mudança. Desejando amearhar recursos para concretizar seu intento, procurou vender os diamantes que conseguira no garimpo, como pagamento pelos seus serviços, doações ou pela garimpagem que desenvolvera, ao costume da região.

O dia amanhecera agitado, no borburinho das gentes, do ronco barulhento dos veículos, no agito próprio da cidade que transitava de pequena a grande metrópole. Na porta do hotel, o jovem apreciava a barulheira, os prédios em construção apontando para as nuvens, os vendedores, os jornaleiros, o guarda teimando em ordenar o trânsito. No fundo não gostaria de estar ali, preferia a natureza, a vida simples do interior à qual já se acostumara.

Após o café da manhã, misturou-se na massa humana, agitada e indiferente, que formigava no centro da cidade. Dirigiu-se ao escritório de um comprador de diamantes, cuja fama de sucesso corria longe e com o qual já se contantara por várias vezes em suas andanças pelos garimpos. O desejo do agrimensor era vender seus diamantes e uma frente de serviço que mantinha no mancão mais rico do momento, para poder se instalar de vez na cidade grande. No escritório do capangueiro, a conversa se desenvolveu solta, os sonhos tomaram novo impulso e coloração e os destinos tomaram, como sempre, os caminhos incontroláveis do desconhecido.

— Alcir, eu quero vender alguns diamantes aqui, para evitar uma viagem a São Paulo, desde que você pague por eles um preço razoável.

Os diamantes foram mostrados, classificados meticulosamente e avaliados. O preço oferecido era bom e mais que suficiente para consolidar os planos do jovem. O negociante de pedras, usando a tática comum dos comerciantes velhacos, mudou o curso da conversa, deixando transparecer um calculado desinteresse pelo negócio. Falava de tudo, da política, dos efeitos da guerra recém terminada, do alcance dos foguetes, até de religião, mas não fechava o negócio, nem prometia comprar

as pedras. O agrimensor impaciente, mudou o curso da conversa.

— Já que você demonstra desinteresse pela mercadoria, eu sou obrigado a levá-la para São Paulo.

Começou a juntar os diamantes e colocá-los nos piquiás, quando o velhaco interferiu:

— Espere um pouco, rapaz, diamante não é banana que se compra sem uma conversa amiga e esticada, de mais a mais, existem coisas mais importantes que pedras preciosas.

— O que pode ser valioso?

— É mais valioso o que vamos fazer com elas ou com o produto de sua venda. Veja, Paulo, uma jóia adornando o colo de uma rainha, vale mais que a pedra em si mesma. Uma viagem de recreio, o tratamento da saúde, a educação que se paga com o produto da venda, tem mais valor que a própria gema. Você não acha?

— É verdade e é por isso que eu desejo vendê-las, pois o que planejo tem maior valor para mim.

A conversa desfiou-se por largo tempo. O agrimensor admirou-se com a substância dos conceitos emitidos pelo capangueiro. Ele era bem informado, conhecia de tudo um pouco, demonstrando ser um leitor contumaz. Convidou o agrimensor para almoçar e foram para um restaurante, onde continuaram a troca de idéias e informações.

— Paulo, eu tenho notícia de que a tua frente de serviço no garimpo é uma das mais promissoras.

— Isso é verdade, ela mostra uma forma que promete.

— Então por que você deseja vendê-la?

— Como já falei, eu desejo mudar-me definitivamente para esta cidade, por isso devo desligar-me de tudo que deixei por lá.

— Você é muito jovem, tem que aprender muito. Além da base econômica sólida, nós precisamos da movimentação financeira, para que a economia não seja consumida, só assim

existe segurança. Você pode muito bem mudar-se, mantendo o negócio no garimpo. Se já ganhou tanto até agora, sem nenhuma mudança de rumo, poderá continuar ganhando e construir uma vida mais bem alicerçada aqui. É o que eu faço, aqui deste escritório, eu manejo os cordéis de meu negócio, fazendo uma ou outra viagem ao interior.

— Eu não tenho habilidade para isso, sou apenas um profissional liberal.

— Aí é onde você se engana; só vence quem tem o tino para a vitória, seja no campo das profissões liberais, seja no comércio ou na política. Quem não tem esse tino, fracassa onde quer que esteja e, pelo visto, você é um vencedor, pois consegue ser profissional de sucesso e, paralelamente, amealhar esse começo de fortuna.

— É a sorte, Alcir

— Não, a sorte não acoberta os preguiçosos e incompetentes.

O capangueiro conseguiu envolver e empolgar o agrimensor. A conversa era agradável e convincente. Voltaram para o escritório. A conversa continuou, agradável, fluente. O negócio, os diamantes, o dinheiro, nada. As pedras continuavam espalhadas sobre a mesa, como se fossem algo sem a menor importância. Quando o jovem tentava trazer atenção para o negócio, o capangueiro trazia à baila, de pronto, um assunto de interesse comum. Já era pelo meado da tarde, quando o capangueiro mudou completamente o curso da conversa.

— Paulo, qual é tua religião?

— Eu respeito todas, mas não tenho religião, acho essa estória de igrejas, de doutrinas, um verdadeiro xarope.

— Você conhece à Bíblia?

— Muito pouco, mas não tenho grande interesse por ela.

— Pois deveria ter, é ela a fonte da verdade.

— Isso pode ser aceito, pelas mais de mil religiões que se abrigam sobre sua sombra!

— Olha, Paulo, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, por isso todos devem cultuá-lo, tendo a Bíblia como Sua palavra.

— Eu penso que foi o Senhor da Doutrina que estereotipou o Deus Bíblico, à sua imagem e semelhança, pois de acordo com ela, o seu Deus tem todos os defeitos e fraquezas do homem, erra e por isso arrepende-se (Gênese VI, 6), promete exterminá-lo da face da terra (Gênese VI, 7) e não cumpre a promessa, pois o homem está aí; manda despojar (Êxodo, III, 22) e, ao depois, auxilia o saque (Êxodo, XII, 35 e 36); matou inocentes (Êxodo, XII, 29); manda apedrejar e frechar (Êxodo, XIX, 12 e 13); proíbe de adorá-lo no templo, quem tenha defeito físico (Levítico, XXI, 16 a 24); mandou matar um homem pelo simples fato de lenhar (Números, XV, 32 a 36). Por fim, dentre milhares de citações bíblicas que falam das falências daquele Deus humano, em I Reis, capítulo XXII, versículo 19 a 23, está a estória escabrosa da exaltação à mentira. Por estas e outras, não creio na origem Divina da Bíblia, pois o Deus no qual desejo acreditar, não pode ser limitado e definido, nem, tão pouco, ser agente de tantas mazelas e fraquezas.

— Você é inteligente e parece ser versado sobre o assunto, por certo seria um bom pastor, basta crer para receber a revelação.

— Alcir, eu estou aqui para vender minhas pedras e você nem olha para elas!

— Sabe, Paulo, depois de quase um dia de conversas, eu acho que você é o homem que me falta para fazermos o melhor negócio dessa região. Você se libertará da pobreza se me ouvir.

— Que negócio é esse?

— Você sabe que sou o maior comprador de pedras da região, só não sabe é que compro a mercadoria para um exportador, que no final das contas fica com a parte do leão, abocanhando a maior parcela dos lucros. Você conhece a região, tem inegável crédito junto aos garimpeiros, é proprietário de

uma promissora fatia do mancão, com o garimpo montado, dispõe de uma boa soma de capital. Se juntarmos tudo, incluindo a minha experiência, poderíamos exportar diretamente as pedras e ganharmos o que o judeu exportador ganha.

— Eu não desejo lucros astronômicos, quero apenas um pouco de capital, para me estabelecer aqui e continuar meus estudos.

— O que planejo, vem em socorro do que você deseja, no máximo você adiará por um ano os teus projetos, mas, em compensação, os lucros certos, te proporcionariam mais e melhores condições de realizá-los. Pense nisso, Paulo, pois é uma oportunidade que dificilmente se repete.

Já entardecia, quando os dois amigos se despediram, com a promessa do agrimensor de pensar sobre o assunto. As pedras, por garantia, ficaram no cofre do capangueiro.

A noite do agrimensor foi insone, perturbada pelo conflito estabelecido entre a ambição do lucro fácil e gordo e o desejo de ilustrar-se pelos estudos. O dia amanheceu, quase como um alívio para a tortura das dúvidas que se tornavam maiores no calado da noite. A ambição vencera. Os lucros certos e avantajados compensariam tudo. Afinal, os futuros sócios conheciam o terreno em que pisavam e o Alcir, era competente, bem sucedido e, por ser evangélico, com segurança seria honesto. Era bem falado, nenhum deslize lhe era atribuído em mais de trinta anos de negócios na região. O contrato foi firmado e o negócio teve início, ao embalo de justificadas esperanças e alicerçado por um bom lastro de capital. O negócio prosperou, os sócios se entendiam bem, a produção de vários garimpos era canalizada para a firma constituída.

Certo dia, Paulo resolveu visitar a Maria Fiandeira, a benzedeira que o havia presenteado com preciosas pedras, as quais, por sinal, se transformaram no centro das atenções do capangueiro Alcir e, de certo modo, excitaram o interesse pelo negócio. Ela era espírita, Paulo o sabia, por isso levava como

presente, uma coleção da obra de Kardec, em encadernação especial. Foi um momento de alegria indefinível, o reencontro do agrimensor, agora negociante, com a velha e boa fiandeira. Ali o jovem teve um momento de calma, no curso da agitação que escolhera para alcançar a tão incensada riqueza.

O agrimensor, agora, morava na Capital, estava bem informado, por isso era alvo de curiosos questionamentos. Maria queria saber tudo, as conseqüências da guerra que terminara, o destino do ditador presidente que caíra, as pessoas que compunham o novo governo do Estado, as novidades da ciência, dentre elas os antibióticos e as impensáveis cirurgias cardíacas. Ela ouvia tudo, como se fora uma estudiosa.

— Paulo, embora pareça muito, a ciência está apenas engatinhando. Eu tenho por certo que, ainda neste século, você ouvirá e verá um acontecimento que está ocorrendo em outro continente, vencerá as distâncias nas asas de modernos bólidos aéreos. Creio, mesmo, que os médicos, em futuro próximo, substituirão órgãos falidos, superando as doenças. Aí, sim, estará o início do verdadeiro avanço da ciência.

— Maria, de onde você retira essas conclusões?

— Eu vejo isso e muito mais, nos registros do mundo espiritual. Falando nisso, eu penso que você esqueceu-se do alerta que recebeu, vindo desse plano ao qual me referi.

— Qual o alerta?

— Que não deixasse o corcel da ambição tomar as rédeas de teu destino. Pelo que vejo isso já aconteceu, pois você deixou de lado o projeto dos estudos e se entrega de corpo e alma ao sonho do lucro.

— Não, Maria, eu não esqueci, apenas estou tentando aumentar o meu capital, para, depois, realizar o que desejo com mais facilidade.

— Olha, meu jovem, não te esqueças que o capital é uma fera autofagista e irrequieta, que somente sobrevive em perene movimento, suprindo-se no lucro. Na inércia ou na ausência do

lucro que é o seu alimento, essa fera indomável devora-se a si mesma e aos que a aprisionam. Por isso o capital se vai com o capitalista, do cofre inerte, para outro onde haja o seu alimento, o lucro. Cuida para que esse capital que possui, não se vá e não te leve.

— Eu não tenho jeito para lidar com dinheiro, por isso, minha permanência como negociante vai ser breve, é só aumentar um pouco o capital e eu caio fora deles.

— Espero que sim, mas a notícia é de que a tua frente de serviço está produzindo muitos diamantes e lucro é como conversa, uma puxa a outra, até acabar. Tome cuidado!

O agrimensor, embora metido até o pescoço nos negócios do garimpo e na compra de diamantes, não se desligou da velha comarca, a cidadezinha onde deixara Lívia e seus companheiros, enviando-lhes, quando haviam portadores, os recursos necessários à sobrevivência.

O garimpo estava produzindo a mancheias, os negócios iam de vento em popa, os lucros jorravam sobre os dois negociantes, que já começavam a se empolgar com os embalos da riqueza.

Dea, a prostituta, já havia se mudado para a Capital. Doca, a Dona da pensão e do cabaré, ultimava seus negócios para retirar-se dali. Paulo, que saíra primeiro, ao contrário das amigas, aumentava a cada dia, os seus liames com o garimpo, seus diamantes e suas ilusões de riquezas fátuas.

Naquela noite, depois de um dia estafante, de bons negócios e de colheita farta no garimpo, Paulo não conseguiu conciliar o sono. Algo pesado batia em sua mente, como a deslocá-lo da realidade. Num breve momento entre o sono e a vigília, percebeu a chegada de Melita, sua irmã, trazendo Lívia pela mão. Ficou surpreso, a irmã, há muito não via e até perdera o contato com ela, enquanto via Lívia andando livre da paralisia. Melita sussurrou-lhe aos ouvidos:

— Paulo, você está embriagado pela ambição; o

diamante pesa no destino, tanto quanto vale em dinheiro. Volta aos estudos.

O jovem amanheceu o dia, tocado por uma melancolia inexplicável. O desejo de rever Livia e os demais amigos, empolgava sua mente. Deixou momentaneamente de lado os negócios e se deslocou para a sede da comarca. Foi uma festa para os amigos. Têê não escondia a alegria, desfazendo-se em amabilidades. Lia já ensaiava os primeiros passos, amparada por um bastão. Livia, ao seu turno, parecia radiante, embora limitada pela paralisia.

— E o Teco, onde está?

— Como sempre, vai às aulas e, depois, sai à caça ou à pesca, com o propósito de prover a subsistência da casa. É um homem perfeito, no corpo de uma criança. Só fala o que deve e sempre com sabedoria. Nós já nos acostumamos a ouvi-lo.

— É interessante, como pode haver uma criança tão sábia e madura, enquanto a maioria dos homens se mostram vazios e imaturos?

— Olha, Paulo, respondeu Livia, esses predicados são do espírito e, não, do corpo. Esse menino guarda em si a sabedoria das vidas vividas.

— Eu, ao meu pensar, creio que isso é uma questão de genética.

— Paulo, hoje ou amanhã, você vai se dar conta, que a genética diz respeito à forma física, enquanto a sabedoria, o conhecimento e a moral, se prendem à essência ou espírito.

— De fato eu já vi o bastante para aceitar a solução espírita para este e outros dilemas, mas ainda prefiro aguardar o avanço da ciência para elucidar melhor os fatos e alcançar a verdade.

Foi um dia cheio de alegrias. A palavra franca e amiga, desvestida de interesses paralelos, a vida natural e solta, a comida caseira, descomplicada, o sorriso limpo, a alegria sincera e verdadeira. Era bom viver alí; talvez aquele lugar fosse o

Paraíso e aquelas pessoas seus habitantes. O agrimensor pensava, ruminando as conclusões: Por que os espíritas são tão simples, tão singelos e irradiam tanta empatia? Talvez seja porque não exigem, não impõem, não julgam, apenas saibam tolerar, tocados pela certeza da futura renovação de cada homem. De qualquer forma, pensava o jovem, é maravilhoso ter fé. Como gostaria de alcançá-la e ter a paciência e sabedoria de entregar ao tempo a elucidação dos enigmas da vida!

Já ao entardecer, a cidade foi agitada por uma notícia que a deixou convulsionada. O Chico Berro, como sempre o fazia vinha de seu rico garimpo, para a sede da comarca, passando, antes por sua fazenda. Cavalgava uma mula escolhida, trazida de longe a preço de ouro, sempre acompanhado por seus capangas. Em dado momento, o animal espantou-se, Chico desequilibrou-se, sendo arrastado pelo animal, com um dos pés preso ao estribo. Acudido de pronto pelos companheiros, escapou da morte certa, mas com vários ferimentos pelo corpo e fratura no pé. Levado para a cidade, foi entregue aos cuidados do único médico existente, num de seus raros momentos de sobriedade. O homem era rico, político poderoso na região, obedecido por todos e odiado por muitos. Após os curativos, os analgésicos, o retorno à consciência plena, o acidentado se deu conta de que havia desaparecido a guaiaca que trazia à cinta, onde guardava avaramente, muito dinheiro e as maiores pedras colhidas no garimpo, até escondê-las no cofre.

Foi um Deus nos acuda. Quem furtou-lhe a fortuna? A resposta era óbvia, só poderiam ser os capangas que o socorreram na hora do acidente. A imaginação multiplicava as hipóteses. O acidente teria sido provocado para a consumação do furto, afinal, os jagunços eram homens dados ao crime por dinheiro.

Após o conciliábulo familiar, Chico Berro mandou chamar o delegado, um sargentão por ele escolhido, tão feroz quanto obediente, dando ordens para a prisão dos cabras e a descoberta

do paradeiro da fortuna.

Os jagunços, inopinadamente de salvadores, foram transformados em ladrões. Um deles, o Belo, famoso pela valentia e crueldade, foi preso e amarrado, depois de uma luta de leões, por meia dúzia de soldados, dos quais um quase perdeu a vida. Encarcerado, amarrado como uma fera danada, o jagunço vociferava.

— Sargento filho da puta, é melhor você me matar logo, pois se eu sair daqui, o Chico só vai berrar na faca, eu vou cortar o pescoço dele.

— Cala boca desgraçado, senão vou te cortar vivo aos pedaços. Conta logo onde escondeu os diamantes!

— Quem roubou foi tua mãe, sargento duma figa.

E a troca de insultos entre o preso e seus captores, era marcada por palavrões descomunais. O Belo chamava o sargento de sarnento e este revidava chamando o jagunço, sabidamente valente e machão, de veado ladrão. A pancadaria sucedia a uma pausa para o interrogatório.

— Onde está a guaiaca, os diamantes, o dinheiro, veado ladrão?

— Na bunda de tua mãe, sarnento filho da puta.

Tome pancada, pontapés, tome palavrões e insultos. Foi quando alguém entrou na delegacia, chamando atenção de todos pelo espalhafate que fazia. Era o Belchior, o louco, interpelando o delegado.

— Sargento, desse jeito você vai matar os presos.

— Vá pro inferno seu maluco!

— Já estou nele sargento, se você não parar, eu vou chamar o juiz.

— Dane-se, você e esse tal de juiz.

A intervenção do Belchior, fez arrefecer a ira crescente do sargento, deixando os presos empastados em sangue, quase desfalecidos.

No outro lado da cidade, a calma reinava na casa de

Lívia. Teco chegara trazendo frutas silvestres e um jacú apanhado em arapuca. Todos o receberam com alegria; ele ouvia, perguntava, queria saber de tudo.

No dia seguinte, bem cedinho, ao retornar da costumeira caminhada, Paulo encontrou-se com o Teco, que de pasta à mão, se preparava para ir à escola. O menino se mostrou contente com o retorno do amigo.

— Como é, Teco, você está gostando da escola?

— Gosto muito, estou estudando com afinco, vou ser jornalista, pois gosto de escrever.

Falaram de muitas coisas, dos estudos, dos professores, sempre com a demonstração clara de que naquele pequeno corpo, se demorava um grande espírito.

— Doutor, eu te agradeço pelo amparo prestado a todos nós.

— Você é um bom menino, esforçado, obediente e estudioso, com certeza vai vencer na vida. Eu sou quem te agradece pelo desvelo com Lívia e Têê, pois elas não perdem oportunidade de exaltar as tuas qualidades.

— Eu sei que o senhor não acredita, mas eu já vivi outras vidas com elas, por isso estamos ligados por laços espirituais, que só o tempo é capaz de consolidar.

— Então você acredita em reencarnação?

— A reencarnação é a porta para a evolução do espírito. Todos nós, inclusive o senhor, já estivemos juntos em outras vidas, por isso estamos aqui, atraídos uns pelos outros, para completarmos o nosso aprendizado.

— Se isso é verdade, quem foram e onde viveram vocês no passado?

— Do que me é dado lembrar, vejo Lívia sempre ligada a mim, em várias vidas. Vejo também a minha mãe Lia e Têê, como figurantes da mesma estória. Eu vivo constantemente essas lembranças.

— Teco, eu acho melhor você esquecer essas coisas e se

aplicar aos estudos, para poder libertar-se da pobreza.

— Eu estou me esforçando, mas não penso em pobreza ou riqueza, eu quero é saber das coisas.

— Está bem, estude e, quando terminar o curso primário, eu vou ajudá-lo a continuar os estudos.

— Doutor, eu fico feliz e não dispense a promessa.

Teco era, realmente, um menino vivaz e atraente, dotado de inegáveis qualidades morais.

Paulo, ao visitar o amigo que era juiz na comarca, tomou conhecimento da prisão dos jagunços e das atrocidades praticadas pelo sargento, para arrancar a confissão do paradeiro da guaiaca com os diamantes e dinheiro do Chico Berro.

— Pois é, meu amigo, esse é o desfecho quase certo, resultante da contratação de jagunços, eles como serpentes, sempre ferem quem os alimenta.

— E o que o senhor fez?

— Mandei que o sargento parasse com as torturas, sob pena de processo, mas duvido de sua obediência.

Falavam de tudo, inclusive das novas atividades do agrimensor, como negociante de diamantes.

— Você está certo, Paulo, quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro e sem esse implacável senhor, não alcançamos o que é bom na vida.

— Eu quero, apenas, ganhar um pouco, para continuar meus estudos.

— Pois ganhe, estude, mas guarde o suficiente para prevalecer na vida.

Após outras considerações, Paulo retornou à casa de Lívia, onde era esperado para jantar.

De longe, enquanto caminhava, ouviu as conhecidas vozes de Lívia e seus amigos, que cantavam. Era um conjunto mavioso, onde se faziam ressaltar a voz privilegiada de Lívia, complementada pela flauta vocal de Teco, num arranjo maravilhoso que só a natureza pode arquitetar. Cantaram

conhecidas músicas do cancionero popular, numa sucessão que mais se assemelhava a um brinde. O jovem acercou-se da casa, sentando-se na raiz de uma frondosa árvore que sombreava no terreiro, temendo interromper aquele melífluo solfejo. E os cantores concluíram.

Nas asas do destino

Vou vivendo;
Sem saber o que sou
Vou sendo
Alegre, sorrindo,
No balanço da vida,
Vou indo
Sendo, vivendo,
Indo,
Venço o sofrer,
Sorrindo.

Paulo entrou naquela casa, onde o sofrimento físico e as limitações materiais eram vencidos pela fé e pelo prazer de viver. Foi recebido com a costumeira alegria, o jantar servido, a conversa amiga sobre o trivial da vida. Tê-tê que conhecia como ninguém o coronel Chico Berro, quis saber o que se passava com ele.

— Como vai o coronel?

— Com algumas escoriações e uma fratura no pé, sofre mas não corre perigo de vida. O pior é o que mandou fazer com os seus jagunços, mandando prendê-los pelo sumiço de uma guaiaca repleta de diamantes e dinheiro, no cenário do acidente.

— Ele pensa que os jagunços surrupiaram a bolsa?

— Sim e, ordenou ao delegado que torturasse os presos, para que confessassem onde haviam escondido a fortuna. Só a intervenção do Belchior, o louco, levando a notícia ao juiz, fez cessar a tortura.

— Belchior? Inquiriu Lívia.

— Sim, o Belchior, você já ouviu falar dele?

— Meus sonhos são povoados por um homem excêntrico, mas de inteligência aguçada, que diz chamar-se Belchior. Não deixa de ser interessante.

Paulo calou-se, ruminando os pensamentos, ligando aquela informação ao que ouvira no garimpo. Teco que ouvia tudo em silêncio, interferiu chamando atenção de todos.

— Doutor Paulo, ontem, quando eu vinha coletando frutas pelo cerrado, encontrei um desses cintos largos que os boiadeiros usam, coloquei-o na sacola e trouxe para cá.

— O que a bolsa tem dentro dela?

— Não sei, não abri, pensava em mostrá-la a Têê, para descobrir o dono e devolvê-la.

— Traga-a aqui, vamos ver do que se trata.

Teco foi ao quarto dos fundos, voltando com uma sacola, entregando-a ao amigo. Paulo abriu e certificou-se de que era uma guaiaca. Abriu as dobras da bolsa e constatou que era a mesma perdida pelo Chico Berro, guardando uma fortuna em diamantes, dinheiro vivo e documentos.

— Teco, nós estamos com um problema nas mãos, esta é a bolsa do coronel, que já está causando transtornos para outras pessoas.

Paulo admirou-se daquela criança não haver mexido na bolsa, tratando-a como uma coisa qualquer.

— Teco, você não pensou em abrir essa bolsa?

— Não doutor, ela não é minha, não me interessa o que guarda, só pensei em devolvê-la ao dono, pois estava pesada e deveria haver nela alguma coisa valiosa para o dono.

— É, Teco, você é um bom menino. Vamos comigo à casa do juiz.

Na residência do magistrado, contaram a estória, sendo o menino interrogado pelo experiente servidor da Justiça, a cujas perguntas respondia com firmeza, dando ao juiz a convicção da

verdade. De pronto a autoridade ordenou que libertassem os presos sob suspeita, convidando o agrimensor e Teco para irem à residência do Chico Berro.

— Eu não quero ir, disse o Teco, aquele homem já me bateu, por causa de mangas.

Paulo contou ao juiz o episódio das mangas e da agressão do Coronel. Contou, também de seus enteveres com o Chico Berro, justificando a recusa em visitá-lo.

— É curioso, ninguém nessa terra gosta daquele homem, até os seus jagunços quase foram mortos por sua ordem. Entretanto vocês terão de ir comigo.

Conhecendo, como conhecia o fazendeiro, o Juiz mandou chamar o Escrivão, lavrou um termo circunstanciado do achado, com assinatura de testemunhas e, um outro, dando conta da entrega da bolsa ao seu dono. Foram para a residência do Coronel, que recebeu o magistrado no leito, demonstrando alegria e desconfiança. Cientificado dos fatos, recebeu a bolsa, examinou-a detidamente, certificando-se de que nada faltava. Olhou para o Teco e, pela primeira vez na vida desceu de seu orgulho.

— Olha Teco, eu pensava que não existia ninguém honesto no mundo, mas você me provou o contrário, é pobre e não tocou a mão na bolsa. Eu vou dar a você vinte contos de reis, para continuar teus estudos. Teco, olhou para o juiz e para o Paulo, como se os interrogasse sobre o que fazer. O juiz tomou a palavra.

— Aceite meu filho, mesmo porque, a lei atribui esse direito pelo achado.

Teco, com voz firme e clara, respondeu.

— Seu Chico, eu não quero esse dinheiro. Tia Marta me ensinou que é nossa obrigação sermos honestos. Se é minha obrigação ser honesto, nenhuma paga devo receber por isso.

Todos se olham, atônitos, admirados pela lição recebida. Despediram-se e se foram. O juiz tomou a mão do Teco, como

se fora a de um filho, conversando sobre a família dele, os estudos, mostrando vivo interesse pela criança.

— Doutor, esse menino é peça rara, por isso deve ser aproveitado. Vou fazer uma visita à mãe dele e, se possível, colocá-lo para pequenos mandados comigo, em meu gabinete, encarregando-me de sua educação.

Naquele momento, o destino de Teco tomava consistência e rumo. O futuro o comprovaria. Paulo noticiou às amigas e a Lia, mãe de Teco, todo o ocorrido, deixando-as alegres e agradecidas.

No dia seguinte, após ultimar todos seus negócios na comarca, o agrimensor retornou à casa de Lívia, pretendendo deixar com elas os recursos necessários, para retornar no dia imediato ao curso de suas atividades.

Era tarde, a conversa desfiou solta, centrada no gesto maduro do Teco, a oferta do fazendeiro, a recusa e o ânimo do Doutor Teófilo, o juiz, de apadrinhar o menino. Lívia, aparentemente pensativa, convidou o amigo para a reunião espírita da noite. Paulo aceitou, mais pelo prazer de permanecer ali por mais tempo, que pela prática do Espiritismo, que teimava em descrer.

O agrimensor, enquanto aguardava os acontecimentos, perdia-se em considerações.

— Como é possível aparentar tanta resignação e paz, no veio de tantas e tão grandes limitações? Como pode o acaso juntar tantas pessoas parecidas, alimentadas pela mesma fé? Como é possível existir uma criança aparentando tanto amadurecimento em tão tenra idade? Seria o acaso, algumas coincidências ou, de fato, os espíritos têm razão? Voltando à realidade esforçou-se para ser coerente.

— É mera coincidência e o fruto de uma combinação genética, tentou convencer-se a si mesmo, numa tentativa desesperada de sufocar a fé nascente.

Veio a hora da reunião. As pessoas foram chegando, como

sempre, silenciosas e afáveis. Um senhor, conhecido carpinteiro na cidade, foi convidado à direção, o que fez distribuindo as pessoas em seus lugares, em volta de uma mesa comprida e numa fila secundária. Procedeu, como usualmente fazem os espíritas, fazendo uma pequena preleção sobre um texto do Evangelho, seguida por uma prece. À meia luz, não demorou, uma mulher visivelmente humilde, costureira de profissão, com voz bem diferenciada, tomou a palavra, deu conselhos, falou sobre temas filosóficos e religiosos, que causaram impressão ao agrimensor, único descrente da reunião. Depois de algumas recomendações adicionais, pediu aos presentes que permanecessem em preces mentais e aguardassem a presença de um espírito que desejava falar ao grupo.

Momentos se passaram, até que uma luminescência se formou ao lado do senhor que presidia a sessão. A claridade foi aumentando, pouco a pouco, até que a figura nítida de Maria Rosa, a mãe de Lívia, velha conhecida de Paulo, se fez presente. Maria Rosa deu uma volta em torno da mesa, colocou-se junto de Lívia, passou as mãos em seus cabelos e falou.

— Filha querida, não chore, pois este deve ser momento de alegria e agradecimento a Deus. Tuas provações estão prestes a terem fim no cadinho da carne e você retomará o curso de tuas verdadeiras tarefas na edificação do espírito.

Aquele ser ali manifestado, andou mais um pouco, colocando-se em frente ao agrimensor, passou a dirigir-lhe a palavra.

— Paulo, você me conhece, e estou aqui à tua frente, como prova da sobrevivência do espírito, para que você não possa negar a evidência. Quero agradecer o que você está fazendo por minha filha e pelos demais irmãos aqui reunidos, no trabalho de ressarcimento das falências do passado. Os desígnios de Deus os fizeram partícipes da mesma experiência, sob o mesmo teto, no aprendizado da vida. Só falta aqui, Belchior, o dito louco, que está à porta e deve ser introduzido no recinto.

Ouviu-se uma voz de alguém que cantava, em solfejos, no terreiro da casa. O dirigente abriu a porta e fez entrar o visitante, logo reconhecido como Belchior, o louco do garimpo. Maria Rosa, após a interrupção, voltou a falar.

— E agora, Paulo, você ainda duvida?

— Eu estou um pouco confuso, mas prefiro acreditar que tudo isso não passa de uma projeção da mente dos presentes.

— Já se disse que cego em toda plenitude é aquele que não deseja ver. Eu acrescento a esse conceito, que o verdadeiro ignorante é aquele que recusa a evidência da verdade.

— Eu não recuso a verdade, o que desejo é que a verdade seja comprovada pela análise científica.

— A análise somente é necessária, quando a verdade não se faz evidente.

— Nem sempre as evidências são verdadeiras, tome por exemplo as miragens do deserto.

— Só existe uma diferença, meu teimoso amigo, as miragens não discutem, como o estou fazendo aqui.

— As ilusões não são apenas as visuais, podem ser também auditivas.

— Está bem, continue enganando-se a si mesmo, mas o nosso Arcana e seu irmão Milca, os Viajores do Tempo, estão aqui informando que, vão fazê-lo conhecer a razão de estarem reunidos aqui, repetindo uma viagem de volta ao passado. Eu, por minha vez, recomendo que deixe a ilusão dos negócios e volte para os estudos e para o teu verdadeiro caminho.

— Eu agradeço o conselho, pois é, exatamente, o que desejo. Entretanto estou em busca de uma base econômica, que me dê condições de realizar o que me recomendas.

— Não, meu amigo, você já dispunha dessa invocada base econômica, mas preferiu atender os impulsos da ambição, retornando às refregas por lucros. Não te esqueças da advertência da Maria Fiandeira, pois o dinheiro é uma boa cavalgada, mas é um cavaleiro impiedoso, se tu o montas e

tomas as rédeas, serás senhor, mas se ele te cavalga, serás escravo. Não te esqueças disso.

Após mais algumas considerações, aquela imagem se dissipou na meia sombra da sala, encerrando-se a sessão.

Belchior que permanecera calado, aproximou-se de Lívia, tomou-lhe as mãos, fitando seus olhos grandes, que brilharam como cristais refratando a luz. A moça estremeceu, denunciando um vulcão de energias vibrando dentro de si. Belchior, como se fora hipnotizado, exclamou:

— Ana Tereza, que caminhos percorrestes para te encontrares aqui? Qual a força que nos conduziu, em companhia de Tuta e Rosa Elina para esta encruzilhada?

Lívia, sem a plenitude do equilíbrio mental, o que não era próprio de sua personalidade forte e alegre, visivelmente transtornada, apenas balbuciou:

— É você Elizer?

Paulo, percebendo que algo de anormal estava ocorrendo, conhecendo a alegada insanidade de Belchior, aproximou-se trazendo os dois interlocutores à razão.

— O que está acontecendo?

— Nada, respondeu Belchior, somente o reencontro de personagens, revivendo o passado.

Conhecendo a exaltação mental de Belchior, Paulo não se preocupou com o que dizia, procurando afastá-lo de Lívia. Retornando para junto da moça, o jovem, curioso, quis saber se ela conhecia o louco.

— Paulo, eu costumo ser envolvida em sonhos, povoados pela presença desse homem, entrecortado pela interferência de escravos, guardas, familiares aparentemente poderosos, no veio de uma estória que não posso decifrar. Minha mãe, já em espírito avisou-me que, logo após o reencontro com Elizer, eu deixaria as amarras da carne. Ele está aí, por isso não guardo dúvidas de que está próximo o meu desligamento do corpo físico. Paulo, antes de retornar ao mundo espiritual, gostaria de

vê-lo convencido da verdade apontada pelo Espiritismo.

— Lívia, você, por algum motivo, está super-valorizando informações, o que é próprio dos espíritas. Esqueça isso, você está bem de saúde e vai viver muito. Quanto a este homem, é apenas, mais um desequilibrado que anda por aí. Afastando-se de Lívia, o agrimensor foi abordado por Belchior.

— Paulo, eu não sou desequilibrado como você afirma a Ana Tereza, apenas estou em equilíbrio, num lugar do espaço e num momento do tempo, situado entre a terceira e quarta dimensão, de onde eu posso perceber os dois planos e vivenciar fatos que vocês não percebem. Por isso me rotulam como louco, mas eu tenho plena consciência de minha sanidade.

Paulo não entendeu o que Belchior dizia, convidando-o para retirar-se da casa. O louco insistiu:

— A próxima morte física de Ana Tereza, vai te convencer de que eu e ela estamos com a razão.

— Quem é Ana Tereza?

— É a sacerdotisa do passado, a nobre senhora a quem servi como guardião e como feitor e que hoje você conhece como Lívia.

Paulo, convenceu-se realmente, que Belchior era um desequilibrado mental, apressando a saída, para o retorno à sua hospedagem, levando consigo aquela estranha pessoa.

— Você tem onde passar a noite?

— Tenho, para mim bastam a Terra, o sol e o ar, pois eu me demoro no tempo e habito o meu próprio espaço.

— Não é isso, seu besta, eu quero saber se você tem onde dormir. Vamos comigo, vou arranjar um lugar para você passar a noite.

— Paulo, você, hoje ou amanhã vai encontrar a verdade e certificar-se da eternidade do espírito e das vidas sucessivas. Você ficará perplexo, quando o véu da teimosia se descortinar e fores colocado diante de tua própria estória. O tempo te mostrará que todos os que te anunciaram o mundo dos espíritos, estavam

com a razão.

— Belchior, eu não quero ouvir mais essa estória de espíritos e alucinações espíritas, estou farto disso.

— Está bem, o tempo vai te curar dessa teimosia.

Paulo arranhou uma acomodação para o estranho companheiro, recomendando-lhe um banho e uma refeição. Foi para os seus aposentos, com um verdadeiro vulcão de pensamentos convulsionando sua mente. Procurou conciliar o sono, sentindo uma verdadeira exaustão física. A espera pelo reconforto do sono parecia inútil. A noite não tinha fim. Lá pelas tantas da madrugada, o galo repicou seu canto, anunciando o próximo alvorecer. O moço, vencido pela estafa, mergulhou num meio termo, entre o sono profundo e a vigília. Percebeu, então, a entrada nos aposentos de Arcana, o Viajor do Tempo, acompanhado por Milca, que se dizia seu irmão, ambos conhecidos seus de outras experiências já vividas. Arcana sorriu, fazendo impregnar o ambiente, de eflúvios de paz e reconforto. O jovem alegrou-se, sentindo o influxo de energia e confiança.

— Arcana, sinto-me feliz em revê-lo, mesmo que sejas uma miragem.

— Paulo, eu insisto em não pretender convencê-lo da realidade de minha presença, pois isso é uma tarefa tua. Estou aqui, para cumprir a promessa de Maria Rosa, levando-o a rever os passos de Lívia e suas companheiras, nas estradas do passado.

Como já ocorrera antes, o agrimensor sentiu-se preso de algo assemelhado a uma vertigem, despertando numa praça movimentada, onde pessoas trajadas à moda antiga, iam e vinham, numa intensa movimentação. À direita, sobre um promontório imponente, adornado por colunatas e esculturas, para a qual afluía grande parcela da multidão. Do outro lado, uma outra edificação, com o mesmo estilo arquitetônico, rodeada por muros altos protegidos por seteiras e guardado por homens armados com lanças de pontas metálicas, completava

com a primeira edificação, um conjunto, denunciando agasalhar ali, o poder religioso e político. Arcana, indicando a primeira edificação, a identificou como o Santuário e a Segunda, como palácio do conquistador dominante.

Paulo, recostado a uma grande pedra de granito, entalhada na base à guisa de banco, contemplava absorto, as construções e o povo, tentando situá-los no contexto de seus minguados conhecimentos sobre o mundo antigo. Arcana, como se lesse seus pensamentos, veio auxiliá-lo.

— Estamos na Grécia antiga, antes da unificação e da formação da consciência de Estado. Embora haja a manifestação episódica de prepotência, predomina o gosto da massa helênica pela cultura, na expressão das artes, por isso a Grécia será unificada e servirá como celeiro de gênios, para a renovação da humanidade nos próximos milênios.

Arcana convidou o jovem a entrarem na residência do Dominador de então. Lá dentro, tudo era grandioso, guardando os portais, divisórias e aparedados, o traço comum das colunatas, balaustres e capitéis, denunciando a arte de escultores, pintores e arquitetos. Numa área interna de dimensões avantajadas, nas bordas de uma fonte artificial, uma jovem, de beleza incomum, pele de tez amorenada, cabelos longos, quase lisos, uma tiara coroadando o rosto oval e bem dimensionado, era servida por vasta criadagem. Arcana, apontando a jovem, informou:

— Esta que vês aí é a mesma Lívia, que conheces, em vida anterior. Aquela outra, ao seu lado é Lia, ambas esposas do Dominador, tomadas à força de seus pais e pretendentes ao matrimônio. A escrava que comanda a criadagem é Têê, que bem conheces. O Tirano, Dominador, no teu tempo encontra-se no corpo do menino Teco.

Arcana calou-se por um momento, como se refletisse para continuar suas informações:

— Vês aquele guardião no grande portão de entrada?

— Sim.

— Ele é o Belchior, o louco, aqui encarregado pela guarda das esposas do Dominador. A paixão secreta, os encontros amorosos, os crimes que cometeram, os levariam, a todos, a uma grande caminhada pelas trilhas da existência.

— Meu amigo, aquelas moças nos transmitem uma impressão de paz e certa candura, incompatíveis com a imagem de aventureiros a que te referes.

— Vamos reviver algumas cenas gravadas na memória dos tempos.

Sem se dar conta das treliças do processo, o agrimensor se viu em outro cenário, onde fatos inusitados aconteciam. Viu a moça que guardava alguma semelhança com Lívia, embora mais bela e de saúde exuberante, que naquele momento atendia pelo nome de Pártenis, num dos corredores do palácio. Percebeu que o Guardiã, demonstrando cautelas, penetrou num dos cômodos, onde se encontrava a moça, que foi arrastada para um canto, à meia-luz.

— Pártenis, o teu amado te aguarda entre as oliveiras, em cuja fonte estarás segura.

— Eu te agradeço, irei ter com ele imediatamente.

— Eu te protegerei, mas isso tem um preço.

— Qual?

— Eu quero, também, participar de teu leito e teu amor, mesmo repartindo-o com outros.

— Mais um, menos um, pouco importa, eu te darei o que pedes, desde que guardes silêncio, sob pena de seres lançado às feras.

— Se me deres o que peço, serei silencioso.

Pártenis foi ao encontro do amante, sob a proteção de Teócrito, o guardião, mesmo conhecendo o perigo que corria sob o guante do Tirano e dominador daquele momento.

Arcana, o Viajor, que povoava aquelas cenas, retirou o agrimensor daquele cenário, para novas informações:

— Deixemos Pártenis e Teócrito onde estão, com suas intrigas, emoções e falências. Eles caminharão na esteira das eras, no eterno aprendizado da vida. Veremos esses espíritos em lutas, no cenário da mensagem Crística onde Livia e Lia, serão vistas como Marta e Maria (Lucas X, 38 a 42 e João XI, 1 e 2) e Teco, ou o Tirano desse momento, será encontrado como Simeão, o homem que, mesmo não tenha seguido de perto ao Rabí, ouvia e admirava-se com sua mensagem, no meio da turba e que, paradoxalmente, foi o primeiro a dar testemunho de sua fé, antes mesmo dos discípulos. Sendo crucificado de cabeça para baixo, para não denunciar aos soldados romanos, o paradeiro das mulheres que seguiam o Mestre, dentre elas Marta e Maria, já mencionadas.

— A narrativa é interessante, poderia servir como roteiro novelesco.

— É, meu amigo, é interessante, além de ser verdadeira. A vida é assim mesmo, pois sempre o teatro imita a vida, jamais a vida imita o teatro.

— Eu creio que seja assim, somente desconheço o teatrólogo e seus propósitos, diante de tantas contradições e conflitos, sofrimentos, alegrias, lágrimas e sorrisos, para a encenação da vida.

— Esqueçamos essas considerações e vejamos Pártenis e seus companheiros, depois de viverem em Roma, nas Gálias e em outros cenários, agora presos ao período próximo de teu momento no tempo e lugar no espaço, no teu Brasil.

Após alguns momentos de aturdimiento, o moço se viu num sítio que lhe parecia familiar. Senhores, senhorinhas, servos, escravos e o vai e vem típico das grandes fazendas do ciclo do ouro. Num salão de área avantajada, uma jovem e bela dama, distribuía ordens a serviçais, dando mostras de ser a figura principal daquele palco. Pouco distante, sentado numa poltrona luxuosa, entalhada em madeira nobre, um jovem examinava documentos. Desviando-se dos papéis, dirigiu-se à

bela e rica senhora.

— Minha querida, eu pretendo outorgar cartas de alforria a todos os nossos escravos, permitindo que fiquem conosco, aqueles que o desejarem. O que achas?

— O gesto é nobre e próprio de tua alma prendada. Entretanto, eu acho que não devemos afrontar os costumes e a disposição dos outros senhores de escravos, oferecendo o exemplo de adesão ao temerário abolicionismo.

— Eu não durmo em paz, como proprietário de seres humanos.

— Não fostes tu quem os escravizou, já os recebestes como escravos.

— A aceitação do erro equivale à sua prática. Eu estou disposto a libertar os nossos escravos, e recebê-los como servidores remunerados.

— Se te apraz, faça-o, mas não te esqueças que eu sou tua meira e que trouxe para o casamento, algumas dezenas de escravos. Assim te peço que deixes, à minha escolha, algumas escravas, das quais não desejo desfazer-me. Liberte, apenas, os homens.

— Está bem, farei isso.

Arcana, chamou atenção de Paulo, para as duas personagens da cena.

— Elas não te fazem lembrar pessoas conhecidas?

— Sim, eu percebo neles, o Tirano, o Dominador da Grécia e Pártenis, cujas aventuras presenciamos. Seus semblantes e um certo “que”, me fazem lembrar a nossa Lívia e o menino Teco.

— Não te enganas, são as mesmíssimas almas, em uma de suas existências.

— Se são almas anciãs, como você diz, se Lívia, ou Pártenis, já tocou os pés de Jesus, como pode, neste momento, séculos depois, recusar a liberdade de seres humanos, teimando em retê-los como escravos?

— Para a forja do espírito, milênios podem assemelham-se a breves momentos, nem sempre suficientes para remover as mazelas da alma. Embora Maria, na passagem evangélica, demonstrasse humildade enxugando os pés do Mestre com os próprios cabelos, você pode sentir, ali, que ela ainda era presa da preguiça, permitindo que sua irmã Marta, laborasse sozinha, para servir um número avultado de hóspedes. Não te esqueças que a preguiça, a indolência, a ociosidade, podem ser indício de outras tantas mazelas. A evolução, meu caro jovem, é milenar e se faz passo a passo, numa gradação eterna. Muitos daqueles que serviram ao Rabí, ou aceitaram os seus ensinamentos, ainda lutam para libertarem-se de mazelas primárias do espírito.

— Não compreendo porque essa jovem, que me parece tão prendada, aceita libertar os escravos que são essenciais na lavra e na lavoura e se recusa a dar o mesmo tratamento às escravas, que aparentemente têm pouco peso econômico.

— Logo mais você compreenderá.

— Se é verdade o que estamos presenciando, qual o nome de hoje dessas pessoas?

— O jovem marido é José de Olivença e a esposa é Ana Tereza.

Trocavam impressões, quando o marido, José de Olivença se retirou e Ana Tereza, apressada, tomou o rumo de outras edificações erguidas nos fundos da casa de farinha. Arcana convidou o agrimensor para segui-lo. Num dos corredores do casario, Ana Tereza encontrou-se com outra jovem, iniciando um diálogo.

— Como está ela?

— Amargurada, tristonha, mas continua bela.

Ana Tereza comunicou à interlocutora, o propósito de seu marido, em dar alforria aos escravos e da restrição que fizera.

— Por que não permites que todas sejam libertadas, assim tornar-te-ias livre da presença dela.

— É onde laboras em engano, pois sendo livre, o perigo seria maior. Chame o Elizer para mim.

A moça saiu apressada, enquanto Ana Tereza aguardava. Logo mais a emissária retornou com o capataz da fazenda, um homem forte, portando o indefectível chicote, símbolo de seu poder e instrumento da obediência imposta. Arcana, chamando atenção do agrimensor, inquiriu:

— Reconheces essas duas outras pessoas?

— Sim, se não for um engodo da mente, temos aí o Guardião Grego, cúmplice de Pártenis, ou o nosso louco, o Belchior, de parilha com Lia, a mãe do Teco. Isso mais se assemelha a uma novela de folhetim.

— Não, meu amigo, essa é a constante novela da vida, que todos vivemos na voragem dos séculos.

— Como se chama o capataz e a outra moça hoje?

— Ela é Rosa Elina, prima de Ana Tereza, as mesmas Lia e Lívia que conheces e, ele é o atual Elizer, que voltará no teu momento do tempo e lugar no espaço, como Belchior.

— É incrível, eu poderia afirmar sem erros, que o tempo é o melhor de todos os novelistas.

— Nem só novelista, como dizes, mas o Mestre e o Juiz por excelência.

Ana Tereza comunicou ao capataz o que se passava e deu suas ordens.

— Elizer, tenha a escrava Tuta bem segura, para que possamos transferí-la à noite para as minas abandonadas, colocando-a longe dos olhos do Olivença.

— Assim o farei, minha senhora, mas quando receberei a paga?

— Agora, toma o que te prometi.

A bela senhora entregou-lhe uma bolsa, recheada de moedas.

— Falta mais alguma coisa que me prometestes.

— Tudo está aí, peça por peça!

— Não, senhora, na bolsa não cabe o que me prometeste e que resta como paga pelo que fiz e pelos perigos que pesam sobre mim.

— O que está faltando, Elizer? Redargüiu aos gritos Ana Tereza.

— Um momento, um breve momento de teu corpo.

— Você está louco? Estaríamos todos perdidos.

— Por um momento teu, vale a pena o risco.

— Jamais eu faria uma loucura dessa.

— Então eu libertarei Tuta, contarei tudo ao Senhor Olivença e aceitarei o castigo que vier, será mais doce que a tua recusa.

Um pesado silêncio se fez. A jovem senhora dava mostras de grande conturbação, quando Rosa Elina interferiu, sem perceber que Olivença, o esposo de Ana Tereza, entrara sorrateiramente no recinto.

— Ana, não permita que Elizer destrua teu corpo e tua alma.

— Não permitirei, jamais lançarei o opróbio sobre o meu esposo.

Elizer, furioso, ameaçou:

— Eu desejo as duas, ambas têm que ceder aos meus propósitos, ou levarei ao conhecimento de todos a trama que urdiram. Não esconderei também, que Rosa Elina, está utilizando o feiticeiro Kalú, para exterminar você, Ana Tereza, e ter o Senhor Olivença para si, tudo isso com o emprego de bruxarias.

— Você, além de malvado, é um louco, vou agora mesmo contar tudo ao meu esposo, pois é melhor enfrentar a sua ira, que ceder à vontade de um desalmado como você.

Ana Tereza voltou-se para sair, no que foi acompanhada por Rosa Elina. Elizer colocou-se entre as moças e o portão de saída, impedindo a retirada das mesmas. Foi quando Olivença, auxiliado por um Capitão do Mato que ali se encontrava,

dominaram o feitor colocando-o a ferros.

Ana Tereza, então, contou ao marido, toda a trama urdida, para afastar Tuta, a escrava, dos caminhos do esposo, o que fizera por ciúmes.

O agrimensur, que a tudo observava com vivo interesse, questionou o companheiro.

— Quem é essa escrava Tuta, para despertar tanto interesse?

— Vamos ao cubículo onde está encarcerada.

Foram até lá, um quarto improvisado nos porões da casa de Farinha, onde uma bela jovem resistia aos maus tratos. Era filha do pai de Olivença, com uma bela escrava negra, resultando numa verdadeira escultura humana. Cabelos longos, encaracolados e brilhantes, olhos grandes esverdeados, lábios carnudos e sensuais vestindo dentes alvos e perfeitos. Era por si, capaz de despertar interesse e acender a fogueira do ciúme.

— Já que estamos vivendo o epílogo de uma novela, quem seria essa bela escrava?

— É a boa e afável Têê, que tanto serve a vocês.

— Então eu vivo hoje no meio de todos os partícipes dessa novela urdida pelo destino?

— Sim.

— Por que, qual minha ligação com essas pessoas?

— Nenhuma, apenas tens a oportunidade de rever uma lição da vida, para que aprendas.

Paulo percebeu que seu interlocutor daquela visão se afastava, caminhando numa estrada de piso brilhante, até perder-se no horizonte. Sentia que não dormira, mas tinha consciência de que não estava perfeitamente desperto. A cidade já retomava a normalidade de um novo dia que se iniciava. O padeiro, com sua carroça puxada a cavalo, soava sua buzina característica, convidando às donas de casa para comprarem o pão da madrugada. Na igreja, que parecia a senhora da praça, o sino convidava os fiéis para o ofício religioso inicial do dia. As lojas,

os botequins abriam, preguiçosamente, suas portas. O soldado dormitava na porta da delegacia; ninguém errava, para que pudesse exercer a sua tão ciosa autoridade. O caminhão descia a rua para o trabalho, admirado por alguns, enquanto o jegue, dorminhoco, subia lento, indiferente ao progresso, aos teres e haveres, bastando-se com a grama seca da praça. Paulo sentou-se num banco no largo da Igreja, contemplando as pombas e andorinhas que disputavam lugar na torre. As mulheres de rosário à mão, entravam, silenciosas, para a eterna troca da fé pela paz. O povo, se espalhava na praça, nas ruas e vielas, na rotineira repetição de cada dia. Todos, homens, animais e a própria natureza, pareciam satisfeitos com a rotina, sem buscas, de cada dia. O jovem refletia.

— Gostaria de ser assim, crer, simplesmente crer e deixar a vida fluir, despreocupado, como todo mundo faz.

Quando assim pensava, percebeu a chegada de Belchior, não podendo evitar um frêmito interior, como consequência das reminiscências da madrugada.

— Como é doutor, está relutando em ir à missa? Está com medo de ter fé?

— Quase isso Belchior, não tenho medo, o que me ocorre é a dúvida. O que é fé? Qual a religião certa, se existem milhares delas? Para que a fé, se eu posso viver muito bem sem ela?

— Essa postura tua, é mais de revolta, de insatisfação contra as normas religiosas que não satisfazem a tua razão. Para mim, a fé direciona e justifica o comportamento do homem. A melhor religião, é aquela que satisfaz os seus anseios, proporcionando-lhe paz.

— Belchior, o que é Deus, para você?

— Deus não pode ser definido pelo limite, Ele, simplesmente **É**, porque **existe**. Para mim Ele é o manancial sem limites da **Sabedoria**, do **Conhecimento** e do **Bem**, por isso Ele é **Verdade**.

- Ele não seria, também, o Poder?
- Quem tem o conhecimento, detém o **Poder**, pois este é consequência daquele.
- O que você acha da religião?
- Creio que a religião é útil e até mesmo necessária, como fator de bom comportamento do homem, até onde ela deixa de servir a esses objetivos, para ser instrumento de satisfação de interesses de pessoas ou grupos.
- O que você acha do Espiritismo?
- É uma religião como as outras, só que mais avançada, pois se arrima basicamente, na prática do bem, admitindo a aceitação de novos conceitos, desde que oriundos da verdade. Tem como alicerce, a trilogia Ciência, Filosofia e Religião. A ciência descortina novos horizontes, analisa, sintetiza e compara, para fazer evidente a verdade, por isso na mensagem espírita está escrito, que “nem tudo foi dito”, de onde resulta que novos conceitos podem surgir, permitindo a renovação. A filosofia, rasga os limites impostos ao pensamento, o que permite a tomada de novas posições e conceitos, na perseguição da verdade. A religião, assentada na verdade científica e no alagamento da concepção filosófica, direciona o homem para a prática do bem, sem coerções, sem excluir a possibilidade da renovação evolutiva.
- O que é evoluir, para você?
- Evoluir é conservar-se ajustado com os avanços das conquistas da Ciência, sem perder o objetivo maior do espírito, que é a prática do Bem.
- De forma objetiva, o que é religião?
- Para mim a religião é a expressão cultural e conjuntural da religiosidade do homem.
- E o que é religiosidade?
- A certeza da existência de Deus, e o anseio por sua busca.
- Belchior, mesmo não concordando com algumas de

tuas colocações, vejo bom senso no que dizes. Por que, então, te rotulam como louco?

— O homem tende a rejeitar ou exasperar o valor daquilo que não compreende. A loucura é uma condição amorfa, cujos limites a ninguém é dado conceber. Quem é louco, eu ou os que me acusam? O que é loucura, o meu ou o comportamento dos outros? O que é certo, o que digo ou o que os outros afirmam? O certo, meu bom amigo, é que ninguém sabe o que é loucura e quem é louco. Não te esqueças que quase todos os gênios e reformadores, foram considerados loucos por seus contemporâneos, incapazes de compreendê-los.

— Mas você é diferente, algumas vezes contraditório e até violento. Por que isso?

— Paulo, eu vivo num limite entre o mundo físico e o espaço etérico. Vejo e vivo o que você não percebe, por isso pareço deslocado da normalidade. Quanto às minhas reações, até os animais reagem quando maltratados.

— Gostaria de conhecer melhor esse estranho modo de viver, entre os espaços ou dimensões. Conheço tantos havidos por loucos, desequilibrados, obsediados, mas nenhum em condições de se expressar como você.

— Um dia, no momento certo, vou explicar para você, a minha loucura, o desequilíbrio e a aparente normalidade dos outros.

— Eu espero esse momento. Você acredita na reencarnação?

— Acredito e por isso estou aqui, procurando seres que compartilharam comigo, erros e acertos no passado.

— Espera encontrá-los?

— Creio que sim.

Após mais algumas considerações, saíram os dois falando sobre coisas vulgares, rua à cima, na direção da casa de Lívia, pois Paulo desejava despedir-se, para retornar à sua vida, seus negócios.

Naquela casa amiga, foram recebidos com alegria, para o café da manhã. Lia, já se locomovia com certa desenvoltura, após o tratamento que recebia pelas mãos de um grupo espírita e chás recomendados por Tia Marta, um ser misterioso que se fazia presente de quando em quando, como se fora uma sombra. Todos falavam alegremente como velhos conhecidos, inclusive Belchior, aparentemente normal e que dava mostras de aguda inteligência e sólidos conhecimentos científicos e filosóficos. Teco comunicou ao agrimensor que já iniciara seu trabalho como auxiliar no gabinete do juiz e que este reafirmara a promessa de cuidar de seus estudos.

Tudo era alegria naquele lar, onde as limitações físicas e materiais, pareciam indicar o contrário. Todos eram alegres, comunicativos, otimistas, sem nenhum traço de amargura. Belchior, alegre e solto, parecia um velho conhecido, posto que, nenhuma restrição lhe era imposta. Naquele modo de viver e reagir, o jovem agrimensor anotava a diferença entre os grupos religiosos, creditando em tudo a uma fé não imposta e ausência completa de julgamentos ou preconceitos. Até Belchior, o havido por louco, ali era recebido como irmão. Deve ser gratificante, ser espírita, gostaria de sê-lo, pensava o jovem.

Naquele momento, algo despertou atenção de Paulo, enquanto os demais conversavam animadamente. Verificou a semelhança de traços fisionômicos e gestos entre os circunstantes e as personagens que povoaram sua visão da noite mal dormida. Olhava para Belchior e, nele, revia o feitor, Lívia se mostrava como Ana Tereza, enquanto Lia retratava fielmente a mesma Rosa Elina. Aturdido, o agrimensor voltou-se para Teco que se encontrava atento, envolvido amorosamente por Têê, percebendo neles a escrava Tuta e o Senhor Olivença. Deveria ser uma alucinação, pensou o agrimensor. Quando assim concluía, ao lado de Lívia apareceu a figura conhecida de Arcana, o Viajor do Tempo, que em voz límpida percebida por todos afirmou: Não é alucinação, aqui tens remidos, espíritos em

luta consciente, pela própria regeneração. Sirva, o que vês, como exemplo para tua vida.

— Vocês ouviram o que eu ouvi? Quis saber Belchior:

— Eu também ouvi algo, afirmou Têê.

Lívia, sorrindo, convidou Paulo para junto de si, segredando-lhe aos ouvidos.

— Tudo que ouvistes é verdade, foi o nosso amigo Arcana, que tu já conheces, quem o disse.

— Lívia, o espírita é, quase sempre, uma pessoa agradável, cuja convivência nos dá prazer pela ausência de preconceitos e cobranças, de onde resulta serem fraternos. Entretanto, o Espiritismo, me leva a conflitos e espantos, que me causam desconforto.

— Isso, porque você é preconceituoso!

— Eu, preconceituoso?

— Sim, o preconceito da falsa sabedoria, do falso conhecimento, do falso intelectualismo, que te leva aos prejulgamentos e preconceitos, que tanto repugnas.

Aquela reunião fraterna, desviou-se para o trivial, dando mostras de que algo bem mais forte e não identificável os reunia ali. Belchior, tomou um violão normalmente usado por Lívia, e, com rara maestria o dedilhou, dele arrancando velhas e conhecidas melodias. Pouco a pouco armaram um côro maravilhoso, a duas ou três vozes, onde se destacavam, nítidas, as de Teco e Lívia. Era um encanto, um momento de enlevo, capaz de trazer de volta o agrimensor à realidade, para expressar à meia voz: É bom viver entre espíritas, por isso, talvez seja melhor ainda ser espírita.

O grupo, alegre, cantava.

Cantando,
Espanto a dor;
Deixando
Vibrar amor

Se canto,
O meu desencanto,
Minha dor e meu pranto,
Se vai.

No amor, n'alegria
No vibrar de cada dia,
Meu sofrimento,
Se vai.

Cantando,
Espanto a dor,
Deixando,
Vibrar amor.

Era belo. O agrimensor, afeito às duras lutas da vida, sentia-se envolvido por tanta e tão sincera singeleza. Despediu-se, com os olhos úmidos, de todos os presentes. Belchior aproximou-se confidenciando-lhe.

— Apesar de me considerarem louco, eu quero reencontrá-lo para dizer-lhe o que penso e o que sou.

— Eu não sei o que pensas, mas sei quem tu és, meu caro Elizer.

Belchior abriu um sorriso largo, concluindo:

— Eu sabia que alguém, algum dia, seria capaz de compreender minha loucura.



Paulo voltou às suas atividades normais, procurando afastar-se o quanto pudesse, de espíritas e Espiritismo. Queria mergulhar na vida, nos negócios, esquecer tudo e ficar rico. Alimentava a esperança de voltar aos estudos, pretendia formar-se advogado.

Alcir, o sócio, chamou-o às pressas na Capital, um negócio das arábias havia surgido, capaz de mudar os rumos da empresa para um oceano de dólares.

Aquele dia, marcou a encruzilhada da vida do ambicioso e encantado agrimensor. No escritório da empresa, um brasileiro bem falante, acompanhado por dois americanos que arranhavam o português, o aguardavam em companhia do sócio.

— Este é Mister Brow, um dos maiores compradores e lapidadores de pedras preciosas do mundo. Quer que nós visitemos sua empresa nos Estados Unidos, para conhecermos seus negócios e, no futuro, associar-se conosco, visando deixarmos no Brasil como seus representantes.

A conversa se prolongou por dois ou três dias, almoços, jantares, visitas ao garimpo, amostragem de seus negócios em álbum fotográfico e filmes. Por fim, a conclusão, eram pessoas entendidas, riquíssimas, com as melhores referências, documentos vistosos, até fotos com personalidades do mundo político, inclusive com o presidente do país.

Diante de tantas promessas, foi acertada uma viagem de Alcir, o sócio, aos Estados Unidos, em companhia dos visitantes, levando consigo todo o estoque de pedras amealhado em meses de trabalho e que compunha todo o capital da empresa. Paulo continuaria no campo, desenvolvendo as atividades normais de garimpagem, sem, contudo, dispor de recursos para aquisição da produção. Aguardava o retorno do sócio, que traria, segundo as promessas, o capital multiplicado.

Uma carta de Alcir, o sócio, dava conta de que visitara empresas, edifícios, fábricas, grandes e valiosas propriedades dos futuros associados americanos, acendendo as esperanças de grandes negócios e fartos lucros. Na missiva, Alcir informava que deixaria com Mr. Brow, todos os diamantes, para serem lapidados e comercializados, com o objetivo de multiplicação dos lucros. O agrimensor, um tanto desconfiado, pois não era afeito a grandes negócios, mesmo assim voltaria ao trabalho no

garimpo, aguardando os acontecimentos.

Ao descer do escritório para o almoço, percebeu uma mocinha que saracutiava numa bicicleta, fazendo misérias, equilibrando-se, ameaçando atropelar transeuntes, findando por recostar-se no pequeno veículo, na porta de um bar mal freqüentado. A menina era muito bonita e estava ruborizada pelo esforço, o que a tornava ainda mais bela. Vestido curto, calcinha à mostra, totalmente desinibida e solta. O agrimensor aproximou-se e percebeu que já a vira em outras ocasiões, sendo a última na mina d'água, lá na margem do rio. Era ela, a menina Marlene, não haviam dúvidas.

— Como vai Marlene?

— Quem é você, não te conheço?

— Eu vi você lá na currutela do Pito, na fonte, não se lembra?

— Não, eu não me lembro de gente feia.

— Você é malcriada, né?

— Malcriada é tua mãe.

Disse o desaforo e saiu como um bólido na bicicleta velha, rangendo as peças. Todos os circunstantes riram, deixando o moço encabulado. O dono da banca de jornais amenizou um pouco o impacto.

— Não esquentar a cabeça não, meu amigo, essa menina é um capeta, ninguém pode com ela, o pai está para perder o juízo com ela.

— É, parece uma potra, necessitando um peão macho para domá-la. Não é a primeira vez que ela me dá coices.

No dia imediato, quando se preparava para o retorno ao garimpo, alguém bateu à porta no seu quarto do hotel. Era a Dea, a bela e famosa prostituta do garimpo. Estava magra, mal vestida, cabelos descuidados e grávida.

— O que está acontecendo com você, Dea?

— Paulo, eu preciso de tua ajuda.

A moça contou com detalhes o que lhe acontecera.

Embora dizendo senhora de si e imune ao assédio dos aventureiros do amor, ela se apaixonara por um malandro, um desses cabeludos tocadores de viola que cantam pelos bares, entregando a ele todos os seus haveres para montarem um prometido e rendoso negócio, para iniciarem vida nova. O malandro se foi com seu dinheiro e diamantes, deixando-a grávida e sem um tostão, quase a passar fome. Agora, dizia ela, nem puta poderia ser, com tamanha pança.

— E o que você deseja de mim?

— Não sei, eu preciso de um rumo, não sei o que fazer.

— E tua família, onde se encontra?

— Eles não me aceitam, são crentes, muito exigentes, acham que eu posso perverter toda a família. Têm vergonha de mim.

— Você sabe ou é capaz de dirigir um hotel?

— Sei e sou capaz, por quê?

— Este hotel que me hospeda, está à venda, a dona está muito doente, sem capacidade de gerí-lo. Vamos comprá-lo, você será minha sócia.

— Como você vai pagá-lo? Eu sei que você não guarda dinheiro!

— Os diamantes e o dinheiro que você e a Doca me deram pelos serviços que lhes prestei, ainda estão comigo, vou devolvê-los agora.

O hotel foi adquirido e entregue a Dea e sua amiga Doca, que veio a se transferir para a Capital.

Paulo, lembrando os fatos, se dava conta de que fora, apenas, um guardião daqueles recursos, devolvendo-os a quem os mesmos eram destinados. Comentou os acontecimentos com Doca, a pensionista do garimpo.

— Paulo, a cada encruzilhada da vida, encontramos lições e advertências. Em verdade, não somos donos de nada, apenas transitamos pela vida, como mordomos de Deus, que é o verdadeiro Senhor de tudo. Por isso devemos saber administrar

o que nos é entregue, mas cultivarmos a resignação para quando formos despojados dos haveres que nos são confiados.

— O dinheiro traz a felicidade?

— Nem sempre, pois ele é instrumento, que pode ser bem ou mal utilizado, podendo proporcionar alegrias ou sofrimentos.

Paulo, de pasta à mão, descia a rua, com o intuito de alugar uma charrete que o levaria ao aeroporto, quando, quase o atropelando, passou a menina moleque, na conhecida bicicleta, equilibrando de pé sobre a mesma. Bonita, pernas expostas, cabelos desgrenhados, alvo dos assobios maliciosos. Potra brava, como gostaria de domá-la, pensava o agrimensor. Ela sumiu indiferente, deixando no ar um “quê” de deboche e provocação.

O garimpo estava diferente, dava mostras do apagar de ilusões. João Turco preparava-se para armar as teias de sua exploração, em outro mançã que surgia, acendendo esperanças, como sempre, a dezenas de quilômetros dali, rio acima. A antiga pensão da Doca, pertencente, agora, a outras pessoas, degradingolava-se em desmazelo. O cabaré, lugar mais importante daquele amontoado de gente, definhava, entregue a prostitutas velhas, doentes, desdentadas. Os garimpeiros iam e vinham, desalentados, como sombras esquálidas de um passado de promessas e sonhos. Paulo percebeu que o ciclo de arrufos e prosperidade, terminara, na mesmice rotineira dos festejos que se exaurem no cansaço de corpos exaustos. O garimpo se exaurira, mas outro, aqui ou além, tornaria a acender o fogo das ambições.

A batida d'água despejada no mançã do agrimensor e seu sócio, ainda produzia algumas pedras. Os garimpeiros, honestos como sempre o são, prestaram contas, entregando as pedras produzidas, reclamando suas participações, quer em dinheiro, ou em espécie. O agrimensor, dando seqüência aos seus negócios, pretendia deslocar-se para o novo mançã

descoberto, para reiniciar o mesmo sonho de riqueza fácil. Ao cair da tarde, lembrou-se de Maria, a fiandeira, decidindo fazer-lhe uma visita. Levando um moinho de café e uma moedora de carne, como presentes, o jovem foi ter com a velha amiga. Maria Fiandeira o recebeu com indisfarçada alegria, falando de tudo, querendo saber o que fora feito de Dea, Doca e de Belchior. Depois de ouvir o relato do jovem, a fiandeira tomou a palavra:

— Paulo, você não deu ouvidos aos conselhos que recebeu, cavalgou o ginete da ambição, por sorte ele te jogou ao chão. Desperta, esquece os sonhos de riquezas, toma as rédeas de teu destino e volta para os estudos.

— Por que você diz que eu fui atirado ao chão?

— Você aceitou a sedução de um grande negócio e se deixou levar pela ambição. Agora, você e teu sócio, foram envolvidos por pessoas desonestas, que levaram tudo quanto possuíam. Só te resta agora, o tempo e a experiência vivida, aproveita enquanto podes.

— Como você sabe disso?

— A voz que me vem pelo canal da mediunidade, que você tanto nega.

— Você acha que fomos logrados pelos americanos?

— Não, vocês foram logrados pela própria ambição.

— Eu ainda penso que meu sócio retornará com um bom lucro, pelo negócio que fizemos.

— Paulo, não te esqueças, você terá que remeter dinheiro, para que teu sócio possa voltar.

Escurecia, com a despedida do sol escondendo-se nas montanhas, enquanto a lua teimava em compensar a ausência do astro rei, como o dourado do luar que se espalhava sobre o amontoado de cascalho revolvido, na ânsia esperançosa do garimpo. Maria colocou a roda de fiar no terreiro, Paulo aquietou-se numa tora de madeira como assento. O último garimpeiro, teimoso, endurecido pelo trabalho e pela pobreza, voltava da cata para o repouso no rancho, ferramenta às costas,

esperanças no coração, andando e cadenciando a dor que cantava.

Volto, volto,
Pra Maria,
Minha alegria,
Que me espera soluçando,
Volto, volto,
Pro meu amor,
Pra matar essa dor,
Que me está matando.

Aquele canto dorido, espontâneo, verdadeiro, mexeu com as entranhas do agrimensor. O garimpeiro, chorava sua Maria, gemia a sua dor, ao embalo da saudade. E ele, o agrimensor, nem Maria tinha para chorar. Só a saudade do nada, do ignoto, do insondável. Aí veio à lembrança, a figura da menina da bicicleta, da cabaça d'água, da irreverência, da malcriação, a potra selvagem. Ah, se eu pudesse domá-la, talvez tivesse alguém e algum lugar para voltar.

O garimpeiro cantador chegou:

- Boa noite comadre, tem um cafezinho aí?
- Tem Zequinha, vai lá no fogão e tome.
- Ah, que bom, o doutor tá aí? Como vai o sinhô?
- Tô bem e você?
- Também tô. Foi bom encontrar vosmicê, quero vender umas pedrinhas pra mandá grana pra muié.
- Não estou compreendendo Zequinha, o dinheiro acabou.
- Pelo menos um pouquinho ancê compra e ancê mesmo manda o dinheiro prela.
- Quanto você quer mandar para a mulher?
- Uns cinqüenta contos, doutor, se puder.
- Está bem, eu mando, me dê o endereço dela.

Fizeram o negócio de diamantes na penumbra, sem lentes, sem pesos, sem dinheiro, sem um único papel assinado, só a lua e a fiandeira como testemunhas. Paulo recebeu o piquá de diamantes.

— Doutor, venda essas pedras por lá, se sobrar alguma coisa depois vancê me dá.

Tomou o café, fez um cigarro de palha, falou de coisas sem queixar, despedindo-se.

— Té mais logo, Deus te pague. O mundo é bom, tem gente como vancê e a comadre Maria. E saiu. Na primeira curva da estrada recomeçou seu canto, seu lamento ou sua prece, não sabemos.

Volto, volto,
Pra Maria.

Maria Fiandeira recomeçou a sua fala:

— É tão simples ser feliz, nós é que complicamos as coisas.

— É, Maria, mas a vida é dura demais, muitas coisas não dependem de nós.

— Tudo que existe ou acontece tem uma causa. Em nossa vida, nosso estado atual, é reflexo de nosso comportamento no passado. Não existe um tribunal punindo os homens ou distribuindo prêmios, o que ocorre é a reação a uma ação pretérita. Se plantarmos, colheremos exatamente os frutos do plantio.

Paulo admirou-se ouvindo a exortação da fiandeira, expressa com tanta sabedoria. Percebeu que algo se modificava no semblante da mulher, sua cor tornou-se mais clara, os cabelos, a voz. A impressão era de que Maria se transfigurara por completo. Surgiu em seu lugar, a figura nítida de Madre Angélica, já conhecida do agrimensor.

O moço ficou transtornado, seria mais um daqueles

fenômenos para aumentar suas dúvidas? Maria, ou Madre Angélica, ou seja lá quem seja, continuou falando.

— Paulo, a felicidade é simples, singela, solta, não exige, não acorrenta, não condiciona. Ela traz alegria, liberdade e afasta o medo.

— E o que é ser feliz?

— Ser feliz é viver em paz.

— E o que é necessário para alcançarmos a paz?

— Aceitarmos as coisas, os fatos e as pessoas, como eles são e não exasperarmos as dificuldades e aparentes necessidades da vida. Isso em resumo, significa evitarmos os conflitos.

— Se aceitarmos as pessoas e os fatos como são, certamente teremos que nos conciliarmos com coisas e pessoas erradas. Se evitarmos os conflitos, estaremos concordando com isso.

— Aí é onde se equivoca, quem pretende impor o que pensa. Aceitarmos as pessoas como o são, não implica na aceitação do que pensam e, menos ainda, de seu modo de viver. Apenas devemos compreender que elas existem e têm o direito de agir como pensam, sem que façamos disso, motivo de conflitos.

— Devemos aceitar os fatos errados ou dolorosos?

— O comportamento correto é compreender que eles existem, sem a reação conflituosa do revide. Se uma fogueira for acesa, você não vai negar que ela existe e, tão pouco, atirar-se dentro dela para esboçar descontentamento. O razoável é negar-lhe combustível e construir o acero do bom senso. Ela se extinguirá sem propagar-se e sem destruir quem discorda.

As dificuldades, os erros e desacertos, sempre existiram e existirão; o homem de bom senso pode anulá-los pelo comportamento correto, sem a necessidade do revide e do conflito.

A mulher calou-se por um pouco, colocou a mão na frente do agrimensor e continuou:

— Paulo, se você quiser ser feliz, aprenda a viver em paz.

— E para viver em paz?

— Não alimente conflitos e evite o impulso nocivo do revide.

— O homem pode ser feliz sofrendo necessidades?

— As necessidades primárias da vida, podem ser supridas por qualquer um, basta trabalhar, ser perseverante e honesto. Quanto às necessidades criadas e alimentadas pela fantasia, ambição, orgulho e a lascívia, elas podem ser satisfeitas, sem que se transformem em instrumento de tormentos e quedas no fosso do mal. Veja, meu bom amigo, que a quase totalidade das necessidades, são artificiais ou artificiosas e criadas pela ambição desmedida do homem. As grandes e mais ferozes disputas, causadoras de sofrimentos e lágrimas, se dão pela posse do supérfluo, de coisas, haveres e posições desnecessárias ao equilíbrio primário da vida.

— Minha amiga, se fora assim, estaria eliminada a possibilidade do progresso, do avanço tecnológico que são motivados pelo desejo do homem de avançar, conquistando novos suprimentos para a vida.

— A conquista de novos conhecimentos, que redundam no avanço tecnológico, pode ser alcançado sem sofrimentos e sem disputas destrutivas. Os bens que resultam dos avanços do conhecimento podem ser adequados à melhoria da vida, sem que a sua aquisição seja vetor do açulamento de ambições desmedidas, que fazem o homem sofrer e provocar o sofrimento do próximo, pela guarda do que tem e pela carência do que não possui. A sabedoria pode levar o homem a se bastar e ser feliz com o que tem e é, sem sofrer pelo que não tem e não é, basta vencer a ambição desmedida e a lascívia que degenera.

— Maria, ou seja quem for você, qual é o vetor de exacerbação da ambição humana?

— Eu creio que é o altar que o homem erigiu ao deus

Lucro.

A mulher passou a mão carinhosamente na cabeça do agrimensor, completando a sua peroração.

— Basta ao homem a satisfação das necessidades primárias da vida, que podem ser alcançadas com simplicidade, sem açosamentos, inquietações ou disputas negativas. E para ser feliz, basta edificar a paz, evitando os conflitos oriundos do revide.

— Eu creio que a vida é, em si, um permanente conflito.

— Essa afirmação é uma meia verdade, pois o conflito da luta pelo confronto dos contrastes, para solução dos problemas e pela conquista de novos valores, não precisa transformar-se em revide e nascedouro de porfias negativas, sejam elas íntimas ou exógenas.

Evitar o revide, vencer a ambição desmedida, é meio caminho para alcançar a paz e, com ela, a felicidade.

Paulo, desmonta do corcel da ambição e volta para o teu caminho, se desejas alcançar a tua edificação interior e a tua paz.

Maria fiandeira, pouco a pouco retornou ao que era, no semblante e no falar. O agrimensor percebeu que algo de extraordinário acontecera ali. Sentiu uma força renovadora empolgar a sua intimidade. Tomou a decisão, agora definitiva, de atender a tantos conselhos recebidos, de retomar seus estudos. Concluiu que não poderia continuar negando a verdade da doutrina espírita, diante de tantos fatos de aceitação irrecusável que presenciara. Não seria possível negar os fatos lastreados em desculpas e explicações impossíveis de serem provadas. Iria, decidiu o jovem, ler e analisar com mais atenção e menos preconceito, os fundamentos da Doutrina, que até então recusara. Foi a decisão tomada pelo agrimensor, naquela encruzilhada da vida.

Já era tarde da noite, Maria convidou o amigo, para dormir ali mesmo.

— Doutor, apesar do luar, é mais seguro dormir aqui

mesmo. Não existe conforto, mas eu ficaria feliz por acomodá-lo por uma noite.

Paulo, aceitou o convite, acostou o corpo cansado no colchão de palhas, mergulhando em sono profundo, animado por sonhos e reminiscências agradáveis. Reviu cenas da Grécia, que lhe eram particularmente gratas, viu Roma, suas legiões, seus Césares, esmaecidos pelo fulgor das pegadas de Cristo. Viu Ana Tereza, Rosa Elina, a escrava Tuta e o feitor Elizer, agora imantados na figura de Lívia, Lia, Têê e o louco Belchior. Aquelas figuras se sucederam no espelho mental do jovem, agora nos braços de Morpheu, com toda a naturalidade, como se fossem a firmação veraz de fatos vivenciados. Por fim, percebeu a entrada no recinto, da figura do Senhor de Olivença, que já vira na Grécia como o Tirano de Sanos, agora vestido na simplicidade e na pureza do menino Teco.

Mesmo que fosse um sonho, pensou o jovem, era bom sonhar.

Ao romper o dia, após o moca quentinha, com fritada de ovos caipira, Paulo agradeceu, despedindo-se da Fiandeira.

— Maria, gostaria de ser como você, grande na humildade, sábia na singeleza, boa e pura na tempestade de lutas e desacertos da vida. Enfim, gostaria de ser feliz como você.

— Paulo, você é feliz, apenas não percebe que o é. Quem tem a sabedoria para perceber o valor das coisas simples, pode ser considerado feliz, por estar desvestido do preconceito e do orgulho. Você é feliz, apenas não percebe que é!



No arraial do garimpo, lavrava a desesperança, os manchões exauridos, os homens desiludidos, os ranchões abandonados, até o bordel virando tapera. A delegacia abandonada, não havia de quem cobrar a célebre carceragem. A capelinha, com o sino mudo, não havia desobriga, sem a

possibilidade das espórtulas. A congregação evangélica, caía aos pedaços, para que pregar o Evangelho ? De quem exigir o sagrado dízimo? Não haviam presos, pecadores e, tão pouco a salvação. Até o Estado e seu coletor se foram, não havia de quem arrancar tributos. Só restou a doença, o desalento, a desesperança, que não interessavam aos soldados, ao poder, ao pastor e ao coletor de impostos. Morria ali, mais um garimpo, sepultando as esperanças dos sonhadores que se transformaram em garimpeiros.

Paulo apanhou o que restava e foi caminhando para a picada que servia como pista de pouso, onde o teco-teco o aguardava para o retorno. Caminhava pensando. Por que o mundo é assim, se existe esse tão falado Deus, por que Ele, sábio como deveria ser, não fez tudo certo, ordenado, perfeito? Por que os altos e baixos da vida ? Por que e para que a dor, a desilusão, o fim das coisas ? Por que Deus não fez o mundo e o homem perenemente felizes ? Será que Ele cometeu um erro?

Caminhava a passos lentos, como se viesse do nada, para lugar nenhum. Não havia pressa ou esperança. Para onde iria ? Para um novo amontoado de pessoas, de conflitos, ambições, anseios e paixões, para, ao final desaguar no nada, no abandono, na desilusão, na morte ?

Foi quando alguém chamou sua atenção. Era a Rosa, a última resistente do bordel, à espera do amor vendido que não vinha.

- Doutor, pra onde vai tão distraído ?
- Vou embora, Rosa, o garimpo acabou.
- Garimpo é como a vida, nunca acaba, desaparece aqui, mas aparece ali.
- Isso é ilusão, Rosa, é sonho.
- Doutor, a ilusão e o sonho é que animam a vida.
- Está bem, Rosa, eu vou embora e você ?
- Doutor, eu sou "da vida", por isso vou para o próximo garimpo, que vai surgir logo ali. É só ter paciência.

— E por que você não larga dessa vida ?

— E por que você não larga de ser doutor ? Cada um dá o que tem e faz o que sabe.

— Você deve estar com a razão, Rosa, até um dia.

O agrimensor despediu-se e foi para o seu perigoso aeroplano, de tubos e lona, completa e totalmente desassistido.

O pequeno monomotor decolou da precária pista, tentando sustentar-se no ar. Subiu, ultrapassou a formação montanhosa e começou o seu entra e sai nas nuvens que teimavam em colocar-se a baixa altitude. Depois de algum tempo, o piloto, endurecido pelos perigos diários, rompeu o silêncio.

— Doutor, o senhor está muito calado hoje, está com medo?

— Não, Filó, não estou com medo, estou preocupado com meus negócios, as dificuldades, parece que estou rolando de água abaixo.

— Negócio é como poço, se um seca, abre-se outro e a vida continua.

— Nem sempre isso é possível, às vezes, a ferramenta acaba.

— Não, doutor, a ferramenta do negócio é a sabedoria, a esperteza e essas nunca acabam. Não desanime, você vai achar uma saída.

O avião saltava no ar, como cabrito na pedra. O agrimensor continuava calado.

— Doutor, o teu calundú não é só negócio não, deve ser coisa de mulher!

— Pode até ser.

— Quem é ela?

— Eu vi uma menina, duas ou três vezes nos arredores do garimpo. Não sei porque, ela ficou gravada em minha mente. Agora, tornei a vê-la, várias vezes, por perto do restaurante do Grego, já mocinha, correndo de bicicleta, como se fosse um menino. Parece um capeta, mexendo com todo mundo.

— Ah! Eu já sei quem é, você não é o primeiro que se joga pro lado dela. Ela provoca e se manda sem dar confiança.

— É, deve ser ela mesma, mas vamos esquecer, eu quero é resolver meus negócios e tomar um rumo na vida. Você acredita em Espiritismo?

— Eu sou espírita praticante.

— Por que você é espírita?

— Porque é simples, não complica, nada exige, não condena, só ensina e aconselha.

— E os fenômenos espíritas?

— Se eu não posso provar nada, também não posso negar. O importante é que os espíritas fazem o bem e nada exigem, enquanto o Espiritismo tem por norma, apenas os ensinamentos de Jesus, que se resumem na prática do bem e no exercício do perdão. Por isso sou espírita.

Filó, o piloto, falava, enquanto o tempo começava a fechar, o vento jogando o pequeno aeroplano de forma ameaçadora.

— Vamos dar meia volta e descer na sede da comarca.

Depois de alguns sustos, desceram no aeroporto da cidade, onde moravam Lívia e suas companheiras.

Na cidade, passado o temporal, começaram a estourar os foguetes e rojões. Era a animação da festa do padroeiro, aproveitadas pelos políticos em véspera de eleições e combatidas pelos evangélicos, cujas seitas se multiplicavam, transformando o Evangelho em mercadoria e a religião num perfeito e acabado negócio. O povo, animado, ia e vinha, aproveitando tudo, sentindo a alegria de vencer a rotina.

Paulo e o piloto, para passar o tempo, foram assistir o leilão na porta da Igreja.

O leiloeiro, misto de sacristão e faz tudo do padre, esforçava-se para alcançar maior preço pelas prendas, que iam de bugigangas a lotes de animais, não sendo raro pequenas parcelas das grandes propriedades possuídas pelos ricos

herdeiros de terras. Entretanto, as prendas mais disputadas eram as leitoadas e perus assados, preparados pelas moças e mulheres mais belas e desejadas, cujos maridos e pretendentes davam tudo para não permitir que outros arrematassem a oferenda. O leiloeiro sabia disso e conhecia todas as fofocas da cidade, por isso esforçava-se para esquentar a disputa. Afinal era preciso engrossar a bolada na gaveta da Igreja. Os fins, pensava ele, justificavam os meios.

Chegou a hora da prenda da Guiomar, a conhecida Guigui, moça tão bonita e rica, quanto sapeca e namoradeira. Os rapazes da cidade e até da região, filhos de fazendeiros abastados, se ralavam por ela. Não eram raras as cenas de ciúme provocadas por Guigui, entre casais da sociedade. Ela namorava todos, prometia e enganava deixando-os a ver navios. Diziam as más línguas que ela desejava mesmo, era o amor do doutor Alarico, um jovem médico, que, entretanto, já era casado com uma bela e instruída moça. Era o disse que disse, era a fofoca, o prato predileto das solteironas e mulheres mal casadas, todas de olho grande no comportado esculápio.

O leiloeiro limpou a garganta, caprichando na oferta.

— É agora, a prenda das prendas, a bandeja da cobiçada e nunca alcançada Guigui, a nossa princesa. Só leva quem for rico e capaz, mesmo que não seja rapaz. Quem se anima, quem dá mais?

— Dou cem!

— Eu dobro.

— Dou quinhentos.

— E eu ofereço mil e quinhentos.

A platéia silenciou. O leiloeiro ficou de boca aberta, não seria possível uma leitoadada valer mais que todas as prendas leiloadas. Guigui se desmanchava vaidosa, olhada e admirada pelos homens, invejada por muitas mulheres e dardejada pelos olhares despeitados de algumas. Maria Pintada, moça velha e feia, cuja alcunha indicava as sardas avantajadas do rosto,

comentou:

— O que estão arrematando, não é a leitoa, é a atoa, que vai pra cama com qualquer um.

A tia de Guigui, que ouvia ao lado, rebateu:

— A Guigui não tem culpa de ninguém te querer, você tá é com despeito, pois não acha quem te queira. Palavirão pra lá e pra cá, os pacificadores no meio, os ânimos se acalmaram, o leilão continuou:

— Quem arrematar, leva a prenda e um abraço da novenária.

— Dou dois mil, gritou o Bolacha, filho mimado de um rico fazendeiro.

— Vendido, respondeu o leiloeiro.

Bolacha veio receber e pagar, acolitado pelo orgulhoso pai. A platéia gritava em coro: Abraça, abraça. Guigui levantou-se, foi auxiliar a entrega da prenda com toda a desenvoltura, e, para espanto de todos, deu um baita beijo no Bolacha. Foi um escândalo, ninguém jamais vira isso, os beijos naqueles tempos, eram objeto de furtos ou de ofertas às escondidas. Falava-se, mas ninguém via. Falou-se daquele beijo por muito tempo, mas a Guigui continuou leve e faceira, sem dar a menor importância aos mexericos.

O padre falou aos fiéis, agradecendo a colaboração, abençoou a todos e, de permeio, o beijo da Guigui, que tanto rendera para as obras da Igreja.

Paulo e o piloto, deixaram o local, caminhando pela rua, voltando para a hospedaria. Não muito distante, uma congregação evangélica desenvolvia seus trabalhos. Cantavam hinos, que levavam o agrimensor de volta à infância, pois era filho de família evangélica. O pastor iniciou a leitura de um trecho da Bíblia, seguido de suas apreciações sobre o tema lido. Falou muito, de forma eloqüente e emocionada, sublinhando sempre, as condenações, a perdição, o fogo do Inferno, para quem teimasse em recusar o que ensinava, prometendo o paraíso

para os obedientes. Depois de algum tempo, procedeu-se à coleta, e uma oração encerrando a função. Paulo, voltando-se para o companheiro, observou:

— Por que os pastores ancoram toda a sua prédica, na ameaça do Inferno e na promessa do Céu?

— Para mim, isso não importa, se eles acreditam no Céu e no Inferno, eu respeito esse direito. Eu não acredito, pelo simples fato de crer em Deus, na sua sabedoria e bondade. Não posso acreditar que Ele haja criado um Satanaz, um Inferno, para atazanar e punir seus filhos desobedientes. É mais simples, singelo e racional, ser espírita, acreditando na bondade do Pai.

— E esse Pai, igualaria quem procede bem ou labora no erro?

— Não, meu caro, Ele procede com justiça, cada um colhe o que planta, é a Lei dos Semelhantes, a Lei do Retorno, é o ordenamento cósmico. Não existe punição ou prêmio, o que existe é o justo retorno, ou conseqüência de nossos atos.

Continuou a caminhada, os dois companheiros foram atraídos pelo som de uma sanfona, acompanhando um casal de cantores, não muito distante dali. Era o trivial daquela gente, plantar e aguardar a bênção da chuva, para colher o que sobejasse das pragas e predadores, entregando a colheita pelo preço vil arbitrado pelo turco da esquina. Era o suor despejado na terra, na ilusão alucinante do garimpo. Era o olhar de esperança para o futuro risonho, que é, sempre, o presente frio e amargo, que caminha para a saudade do passado. Era a rotina, o amanhecer, anoitecer e o esquecimento da noite, num suceder cansativo, para se exaurir na certeza da morte. Só o canto, a sanfona fanhosa, o pandeiro surrado, arrancava da alma simples daquela gente, uma alegria passageira, na cansa da arrasta pé e na provocação do rela bucho. Os cantores cantavam, quem se atrevia, dançava:

Nheco pra qui,
Nheco pra lá,
Dá meia volta,
Venha pra cá.

Chega morena,
Não vale a pena
Me desprezar,
Balança as cadeiras,
Nêga faceira,
Vamos dançar.
Nhenco pra qui,
Nhenco pra lá.....

— Meu amigo, disse o agrimensor, não sei como essa gente ainda canta e se diverte.

— Não te esqueças que a felicidade é simples, o homem é quem procura complicações para se tornar infeliz.

— Eu não creio que essa gente possa ser feliz, atolada nesse mar de ignorância e carências.

— O teu equívoco é pensar que as tuas carências, são as mesmas deles, e que a tua verdade, se equipare à dessa gente.

— O que você acha que é carência?

— Carência, ao meu entender, é a falta de algum bem ou valor, essencial à normalidade da vida. Os bens ou valores que não são essenciais à vida, deixam de ser carências para se transformarem em exigência de supérfluos ou, até mesmo, em luxúria.

— Quer dizer que você entende, que o que supera às necessidades primárias da vida, como o comer, morar e vestir, é pretensão supérflua? Se fosse assim, o homem deveria permanecer nas selvas, onde existe comida, cavernas, sem a necessidade de roupas, em estado selvagem.

— Você está radicalizando a questão. O que eu afirmo é,

que, as verdadeiras necessidades, são aquelas que dizem respeito às exigências básicas e fundamentais da vida. Mesmo estas, devem ser consideradas de forma natural e suas soluções devem ser alcançadas, sem exasperações. As necessidades que eu considero supérfluos, são aquelas que não são essenciais, mas que ao meu ver, podem ser usufruídas sem que, para isso, o homem sofra e faça sofrer.

— Você poderia dar um exemplo prático dessa afirmação?

— Claro! A quase totalidade dos objetos, mercadorias e produtos expostos nas vitrines, ou oferecidos por vendedores espertos, são absolutamente desnecessários, entretanto, não é raro encontrarmos pessoas suspirando, lamuriando ou sofrendo o peso e o aviltamento da dívida, pela sua posse. Quantas pessoas se tornam escravas da dívida, para satisfazer o suprimento de uma carência gerada na fantasia ou na luxúria?

Um par já entrado em anos, passou rodopiando, esquecido da idade, da pobreza e do mundo, enquanto outros, de jovens, se esfregavam, umbigo no umbigo, tentando afogar ou esconder, sem sucesso, o desejo da carne. Os cantadores, cantavam, a sanfona gemia, repetitiva e fanhosa; o pandeiro teimava, a poeira levantada pelos dançarinos, e a luz sovina do lampião, escondiam as emoções explícitas daquela gente. Era gente simples, pensavam, amavam, viviam. Filó, o piloto, arrematou:

— Está vendo, Paulo, eles são felizes, não sofrem pelo que não possuem e nem podem ser, estão satisfeitos com o que possuem e com o que são.

— Se essa tese for verdadeira, o mundo fica onde está. Eu creio que é a ambição que empurra o homem para frente.

— Você confunde ambição, com o desejo inato do homem de progredir, avançar, melhorar. A ambição é doentia, caracteriza-se pelo desejo sofrido da posse de valores, além dos limites, o que redundava em sofrimento. Já o progresso, o avanço, a melhoria, além de denunciar sabedoria, é saudável,

estimulante, por se arrimar na busca da verdade.

— Filó, em alguns momentos você se assemelha a um sábio. Já que você se referiu à verdade, o que, de fato, vem a ser ela?

— A verdade absoluta, que é o conhecimento absoluto, está fora da métrica humana, pois se confunde com a Energia Absoluta, que é o próprio Deus. Já a verdade humana, para mim, é relativa e se define por ser a expressão do conhecimento atual adequado ao fato. Se o fato se modifica, ou se torna melhor conhecido pelos avanços da ciência, a verdade conhecida também tomará novas formas e conceitos, adequando-se às novas circunstâncias. Por isso se diz, “tudo no mundo é relativo”.

— Você, ao seu entender, poderia exemplificar o que diz?

— Paulo, dois grupos de ordenamento efluem da Energia Absoluta, ou Deus. O primeiro se refere às Leis Primárias, que regem o ordenamento geral e que, por isso, não podem sofrer a intervenção de nenhuma outra vontade, nem mesmo da Fonte Original da existência. O outro grupo, refere-se às Leis Secundárias, que podem sofrer o peso do arbítrio. As Leis Primárias dizem respeito ao “**O Quê**”, ou existência e, as Leis Secundárias, se referem ao “**como**”, ou maneira de existir.

Segundo esses princípios, o homem não pode interferir na sua **Existência**, por escapar do seu arbítrio (Leis Primárias), mas pode interferir na maneira, ou no **como** existir, segundo o seu arbítrio (Leis Secundárias).

Desse entendimento resulta que, a Verdade Absoluta, escapa ao arbítrio e à métrica humana, por ser infinita. Já a verdade relativa, efluente dos conceitos humanos, sofre o arbítrio do homem e pode sofrer mutações de acordo com os avanços da ciência. Por exemplo, foi uma verdade ensinada e aceita e, até mesmo imposta, que a Terra era o centro do sistema planetário. Veio a ciência, provando que o sol, e não a Terra, é o

centro de nosso sistema, fazendo a verdade **relativa** anterior, ser substituída pela verdade relativa posterior. Assim foi com a circulação do sangue, a geração espontânea, a gênese da vida e o será sempre, até que o fato seja absoluto e se adeque a conceitos absolutos. No atual estágio do conhecimento, a verdade pode ser definida como o “conhecimento atual, adequado ao fato conhecido”. Por isso, a verdade humana é relativa.

— Filó, eu não sei se você é um piloto filósofo, ou um filósofo piloto, o certo é que, com ou sem razão, me parece estar acima do que aparenta. Onde aprendeu tanto?

— Por incrível que pareça, eu aprendi alguma coisa, exatamente no meio de pessoas humildes.

— Onde está essa escola?

— No Centro Espírita! Você não acredita no Espiritismo?

— Eu confesso que já me sinto vencido por essa Doutrina, que tanta repugnância me causa.

— Meu amigo o sábio não recusa o que desconhece, a sabedoria o leva à análise, para um convencimento racional. Você não pode negar um fato, pelo simples desconhecimento de sua origem. Analise o Espiritismo, quanto ciência, filosofia e religião e, certamente, os fenômenos aparentemente inexplicáveis se tornarão claros e razoáveis.

A dona da casa aproximou-se dos dois amigos, convidando-os para entrar.

— Ora viva, doutor, o senhor por aqui! Vamos entrar, tomar um cafezinho. E você, Filó, o avião enguiçou?

Riu desembaraçada, arrastando os dois para dentro da casa simples, de chão batido. A mesa era farta, biscoitos da região, de polvilho, queijo da fazenda, brevidade, bolo de arroz e outras coisa típicas. Café, leite, pinga e o inevitável licor de genipapo ou cajú. Era um entra e sai danado, um come, bebe e cospe sem fim, um disse que disse, desmedido, uma animação sem freios. Aquela gente parecia querer exaurir ali, numa única noite, todas

as emoções, sonhos e esperanças, esquecidas do ontem, desinteressadas pelo amanhã, aferrados no hoje, agora, já. Eram felizes, no desapego dos limites.

— Vá dançar, doutor, vá esquecer que é doutor, que é sabido, que é rico, pra sê feliz!

— Eu não sou doutor, não sou sabido, não sou rico e não sei dançar.

— Então vá ser feliz, vá dançar!

— Eu não sei.

— Falar, coçar, dançar, é só começar. Começa, você vai ver que é bom esquecer.

O Filó já estava volteando pelo salão, olhando de lado, debochando do agrimensor. A dona da casa, mulher quarentona e furnida, arrastou o agrimensor para o meio dos dançarinos, atracou-se com ele e cochichou no ouvido:

— Mexe pra lá mexe pra cá, finge que sabe dançar. Quanto mais apertado menos erra e mais aprende.

— E o teu marido, não tem ciúmes?

— Ele está atracado com a comadre, não tem tempo e nem precisão de ciumar. Mexe, seu besta, mexe que é bom.

— É bom mesmo.

— É bom, mas o que tem começo, tem fim. Eu vou entregar você pra Nina, minha filha, ela vai tirar tua encabulação.

A mulher chamou a filha, que se mexia servindo as pessoas, aqui e ali, entregando-lhe o jovem, como se fora um troféu de caçada.

— Toma Nina, tira a vergonha dele.

A moça, mais saliente e atrevida que bonita, virtualmente atracou-se com o moço, esfregando-se nele sem nenhuma preocupação.

— Aperta, meu nêgo, quanto mais aperta, melhor é a dança.

— E o povo?

— Ninguém olha, cada um tá apertando a sua e a cachaça faz o resto.

A moça se atirava cada vez mais desenvolta. A mãe olhava, aprovando tudo com um sorriso quase safado.

— Estou cansado, Nina, quero beber alguma coisa.

— Então vamos.

A moça, quase como vencedora arrastou o agrimensor para um canto, pouco iluminado pela sovinice do lampeão de querosene, trouxe um licor e recomeçou o ataque. Depois de algum tempo, o agrimensor não suportou mais o assédio.

— Nina, você não acha isso errado?

— Só é errado o que é forçado ou prejudica os outros. O que se faz de gosto, não tem nada de errado.

Estranha filosofia, pensou o moço. Mesmo assim, despediu-se, convidou o Filó e se foram.

No dia seguinte, em pleno vôo de retorno à capital, dia limpo sem nuvens, céu de brigadeiro, como diziam, os dois amigos, inicialmente silentes, começaram a trocar impressões.

— Você acha que aquela gente é feliz?

— Acho que são felizes ao seu modo; hoje estão esquecidas de nós, vivendo a rotina de cada um e a sua rotina, sem amarras nas frustrações do passado, suas ilusões enganosas para o futuro, presos, apenas, aos fatos e às exigências do presente. Vivem e deixam viver, não se atrelam aos limites impostos pela discutível moral da civilização, por isso são desatrelados, livres, felizes.

— Meu caro piloto-filósofo, o que é moral para você?

— Para mim, moral é uma decorrência dos limites impostos pelos costumes, valendo dizer, impostos pela cultura de cada povo. Para o dito civilizado, é imoral andar despido, para o silvícola, é imoral cobrir o corpo com vestimentas. Para certas culturas orientais, a monogamia é sinal de fraqueza e ausência de sabedoria, enquanto a poligamia é sinal de poder e sabedoria. Aqui, a virgindade é sinal de zelo e pureza, entre

outros povos, é mácula que deve ser desfeita por um especialista, para que a noiva possa ser entregue ao noivo. Desta forma, meu amigo, a moral é um conceito relativo à cultura e costume de cada povo e de cada momento de sua história.

— Sendo assim, a moral cristã, também é relativa!

— Quanto à forma ela é relativa, pois foi dirigida na linguagem adequada àquele momento. Entretanto ela é eterna, quanto à essência, pois direciona o homem para a busca da verdade.

— Em que se alicerça a moral espírita?

— Como renovação da mensagem Cristã que foi obliterada pela ação e interesses humanos, a moral espírita, quanto à forma, se direciona para a prática do bem e, quanto à essência, é adstrita ao respeito às leis Eternas, que emanam da Sabedoria Absoluta, que é Deus.

— Filó, eu não sei se creio no que você diz, mas fala com tanta singeleza, que me leva a pensar um pouco mais sobre o tema.

— Paulo, sem nenhuma imposição, se você desejar, eu o convido para irmos ao Centro Espírita que freqüento.

— Eu irei com prazer.



Na capital, o agrimensor certificou-se da degradingolada de seus negócios, tomando a iniciativa de recomeçar a vida, voltando aos estudos como sempre o desejara.

Ao amanhecer, quando se preparava para ir ao trabalho, percebeu a presença de uma mocinha recostada ao portão. Era ela, a menina malcriada do garimpo, da bicicleta, do deboche. Aproximou-se e percebeu que ela deixava rolar lágrimas assemelhadas a pérolas, que corriam soltas e sucessivas, sobre a pele aveludada. Era ainda mais bela chorando.

— Por que está chorando?

— Querem casar-me à força com um homem que mal conheço.

— Quem está tramando essa maluquice?

— Eu acho que é minha madrasta que está metendo isso na cabeça de meu pai. Ela quer ficar livre de mim.

— Obedeça teu pai, talvez você venha a ser feliz.

— Não, eu vou é fugir.

— Pra onde?

— Pro inferno.

— Você continua malcriada e respondona. Se for pro Inferno, não te esqueças de me procurar lá, pois eu acho que vou pra lá também, segundo as ameaças que me fazem.

A mocinha saiu, dando de ombros, saia curta, bamboleando as cadeiras, provocante e bela. Filó contou ao agrimensor quem era aquela menina e o destino que tomara no torvelinho de um casamento negociado. Anos mais tarde, o agrimensor reencontrou aquela menina, agora mulher e mãe. O destino escreve a sua estória, à revelia dos homens e suas paixões.



Algum tempo passado, um grupo de senhoras liderado por uma cinquentona bem falante, bateu à porta do agrimensor.

— Podemos entrar?

— O que desejam?

— Queremos falar-lhe de algo muito sério para o senhor.

— Pois entrem e estejam à vontade.

Nomes trocados, amabilidades pra lá e pra cá, a líder do grupo iniciou sua pregação.

— Trazemos a mensagem com o plano de Jesus para a salvação de tua alma.

— Mas eu não acredito nisso!

— Por isso mesmo, para fazê-lo acreditar e ser salvo é

que estamos aqui, com a palavra de Deus.

E falou, falou e falou, citou versículos e mais versículos da Bíblia, num linguajar de refrão decorado, insistente, cansativo.

— O senhor precisa ler a Bíblia, trazemos aqui um livrinho com trechos extraídos dela, devidamente interpretados.

— Olha, minhas amigas, eu leio constantemente a Bíblia e, por isso mesmo, acho que ela não é a Palavra de Deus, mesmo porque Deus não é homem para sair por aí escrevendo besteiras.

— Não diga isso, é pecado!

— Maior pecado cometeram vocês porque falam mas não respeitam o que está escrito na Bíblia. Em I Coríntios, Cap. XIV, versículos 34 e 35 está escrito:

“Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas, como também a lei o determina”.

Pelo visto, minhas amigas, vocês querem ensinar aquilo que não cumprem. Não tenham raiva de mim, eu, apenas, acho que a Bíblia é um livro humano, cheio de coisas boas, edificantes e corretas, mas contendo erros e equívocos como esse que lemos, pois eu acho que a mulher não pode ser proibida de falar e pensar e de participar da vida, como ensina o livro dito sagrado.

As mulheres se foram, de cara fechada, mal despedindo-se do jovem agrimensor.

O Retorno de Lívia

Na esteira do tempo, os fatos vão tomando coloração diferente, transformando-se ou esmaecendo em seus valores. As pessoas, suas dificuldades e paixões, transmutam-se a cada momento, reacendendo sonhos, preocupações ou desalentos. É a vida cedendo lugar à morte e, esta, alimentando a vida, num ciclo eterno de mutações.

Lia, com a assistência de um grupo espírita, alcançara a cura, readquirindo o viço próprio de sua idade. De auxiliada e protegida, passou a auxiliar Têê na proteção a Lívia. Com os conhecimentos que tinha, passou a participar ativamente das atividades sociais, tornando sua presença quase obrigatória em todos os eventos da comunidade. Seguia alegre, radiante, dividindo com as amigas as alegrias de sua nova vida. Bondosa e solidária, fazia questão de levar Lívia, em sua cadeira de rodas, para que participasse de todos os acontecimentos.

O único médico da cidade, um cincoentão ainda furnido, proprietário da pequena e modesta casa de saúde, viúvo de alguns anos, interessou-se por Lia, que ao ser cortejada, sentiu renascer o viço do amor reprimido. Teco o seu filho, acompanhara o magistrado que fora transferido para a Capital e que se esmerava no cumprimento da promessa de educá-lo. Lia, remoendo os pensamentos, concluía que seria bom corresponder aos galanteios do médico, na esperança de encontrar um

companheiro. Depois de alguma hesitação, decidiu confiar os acontecimentos às amigas. No café da manhã, Lívia fez suas considerações.

— Lia, algo de especial está acontecendo com você. Vejo-a mais reflexiva, com um “quê” de preocupação. O que está acontecendo?

— É mesmo, acudiu Têê, você está diferente.

— Olha, minhas amigas, de fato eu estou confusa. O doutor Lico me propôs casamento e eu não sei o que fazer.

— Você ainda tem dúvidas? Ele é bom, honesto, caridoso, bem aparentado, o que você quer mais na vida?

— Lívia, eu tenho medo, penso no Teco!

— Ele vai ficar feliz sabendo disso, o doutor Lico o admira muito.

Têê interferiu na conversa.

— Vá correndo aceitar a proposta dele, nenhuma mulher nesta cidade enjeitaria aquele homem para marido.

A proposta foi aceita, o casamento foi aguardado como o acontecimento mais importante da cidade. Paulo e o doutor Teófilo, o velho magistrado, foram convidados e, com eles veio o Teco, já bem taludinho e bem vestido. Todos da cidade e vizinhança compareceram ao ato, emprestando uma certa pompa à cerimônia.

Após o casamento, Lia integrou-se à vida do esposo, passando a auxiliá-lo como enfermeira na casa de saúde. Era dedicada e prestimosa, cuidando dos pacientes com desvelo. Não havia na cidade, uma casa, uma família, onde o doutor Lico e sua esposa Lia, não houvessem entrado prestando socorro. Eram solicitados por políticos e politiquinhos, para ingressarem em partidos políticos, dado o prestígio de que desfrutavam, convites sempre recusados com delicadeza. Lia, pouco a pouco levou o marido a conhecer e aceitar a Doutrina Espírita.

A vida continuava na rotina de sempre, a mesmice, o tempo passando lento, a espera indefinida, a esperança além dos

horizontes. Foi quando a modorra foi vencida pela tragédia. O Chico Berro fora tocado e trazido às pressas para as mãos do doutor Lico, que se entregou ao socorro com desvelo, auxiliado pela bondosa Lia. Muitos dias passou o fazendeiro entre a vida e a morte. Na cidade, a grande maioria odiava aquele homem, alguns desejando, mesmo, a sua morte. Acácio, fazendeiro confrontante do Chico, após a última notícia, desabafou:

— Bem que ele poderia morrer e ir pro Inferno.

— Não diga isso homem, Deus é quem sabe das coisas, repreendeu a mulher de Acácio.

— É, Maria, vasilha ruim não quebra, chumbo costuma engordar gente ruim.

— Cala essa boca, pra não ser castigado.

Dias e noites se sucederam com o doutor Lico e a esposa à cabeceira do fazendeiro, até que os ares da melhora começaram. Chico começou a tomar conhecimento dos fatos e a avaliar o auxílio e dedicação que estava recebendo. Já um pouco melhor, questionou o médico.

— Doutor, eu vou escapar ?

— A fase mais difícil já passou, se não houver uma infecção, acho que você vai ficar bom.

Em dado momento, na ausência do médico, Chico chamou Lia para perto de si, tomou-lhe a mão e perguntou.

— Dona Lia, você não foi a mulher do Quito?

Lia precipitou-se nas brumas de um passado tenebroso, pela recordação provocada. Refeita, tomou forças e serenidade para responder.

— De fato, seu Chico, eu fui a esposa do Quito, mas isso já passou.

— Não, para mim não passou. Nunca pensei que existisse gente como você, pois, pelo mal que lhe fiz, poderia deixar que eu morresse. Eu vou devolver as terras que eram de vocês, só não posso devolver é a vida do Quito.

— Seu Chico, esqueça tudo isso, não queremos nada,

muito menos as terras. Se quiser me fazer um favor, esqueça isso.

Chico Berro, o abrutalhado e violento fazendeiro, sentiu, talvez pela primeira vez, as lágrimas rolarem, enquanto Lia colocava o soro em sua veia.

A vida é assim, a mão que bate, fere-se, a mão que acaricia, perfuma-se.



A vida continuava alegre e feliz, para aqueles amigos, que sabiam valorizar mais os verdadeiros dons oferecidos pelo Pai, que os passageiros e imediatos valores materiais. Lia, era esposa dedicada e enfermeira querida pelo povo. Tê-tê, humilde, sábia e doce, desdobrava-se no zelo a Lívía e no trabalho assistencial no Centro Espírita. Lívía, embora presa às restrições da paralisia, participava de tudo, locomovendo-se em sua cadeira de rodas, chegando a fazer palestras sobre temas espiritualistas, no Centro e em cidades vizinhas, onde era ouvida com agrado. As três amigas e o menino Teco, eram exemplos vivos de vitória sobre dificuldades, pela força da perseverança e da fé.

Paulo retornou para uma visita a Lívía e suas companheiras. O sol se punha, escondendo-se na proteção das serras, anunciando o luar da lua cheia, no silêncio da noite que se aproximava. Paulo seguia, rua acima, ruminando seus pensamentos. Como seria bom viver em paz, satisfeito com a vida, no cimento da fé e na ausência dos atritos, nos torvelinhos das ambições e da ganância do lucro. Deve ser bom viver como Lívía e suas amigas. Perto de casa, como de outras feitas, ouviu o melodioso cântico das moças, repetindo as mais doces canções, as mais ricas do cancionário popular. Repetiram o Luar do Sertão, a Tristeza do Jeca, Asa Branca, Assum Preto e a inevitável Índia. O jovem, batido pelas reflexões, como já o fizera outras vezes, sentou-se nas raízes da frondosa árvore que vicejava à frente da casa, para não interromper e deliciar-se com o canto.

Foram momentos valiosos para o agrimensor, revivendo emoções que não poderia reprimir. Sentia que algo lhe faltava para respirar plenamente, os haustos da vida. Seria o amor? Uma voz interior, como se fora um vulcão em borbotões, empolgou a sua mente: O que te falta é a fé. As moças arrematavam cantando:

Não sei se é sucesso,
Se é atraso ou progresso,
Para chegar à riqueza,
Depredar a natureza.

É o progresso,
Matando a natureza,
Acabando com a beleza,
Do meu sertão,

É o sucesso,
Nas asas da avareza,
Na ambição da riqueza,
Sufocando o coração.

Não sei se é sucesso,
Se é atraso ou progresso,
Para chegar à riqueza,
Acabar com a natureza.

Paulo não resistiu, entrando na casa, onde foi recebido com a costumeira manifestação de alegria. Conversa animada, café servido, veio a noite dourada pelo luar.

Passado algum tempo, chega o Belchior, visivelmente agitado.

— Boa noite, peguei todos juntos, quero falar com vocês, disse o inesperado visitante.

— Entre Belchior, acalma-se, vamos assistir à reunião, depois você dirá o que deseja, observou Têê.

Era o dia da reunião espírita semanal que realizavam na casa. Os outros companheiros, membros do Centro Espírita, começaram a chegar, perfazendo um número aproximado de quinze pessoas. Organizada a mesa, cada um em seu lugar, uma senhora abriu os trabalhos, como sempre fazem os espíritas. Paulo percebeu nitidamente a presença da Madre Angélica, envolvendo o corpo de Têê, que levantou-se, convidou o Belchior para sentar-se numa cama no quarto contíguo, onde colocou as mãos sobre sua cabeça pedindo a retirada de seres invisíveis. Belchior, caiu em profundo sono, quase imediatamente. Têê, envolvida por Madre Angélica voltou ao seu lugar, fez uma preleção edificante, concluindo por afirmar: A espinha dorsal da Doutrina Espírita, é a prática do bem, que é, em síntese, a manifestação de Deus.

A seguir fez-se silêncio tumular. A penumbra foi vencida pouco a pouco por um foco luminoso, que envolvia a figura de um ancião, do qual se destacava o olhar firme e penetrante. Paulo, já afeito àqueles fenômenos que atribuía às emanções da mente, reconheceu a figura de Arcana, velho conhecido seu. O ser materializado falou:

— Paulo, a tarefa que tens pela frente, está no momento de ser iniciada.

— Que tarefa é essa?

— Volta para a Capital, os fatos, os acontecimentos e as circunstâncias indicar-te-ão o caminho.

— Arcana, já que me destes tantas informações, no passado, poderias, hoje, dizer-me quem é e o que faz o Belchior?

— Paulo, um dia não muito distante, eu vou ajudar o próprio Belchior a contar a sua estória, que tem liames verdadeiros com os irmãos que compõem esse grupo.

Arcana despediu-se e desapareceu na penumbra da sala. Lá fora, a lua se assemelhava a uma jóia adornando a morenidade da noite. Paulo caminhava de volta para o hotel, ouvindo suas próprias passadas no carvalho batido no leito da rua, como se fossem palavras revivendo o passado. Quantas vezes já fizera aquele trajeto, pensando em mudar o rumo de sua vida,

entretanto ali estava, como preso atrelado aos liames do destino. O curiango, aquele pássaro notívago, mentiroso na promessa, como se fora um mestre da política, gritava no cerrado que circunda a cidade, repetindo a promessa do “amanhã eu vou”. A coruja, agourenta, gargalhava na torre da igreja, causando arrepios nos supersticiosos e justificado medo às ratazanas que caçava. O amante furtivo, era denunciado em suas escapadelas, pela irreverência do cão vadio, certamente frustrando a doce e perigosa experiência do amor esquivo e proibido. Assim, era, é e será a vida, um embalo de emoções, sonhos, esperanças e frustrações, para, afinal, desaguar na certeza fria do túmulo.

O agrimensor, andando, como de outras feitas, ouvia a viola e a canção do Tito da Viola, o amante plural de pacientes e conformadas mulheres. Ele, elas e a multiplicada prole, cantavam:

Mata a solidão,
No esquecimento da paixão,
No balanço da vida,
De fato só vale a pena,
O abraço da morena,
O amar e ser amado;

Deixa o sofrer de lado,
Esqueça a dor, a solidão,
Afoga teu coração,
No amar e ser amado.

Mata a solidão,
No esquecimento da paixão.

Tito cantava, o agrimensor se ia, sem saber para onde, acorrentado ao seu destino.



Na capital, o dia amanhecera amornado, como se prenunciasse algo desagradável. A campainha chamou, Paulo foi atender. Em sua frente estava o Teco, já rapazola, destacando-se pela indumentária perfeita e bem acabada. Agora ele era assistido pelo antigo magistrado e, mais, pela mãe e o seu marido, o doutor Lico. Era um belo moço, uma promessa que o futuro não desmentiu. O agrimensor, alegre o convidou a entrar.

— Que alegria vê-lo tão bem apessoado. Quais são as novidades?

— Doutor Paulo, trago más notícias, a nossa Lívia, de acordo com as informações do doutor Lico, está prestes a deixar a vida e pediu que fôssemos vê-la pela última vez.

De imediato tomaram as providências para irem ao encontro da amiga, o que fizeram em pequeno avião fretado às pressas.

A cidade, acompanhava com tristeza, o desenrolar da doença da moça. O doutor Lico fazia o que podia, sentindo que os seus recursos se mostravam impotentes diante da morte.

No leito, Lívia sentia o esvair de suas energias vitais, enquanto o dedicado médico injetava algo na veia, alimentando a esperança extrema.

Paulo, a tudo atento, percebeu que Lívia levantou-se do leito, como um ser etérico, deixando inerte o corpo físico, como se fora uma roupa abandonada. Colocou-se de pé, olhou seu próprio corpo, sorriu para o agrimensor e deixou escapar uma prece audível para o jovem.

— Pai, eu agradeço a oportunidade da experiência vivida neste corpo, do qual tua bondade permite libertar-me.

Arcana, espírito secular, auxiliar do progresso do homem na Terra, chegou-se a um lado daquele ser recém liberto, enquanto Maria Rosa postou-se do outro lado, deixaram os aposentos, de mãos dadas, caminhando para o ignoto do ser e do existir.

O doutor Lico tentava reanimar o corpo. Paulo interferiu:

— Doutor, o duplo etérico, ou o espírito de Livia, já deixou o corpo, ela não vive mais.

— Como você sabe?

O agrimensor calou-se, nem ele mesmo acreditava no que presenciara. Olhou e percebeu que Têê observava tudo, sem uma única lágrima.

— Você não chora a morte da amiga?

— Eu não choro a morte, pois ela não existe, eu me alegro com a verdadeira vida que, agora, ela volta a viver.

Estranha gente, não se atemoriza com a morte e desprezam a dor, sem perder a tranquilidade da fé, pensava o agrimensor. Gostaria de ser espírita, talvez até já seja, sem a confissão da fé.